HOLI-DATE



A NOVEL

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

MONICA MURPHY



DOLL BOOKS

Tradução: Ariella

Revisão Inicial: Ariane

Revisão Final: Greice

Leitura Final: Paty

Conferencia: Ana Claudia, Iza Fernanda & Lorelai

Formatação: Ariella



Candice Gaines adora o Natal. Ela não apenas se perde nas luzes cintilantes, canta canções de Natal e enlouquece com as decorações, ela também está no espírito de generosidade, doando muito de seu tempo e riqueza para várias instituições de caridade na área local.

Charlie Sullivan despreza o Natal. Embora isso mantenha sua família à tona, considerando que eles são donos da A Sullivan Family Christmas Tree Farm, a principal fornecedora de árvores de Natal na península de Monterey. Ele prefere trabalhar entre as árvores do que ter que lidar com as pessoas.

Mas os pais de Charlie estão assumindo projetos mais filantrópicos - e como seu filho mais velho, eles querem que ele seja seu representante público oficial. Ele apenas tem que ser gentil e convencer a todos de que não é um odiador total de feriados.

Quando a mãe de Charlie pede a Candice para acompanhá-lo a uma variedade de festas e eventos de Natal, ela relutantemente concorda. Ela acha que Charlie é um grande e velho Grinch, mas está determinada a mudar sua mentalidade e ajudá-lo a espalhar a alegria do Natal. Charlie acha Candice muito faladora, muito, muito doce. Pessoas como ela realmente existem?

Sim, elas existem. Quanto mais tempo eles passam juntos - junto com alguns beijos sob o visco - mais eles começam a gostar um do outro. Esperançosamente, Charlie pode convencer Candice de que ele não tem um coração duas vezes menor antes que a bola que cai na véspera de Ano Novo.

HOLI-DATE

MONICA MURPHY


Natal dos Gts
Doll Books
#GtsUnidos

PLAYLIST

Holiday - Madonna

Rockin Around the Christmas Tree - Brenda Lee

Jingle Bell Rock - Bobby Helms

All I Want For Christmas is You - Mariah Carey

Last Christmas - Wham!

Its the Most Wonderful Time of the Year - Andy Williams

This Christmas - Donny Hathaway

Sleigh Ride - The Ronettes

The Christmas Song - Nat King Cole

Purple Snowflakes - Marvin Gaye

Last Christmas - Taylor Swift



CANDICE

Natal!

Abro a porta, Madonna dispara pelos alto-falantes quando entro no prédio. É início de novembro. Estou na Starbucks, e essa música sempre me faz pensar no Natal, mesmo que não seja o que eu consideraria uma música de Natal.

Comemoro!

Seguindo a batida no caminho para o balcão, faço meu pedido - um grande café com leite com especiarias de abóbora, é claro. Embora um café com leite de gengibre seja o meu favorito, ele ainda não está disponível - e depois vou até o balcão de entrega, verificando meu telefone enquanto espero minha bebida.

Se estou sendo sincera agora, tenho que confessar que não sou uma grande bebedora da Starbucks. Prefiro apoiar empresas locais ao invés de uma corporação gigante que, lenta, mas seguramente, dominará o mundo, mas estou em Monterey hoje à tarde e é aqui que estamos nos reunindo.

Quem somos *nós*, você pergunta? Meu pequeno subcomitê de duas, eu e outra mulher, encarregadas das decorações da festa anual de férias organizada pelo Conselho de Artes da Península de Monterey. Na verdade, eu estou em uma variedade de comitês de captação de recursos, e a temporada de festas é quando tudo acontece a todo vapor. Ou seja, estou muito ocupada agora. Tipo, durante a maior parte de novembro e todo o mês de dezembro, eu não sei se estou indo ou vindo.

Não se preocupe comigo, no entanto. Eu amo esse tipo de coisa. A angariação de fundos é a minha COISA, que é algo estranho na minha idade (vinte e poucos anos). Tenho certeza que você está pensando, mas não preciso trabalhar e preciso de algo para preencher o meu tempo.

Minha mãe - descanse em paz, mamãe - cuidou da minha segurança financeira quando morreu quando eu tinha oito anos. Ela garantiu o meu futuro e me deixou muito dinheiro, o que me deixou à deriva depois do ensino médio. Não fui para a faculdade porque não sabia o que queria ser. Eu viajei um pouco. Passei um mês tentando atingir a maioria dos países da Europa que pude, mas fazê-lo sozinha... foi uma porcaria.

Não acredito que meu pai me deixou ir sozinha. Eu sou a garota do papai completamente. Aposto que você está engasgando um pouco agora, hein? Mas é verdade! Eu amo muito meu pai, mesmo que ele possa ser um idiota mandão às vezes. Ele me ama, é muito super protetor e acho que foi a influência da minha madrasta que o deixou concordar comigo em viajar pelo mundo por conta própria.

Quando voltei para casa e, depois de alguns meses sem fazer absolutamente nada, decidi me dedicar a trabalhos de caridade. Por que não usar o dinheiro que minha mãe me deixou - e somente a mim, não aos meus irmãos - e ajudar os necessitados? Além disso, isso me mantém ocupada.

E eu gosto de ficar ocupada. — Olá, Candice.

Eu me viro para ver uma a minha colega do comitê - Joyce Rothschild - sorrindo gentilmente para mim. Ela provavelmente tem idade suficiente para ser minha avó, e eu sei que quando comecei a aparecer nas reuniões do conselho de artes, acho que ela não acreditava que eu era sincera. Nenhuma delas achou. As damas ricas da sociedade me humilharam durante seus encontros e reuniões, imaginando que eu nunca mais apareceria.

Bem, eu mostrei a elas. E agora sou a organizadora de festa delas. Nada me deixa mais feliz do que planejar uma festa. Faça uma festa de Natal e estou no céu absoluto.

Céu, eu digo.

— Joyce! É tão bom vê-la. — Dou-lhe um breve abraço quando o barista chama meu nome. Pego minha bebida, desejando ao barista um bom dia antes de seguir Joyce até uma mesa, onde já há uma outra mulher sentada. Eu não a reconheço. Na verdade, essa reunião deveria ser apenas Joyce e eu. Ter muitas pessoas discutindo a logística da decoração de festas sempre se transforma em caos, confie em mim.

Então, quem é essa mulher que eu não conheço? Hummm.

Ela é definitivamente mais velha que eu e não se parece com as mulheres comuns da alta sociedade que associo à captação de recursos. Não que eu seja uma pessoa julgadora, mas acho que você entende o que quero dizer. Por exemplo, Joyce está vestida com roupas de grife da cabeça aos pés, completamente juntas, como se estivesse a caminho de ir para seu trabalho corporativo.

Por acaso, sei que Joyce não trabalha há trinta anos e ela definitivamente nunca esteve em um trabalho corporativo.

Esta mulher desconhecida está vestindo jeans e uma camisa de flanela azul e branca escura. É uma camisa de flanela muito legal, posso dizer que é de alta qualidade, e ela usa botas caras. Mas ela não tem maquiagem no rosto bonito e seus longos cabelos castanhos são puxados para trás em uma única trança, algumas mechas de cabelo escuro emoldurando seu rosto oval. Seus lábios carnudos naturalmente se curvam, como se ela estivesse sorrindo perpetuamente, e não posso deixar de sorrir de volta.

Imediatamente gosto dela. Ela provavelmente tem a idade da minha madrasta e eu amo Mitzi, embora não sejam iguais. Por alguma razão, identifico essa mulher como um tipo da natureza. E eu amo a natureza.

Com quem estou brincando? Eu amo tudo.

Exceto cobras. Ah, e gafanhotos. Eles me assustam.

— Candice, essa é Isabel Sullivan. — Joyce acena com a cabeça em direção à mulher de aparência amigável. — Isabel, esta é Candice Gaines. Ela é a presidente de decoração do evento deste ano.

— Prazer em conhecê-la. — Isabel se levanta e estende a mão, aquele sorriso quente ainda em seu rosto. — E por favor, me chame de Bel.

— Prazer em conhecê-la, Bel. — Eu sorrio para ela - ela é super alta - me sentindo perplexa. Hã. Acho que reconheço o nome dela, mas não consigo identificá-la.

— Eu sei que é de última hora, mas quando Bel se ofereceu para nos ajudar com a festa, fornecendo árvores vivas para o evento, eu absolutamente não podia dizer não. — Diz Joyce depois que nos sentamos, sua voz, seu corpo inteiro praticamente tremendo de excitação.

A-ha. Por isso reconheço o nome dela. A Sullivan Family Christmas Tree Farm[1] existe desde que me lembro. Eles praticamente têm uma trava completa em todas as grandes propriedades de árvores de Natal na Península de Monterey. Como em todos os lotes de árvores que você vê por aqui durante a temporada de férias, geralmente tem aquela placa Sullivan vermelha e verde familiar à sua frente. E se você quiser ter a

[1]Fazenda de Árvores de Natal da Família Sullivan.

experiência de cortar uma árvore de Natal viva para sua casa, você também pode fazer isso com a fazenda que eles têm no Carmel Valley, que não é muito longe daqui. A maioria das famílias que conheço que já fez isso geralmente transforma a jornada para a fazenda de árvores em uma viagem à tarde.

Nós não fizemos esse tipo de coisa quando eu era criança, especialmente depois que minha mãe morreu. Árvores falsas reinavam em nossa casa. As verdadeiras sujavam demais. Eu sempre sentia falta do perfume, e nenhuma vela pode replicá-lo. Eu gastei muito dinheiro ao longo dos anos tentando fazer isso acontecer.

— Isso parece incrível. — Eu digo, a emoção borbulhando dentro de mim. Eu já podia imaginar uma fileira de árvores altas e grossas ladeando os lados da entrada do prédio que alugamos para o evento, todas as árvores iluminadas com pequenas luzes brancas de fadas. O aroma perfumado de pinheiro cumprimentaria a todos quando eles entrassem, além das luzes. Todos ficariam encantados a partir do momento em que entrassem. — Nós poderíamos fazer a entrada parecer uma floresta.

— Uma floresta de fadas. — Acrescenta Joyce. — Com luzes cintilantes em todos os lugares.

— Foi exatamente o que vi em minha mente também! — É por isso que Joyce e eu trabalhamos tão bem juntas. Nós pensamos da mesma forma.

Minha emoção murcha imediatamente e fico solene. É bom que eu compartilhe pensamentos semelhantes com uma mulher com mais de sessenta anos? Não tenho certeza.

E, neste momento, também não tenho tempo para investigar profundamente.

— O que vocês quiserem, tenho certeza de que podemos oferecer. — Diz Isabel com uma risada suave. É assim pela próxima meia hora, nós três com a cabeça dobrada no planejamento de detalhes de decoração de última hora. Joyce anotou tudo em seu caderno espiral com aquela letra elegante dela enquanto eu digitava na seção de notas do meu telefone. Eu entrara nessa reunião com uma visão clara e planejada, mas a adição da doação da Sullivan Tree Farm mudara as coisas um pouco.

Não é suficiente para me desestabilizar, no entanto. Eu vivo para esse tipo de coisa de última hora.

Quando termino minhas anotações, nossa reunião termina e Joyce está guardando seu caderno em sua grande bolsa Louis Vuitton.

Eu arrisco um olhar para Isabel, que está jogando sua bolsa preta indefinida por cima do ombro enquanto ela se levanta. Aposto que ela não se importa com coisas de marca. Eu já gosto disso nela, embora não tenha ideia se minha suposição está correta.

Você vê, isso é um problema meu. Eu assumo muitas coisas. Meu irmão Kevin me diz que é um mau hábito. Meu irmão mais velho Jared chama isso de aperfeiçoar meus instintos.

Estou do lado de Jared nisso.

Isabel aponta esses lábios curvados direto para mim, e eu olho para ela, notando o quão alta ela realmente é. Ela se eleva sobre mim, mas eu sou uma espécie de camarão, então parece que *todo mundo se* eleva sobre mim.

— Tenho um jantar com meu marido para o qual preciso ir para casa e me preparar, então tenho que ir. Adeus, senhoras! Obrigado por sua ajuda! — Joyce diz com um aceno entusiasmado enquanto se dirige para as portas. — Eu entrarei em contato!

Isabel e eu observamos Joyce ir, viramos uma para o outra quando a porta se fecha atrás dela. Parece que a Starbucks está no auge dos anos 80, porque atualmente Cyndi Lauper está saindo dos alto-falantes. “Girls Just Want to Have Fun” é um hino pessoal, com certeza.

— Obrigado novamente por se oferecer para nos ajudar. — Digo a Isabel enquanto empurro a cadeira que estava usando. — Suas árvores ficarão lindas na nossa festa.

— Isso não é um problema. Minha família está tentando se envolver mais com as atividades da comunidade, especialmente com as férias se aproximando.

— Sua fazenda já não fornece as árvores para quase todos os eventos de luzes da região? — Há *cinco* cerimônias de luzes de árvores que posso pensar que começam a acontecer no dia seguinte ao dia de Ação de Graças, no início de dezembro. E tenho certeza de que todas essas árvores são da Sullivan.

— Sim, nós fazemos. — Ela sorri. — Mas queremos fazer muito mais. Ter uma presença ainda maior e mais pessoal na comunidade durante as

festas de fim de ano. — Ela hesita por um momento antes de continuar: — Eu estava pensando, Candice, se eu poderia lhe fazer uma pergunta pessoal.

Inclinando minha cabeça para o lado, eu a contemplo. Esta é uma mulher confiante e segura de si, e agora ela parece terrivelmente desconfortável. O que *me* faz sentir terrivelmente desconfortável. — Por favor. Vá em frente. — Eu digo, incapaz de esconder a cautela no meu tom.

A curiosidade substitui a cautela para mim todas as vezes.

— Bem, esse é um pedido estranho, mas... eu sei o quão bem conectada e amada você é nos círculos sociais locais.

Eu posso sentir minhas bochechas esquentarem com o elogio dela. — Ah, obrigada.

O sorriso dela é amigável. Os olhos dela também estão sorrindo, então eu sei que ela está sendo genuína. Kevin diria que estou assumindo novamente, mas, na verdade, são apenas meus instintos naturais. Eu sou realmente boa em ler pessoas.

— E eu sei o quanto você ama as férias. — Continua Isabel. — Nos últimos anos, eu vi inúmeras fotos suas em todos os eventos temáticos de férias da região, sempre vestindo algo festivo.

Isso é cem por cento verdadeiro. Eu tenho tantos vestidos brilhantes no meu armário que se reunissem todos, eles poderiam cegar uma pessoa. Sou uma grande e sem vergonha fã de lantejoulas e glitter. — Eu amo o Natal.

— Eu sei. Eu posso dizer. — Ela ri. Balança a cabeça. Morde o lábio inferior como se estivesse relutante em dizer a próxima coisa. Espero em antecipação, minha curiosidade ficando mais forte quanto mais tempo ela leva para continuar.

— Eu me sinto boba perguntando isso. — Ela finalmente diz com uma explosão de ar. — Mas meu filho... ele é o mais velho dos meus quatro filhos e estará assumindo os negócios da família um dia. Enquanto ele sabe exatamente o que está fazendo, em termos de negócios, receio que ele não tenha as melhores, hum, habilidades sociais.

Estranho... — Qual o nome dele?

— Charles Sullivan. Mas todos nós o chamamos de Charlie.

Penso no nome, pensando em uma imagem mental de um certo Charles-Charlie-Sullivan. Mas nenhuma imagem aparece. Conheci muitos homens ao longo dos anos em várias funções sociais, mas acho que nunca conheci...

— Oh, eu tenho certeza que você não encontrou Charlie. — A risada de Isabel fica nervosa. — Você teria lembrado dele, tenho certeza. Ele sempre parece causar uma impressão duradoura.

Não sei se isso é bom ou ruim.

— Como exatamente você quer que eu ajude seu filho? — Eu pergunto a ela, permanecendo educada. E quantos anos esse cara tem? Por que ele não tem fortes habilidades sociais? Ele é um pagão completo que nunca se aventura na floresta?

Hmm, isso pode ser divertido. Pegar um neandertal e convertê-lo em um cavalheiro polido e sofisticado. Uma espécie de *My Fair Lady*[2] reverso. Eu adoro aquele filme!

— Não é que eu queira que você seja o encontro dele, por si só, mas talvez você possa... acompanhá-lo a alguns dos maiores eventos de férias? Estamos tentando o nosso melhor para obter o nome Sullivan por aí. Nosso objetivo para os próximos cinco anos é assumir mais empreendimentos filantrópicos, e meu marido quer que Charlie se torne o rosto da Sullivan Family Tree Farm, se você preferir assim.

Uma expressão horrorizada repentinamente cruza o rosto de Isabel e ela me alcança, descansando a mão no meu braço. — Mas se você já está envolvida com alguém, desconsidere meu pedido. Meu Deus, eu nem pensei que você poderia ter um namorado. Não que você não seja perfeitamente encantadora e adorável, mas já vi tantas fotos suas e você nunca parece estar com ninguém em nenhuma...

Cortei sua tagarelice no meio da frase, um pouco envergonhada por ela. Eu sei como é, fazer um falso passo e sentir como se estivesse insultando alguém quando essa é a última coisa que você quer fazer. — No momento, estou solteira. — Eu digo alegremente.

---

[2] Adaptação vencedora do Oscar do sucesso da Broadway sobre um professor de fonética esnobe e preconceituoso que, por causa de uma aposta, transforma a vendedora de flores Eliza Dolittle em uma lady.

— Então talvez você não se importe em ajudar minha família e ao Charlie? — A expressão esperançosa em seu rosto me faz sentir mal por pensar em dizer não a ela.

Mas talvez eu precise dizer que não. Eu não conheço esse Charles Sullivan de um buraco na parede - e de onde vem essa frase de qualquer maneira? Meu pai sempre dizia isso - e se ele é tão, humm, *memorável* como ela o faz parecer, então ele pode não ser um cara que eu quero me associar?

Merda, eu não sei.

— Posso pensar nisso? — Eu estremeço, odiando que não estou dando a ela um sim, mas uau. Quanto mais eu penso sobre isso, mais estou começando a me perguntar se ela veio aqui se encontrar conosco para que pudesse *me* conhecer especificamente e soltar seu plano ultrajante para mim. Estranho, certo?

Eu deveria correr. Correr muito, muito longe.

Mas eu sou uma pessoa legal. Minha gentileza está arraigada em mim desde que eu era bebê. Minha mãe era conhecida como uma das mulheres mais bonitas da península. Eu tenho uma imagem para defender. As pessoas que conheciam minha mãe me veem e sempre dizem que eu a lembro. Quero ser ela quando crescer e, na maioria das vezes, sinto que *nunca* vou crescer, juro.

A única coisa que não quero imitar é o diagnóstico de câncer de mama da minha mãe.

— Claro que você pode pensar nisso! — A mão de Isabel cai do meu braço e ela balança a cabeça, aparentemente rindo de si mesma. — Você deve pensar que estou louca com o meu pedido.

Sim. Sim, eu acho. — Não, de jeito nenhum. — Eu digo rindo.

— Ufa. Eu estava com medo que você pensasse. — O alívio no rosto de Isabel Sullivan é claro. — Bem, eu vou deixar você pensar sobre isso. Você tem meu cartão de visita. — Ela deu um para mim e para Joyce mais cedo, e o meu está guardado em segurança na minha bolsa. — Então me procure assim que você se decidir. Obrigada por não me dizer para empurrar meu pedido para o sabe-onde.

Começo a rir disso, e ela se junta. — Eu nunca diria isso a ninguém. — Eu a asseguro.

O sorriso dela é misterioso. — Você ainda não conheceu meu Charlie.



— Acho que minha vida está prestes a se transformar em um filme do canal de TV Hallmark. — Digo enquanto me sento na cadeira livre mais próxima à mesa, onde minhas novas amigas estão sentadas.

Minhas novas amigas consistem em Sarah, a incrível namorada de meu irmão Jared, além de Eleanor e Kelsey, que também são amigas de Sarah. Eu ganhei todas elas quando Sarah entrou em nossas vidas recentemente, e ultimamente passamos muito tempo juntas, nós quatro. Nós íamos almoçar. Saíamos para tomar uma bebida. Em ocasiões extremamente raras, nos encontraríamos para um brunch, mas Sarah está sempre com meu irmão ganancioso, por isso não a vejo tantas vezes quanto gostaria.

Sarah também tem muitas outras amigas, todas elas incrivelmente agradáveis, mas elas também são incrivelmente ocupadas. Elas continuam me convidando para suas reuniões semanais no restaurante italiano Toscana, que fica em Carmel e tem a melhor seleção de vinhos de todos os tempos, mas eu costumo cancelar sempre no último minuto, meus nervos tirando o melhor de mim.

Posso ser boa em multidões e festas, mas fico um pouco assustada quando estou com um grupo de mulheres que são da minha idade. Especialmente bem-sucedidas. Como este pequeno grupo com quem estou hoje à noite. Eu sempre sinto que elas olham para mim e pensam: o *que diabos ela está fazendo com sua vida?*

Eu sei que me faço essa pergunta todos os dias.

— Sua vida já não é como um filme da Hallmark? — Sarah brinca, seus olhos brilhando. É o dia seguinte à minha reunião na Starbucks acompanhada pelo pedido ultrajante feito por Isabel Sullivan, e eu ainda não sei o que fazer sobre isso.

Estendi a mão para Sarah, que preparou esse almoço de última hora para nós. Enquanto todas elas têm carreiras e empregos para voltar e só podem me poupar cerca de cinquenta minutos no máximo, eu poderia sentar neste restaurante por horas e gemer e gemer sobre essa pergunta estranha que me foi feita.

Considerando que agora tenho apenas quarenta e oito minutos para contar minha história, preciso explicar.

— Suponho que sim, com todo o trabalho de caridade de Natal que faço. — Digo, satisfeita ao vê-las me observando sem um pingo de julgamento em seus olhares. — Mas ouça o que aconteceu comigo ontem.

Eu digo a elas, o mais breve possível, exatamente o que aconteceu e a ideia que Isabel propôs. Enquanto continuo falando, vejo suas expressões mudarem de curiosas e neutras para três mulheres com olhares estreitos e lábios apertados.

Ah, oh. Elas vão me dizer que absolutamente não posso concordar com isso. Eu posso sentir. Esses instintos naturais estão aumentando demais.

Sarah fala primeiro. Já que ela será minha cunhada algum dia - tenho certeza de que Jared não está nem perto de fazer a pergunta, mas eu não me importo, ele está apaixonado demais por ela para deixá-la ir - valorizo muito a opinião dela.

— Você vai dizer não, certo? — Ela se inclina para a frente, como se quisesse entrar na minha cara para provar um argumento. — Essa é a coisa mais louca que já ouvi. E eu ouvi algumas coisas loucas.

— Como ser o encontro falso de alguém e sair da cidade com ele no fim de semana? — Eu pergunto docemente, visando seu próprio cenário de volta para ela. Também sei que a amiga dela, Caroline, foi a Paris por uma semana fingindo ser a noiva falsa de um cara.

Você pode imaginar, passar uma semana com alguém em outro país e fingir ser a noiva dele?

Eu também sei que Caroline e o cara Alex estão juntos agora e loucamente apaixonados, então acho que funcionou para eles.

Sarah se recosta na cadeira, claramente irritada - estou assumindo com sua situação passada e como ela não pode julgar demais comigo. — Acho que não tenho espaço para conversar. Não posso convencê-la a dizer não, posso?

— Não, você não pode. — Eu ainda gosto de segurar sobre ela que mentiu e fingiu ser a namorada de Jared quando fui fazer compras com eles na primeira vez que a conheci. Vou usar isso pelo maior tempo possível. Talvez até esses dois terem *netos.*

Sei que é muito tempo, mas sou muito boa em segurar as coisas quando quero.

— Eu conheço Charlie Sullivan. — Eleanor fala, sua doce voz cheia de aborrecimento.

— Você conhece? — Meu coração pula. Eu fiz um pouco de pesquisa no Google ontem à noite, e enquanto encontrei bastante informações sobre a Sullivan Family Tree Farm e os lotes de árvores, com fotos de vários membros da família trabalhando ou posando entre os pinheiros ao longo dos anos, não encontrei muita informação sobre o filho mais velho de Sullivan. Nem mesmo uma pegada de mídia social.

Tipo, quem não tem pelo menos o Facebook? Eu raramente estou no meu, mas caramba, vamos lá.

— Sim, eu conheço. — Nossa doce e romântica Eleanor está carrancuda. Que estranho. — Ele é um idiota.

Isso faz com que nós quatro comecemos a rir, apesar de eu ser a primeira a ficar sóbria. — Gente, sério. Eu não quero que ele seja um idiota. Essa é a última coisa que preciso.

— Certo. Então diga não. — Isso de Kelsey, que não é tão legal quanto Eleanor, mas que é honesta e leal. — Isso não parece uma boa ideia, Candice. Especialmente se Eleanor o chama de idiota. Ela ama *todo mundo.*

— Eu não. — Diz Eleanor, indignada. Todas enviamos um olhar para ela e ela suspira. — Tudo bem, então eu amo praticamente todo mundo, mas não amo Charlie. Ele é um cara velho e mal-humorado.

— Como você o conhece? — Eu pergunto, com medo de que ela diga que ele costumava ser seu namorado. Não posso quebrar o código das garotas e sair com o ex dela, mesmo que seja uma situação em que estou apenas acompanhando-o em várias funções sociais para ajudar sua mãe e sua família.

— Eu cortei o cabelo dele. — Eleanor é cabeleireira em um dos salões mais caros de Carmel. Ela fez tão bem. Ela investiu parte de seu dinheiro recentemente no negócio e agora é proprietária de uma parte.

— Cortou? Ou ainda *está* cortando o cabelo dele? — Pergunto.

— Eu corto. Eu acho. — Ela assente. Fazendo uma careta. — Ele é um cliente meu, apesar de não ir no salão há algum tempo. Ele deixa seus cabelos grossos crescerem demais e acaba parecendo um cachorro desgrenhado quando chega para o corte.

Eu vi exatamente uma foto assim dele online ontem à noite, mas tinha que ter sido uma antiga. Ele parecia jovem - em idade escolar - e a imagem era um retrato de toda a família. Ele estava na fila de trás, sua expressão séria, seus cabelos escuros como uma...

Auréola desgrenhada em volta da cabeça.

Parece que ele esquece de cortar o cabelo com frequência. Talvez isso signifique que seus padrões de comportamento são consistentes? Essa é uma boa característica para ter, certo?

— Como exatamente ele é um idiota? — Sarah pergunta, sempre a voz calma da razão. — Quero detalhes. Candice precisa de detalhes.

— Eu quero. — Concordo com entusiasmo.

— Eu não sei. Ele entra no salão com suas grandes e velhas botas, sem nunca dizer muito. Ele é apenas... não muito falador. Como, não fala nada. E você sabe que eu amo conversar com meus clientes. Com todo mundo, sério. — Ela adora. Eleanor vai conversar com você se deixar. — Uma vez ele virou para mim e pediu *para eu* parar de falar. Que ele não aguentava o som da minha voz.

Como se combinássemos, todas descansamos as mãos contra o peito simultaneamente, horrorizadas com a revelação dela.

— Que idiota. — Kelsey murmura baixinho.

— Talvez ele estivesse tendo um dia ruim. — Sugiro, tentando justificar seu comportamento. Eu nem conheço esse cara.

— Ele está sempre tendo um dia ruim. E ele é apenas um caminhão basculante. — Eleanor funga, os lábios curvados. — Eu mereço mais por aturar ele.

— Talvez ele não entenda a etiqueta de gorjeta adequada. — Ofereço, embora meu entusiasmo esteja vacilando.

— Pare de inventar desculpas para ele. O cara parece terrível. — Diz Sarah, Kelsey concordando. — Eu não acho que você deveria fazer isso.

— Por que não? Pode ser divertido. E benéfico. Gosto de ajudar as pessoas, e Isabel Sullivan é uma mulher muito legal. Por que não ajudar ela e seu filho estranho?

— Ele é um homem crescido, Candice. Ele pode descobrir isso sozinho. — Kelsey diz, mas Eleanor balança a cabeça.

— Ele provavelmente precisa da orientação. Ele é um péssimo conversador. — Diz ela.

— Sim, entendeu? Charlie Sullivan *precisa* de mim. Este poderia ser um projeto divertido. Eu posso reformar o homem ranzinza que raramente é visto em público em um cavalheiro suave e sofisticado que as pessoas em nossa comunidade admiram e respeitam. — Digo, meu cérebro imediatamente começando a se encher de todas as possibilidades maravilhosas.

— Como *My Fair Lady.* — Diz Eleanor, seus olhos se iluminando. — Só que reverso! Você o reformará com seus modos gentis da alta sociedade e o transformará em um homem gentil que nunca mandaria o cabeleireiro calar a boca.

Meus modos gentis da alta sociedade? Essa é uma maneira interessante de me descrever. — Vê? Eu tenho que fazer isso. Eu convenci Eleanor de que é uma boa ideia. — Digo a elas. Afinal, ela é quem o chamou originalmente de idiota.

— Você pode convencer Eleanor de praticamente qualquer coisa, se disser direito. — Diz Sarah. Quando Eleanor lança um olhar magoado para ela, Sarah dá um tapinha no ombro dela, pois estão sentadas uma ao lado da outra. — Você sabe que é verdade. Você quer ver o positivo em tudo.

— Você está certa. — Diz Eleanor com um suspiro cansado. Seu olhar dispara para o meu. — Esta é provavelmente uma péssima ideia, Candice.

Como não quero mais ouvir negatividade, rapidamente mudo de assunto, e todas começamos a conversar sobre Sarah e seus planos de ir ao Havaí com meu irmão na semana seguinte ao Natal. Isso meio que parte meu coração, já que eles não estarão por perto para o Ano Novo, e esse é seriamente o meu segundo feriado favorito - o Natal é o primeiro - mas entendo que eles querem fugir e passar um tempo sozinhos.

E eles estarão conosco no Natal, então isso é um bônus. Jared praticamente evitou o tempo com a família até Sarah entrar em sua vida.

Enquanto todos conversam sobre as próximas férias e os problemas de trabalho e namoro, eu me perco em pensamentos. Quanto mais penso

sobre isso, mais eu quero dizer sim ao pedido de Isabel, não importa o quanto minhas amigas protestem. Eu realmente estou tão entediada com a minha vida. Já faz um tempo. É por isso que estou ansiosa pelo final do ano e por todos os planos de férias que terei. Todas aquelas reuniões e festas movimentadas, compras e planejamento ajudarão a preencher o vazio com o qual estou lidando desde o início do ano.

No começo, em janeiro anotei meus sentimentos melancólicos para uma ressaca de Natal. Alguma vez você já se sentiu assim? O empurra-empurra e a agitação das férias o mantêm tão ocupado, e as decorações brilhantes, presentes maravilhosamente embrulhados e alegria geral no ar o mantêm tão encantado que você desce das suas férias no alto do Ano Novo.

É o pior.

Mas esse sentimento permaneceu praticamente o ano todo. E enquanto eu amo as férias, há tantas festas acontecendo nessas próximas seis semanas, o que significa que estarei muito ocupada. É uma coisa boa. Uma coisa positiva.

Depois de tantos anos, porém, tudo começa a parecer o mesmo. Festa, vestido bonito, iluminação da árvore de Natal, troca de presentes, repetir. Repetir. Repetir.

Eu também estou começando a me sentir um pouco... sozinha. Nunca passei as férias com alguém importante, e eu meio que quero.

Ok, eu *realmente* quero.

Não que ache que Charlie Sullivan, rabugento, vai se tornar meu outro significativo, mas talvez eu possa tê-lo no meu braço em várias funções, e isso pode ser... interessante. Eu poderia apresentá-lo às pessoas, ajudá-lo a fazer conexões, e então ele estará para sempre em dívida comigo. Isso não parece um mau negócio. De modo nenhum.

Certo? Ou talvez eu esteja tão ansiosa para conhecer alguém novo, que farei quase tudo para que isso aconteça.

Caramba. Isso não é bom.

Depois que o almoço termina, todas seguimos caminhos separados, exceto Sarah, já que eu a acompanho de volta à Bliss, a loja de lingerie em que trabalha.

— Você vai fazer isso, não é? — Sarah diz do nada enquanto subimos a calçada em direção à praça de compras onde Bliss está localizada.

Eu não me incomodo em olhar para ela. Estou tentando evitar essa linha de conversa, então decido fingir ignorância. — O que você quer dizer?

— Você vai dizer sim ao pedido dessa mulher Sullivan e vai levar o filho da puta como o seu encontro para as festas de feriado que você está convidada. — Sarah balança a cabeça, dando um passo para o lado quando um cavalheiro indo na direção oposta passa entre nós. — Jared vai ficar tão chateado.

— Por que meu irmão ficaria chateado com isso? — Ela não está fazendo sentido. Jared nunca fica bravo comigo. Ah, ele pode tagarelar e resmungar como costuma fazer, mas no final eu sempre o ganho.

— Ele não quer que você gaste nem um minuto do seu tempo com um cara que ele não acredita que seja digno de você. — Explica Sarah.

Bem. Isso é bom. Eu posso apreciar isso.

— Como sabemos que Charlie Sullivan não é digno de mim? — Eu arrisco um olhar para Sarah.

— Vamos lá. — Ela revira os olhos. — Eleanor disse que ele é um idiota. Ela *nunca* diz esse tipo de coisa.

Isto é muito, muito verdadeiro.

— Eu vou me encontrar com ele primeiro. Ver se isso pode funcionar. — Sugiro.

— Eu não sei… — A voz de Sarah flutua e paramos na frente de Bliss. — Esta é provavelmente uma má ideia.

— Diz a mulher que conheceu o amor de sua vida, concordando com uma má ideia. — Eu jogo presunçosamente.

Sarah suspira. — Você me pegou.

Eu sorrio em triunfo.

— Você deveria contar isso para o Jared. Só por precaução.

Meu sorriso desaparece. — Precaução de quê?

— Eu não sei. Esse cara pode ser um assassino em série, pelo que sabemos. — Sugere Sarah.

Por que todas essas mulheres que conheço acham que homens que não conhecem podem ser um assassino em série?

— Duvidoso. Sua família é dona de uma fazenda de árvores de Natal. Isso é tão... saudável. — Realmente é.

— O tipo perfeito de coisa para se esconder atrás. — Diz Sarah. — Quem pensaria que um assassino seria dono de uma fazenda de árvores de Natal?

Balanço a cabeça. — Eu não estou tendo essa conversa.

Sarah ri, estendendo a mão para apertar a minha. — Fale sobre isso com Jared. Por favor?

— Não. — Minha voz é firme. Não há como eu querer que Jared saiba sobre isso. E porque alertá-lo para algo que pode nem acontecer? — Prefiro não contar a ele. Sobre nada disso. Ainda não.

— Sério? — A boca de Sarah se abre quando sua mão cai da minha. — Eu não posso mentir para ele, Candice.

— Não estou pedindo para você mentir, Sarah. Você simplesmente nunca mencionará. Isso pode nunca acontecer, então não se preocupe.

Além disso, não vou deixar Jared saber para que ele possa potencialmente controlar essa situação. Se Sarah lhe disser o que eu estou pensando, ele tentaria ao máximo parar com isso.

Ele provavelmente teria sucesso também.

— Ele notará se você começar a aparecer nos sites da sociedade local com o mesmo cara ao seu lado em todas as fotos. — Diz Sarah, sua voz suave. — Ele pode até pensar que é seu namorado.

— Nós não sabemos se isso vai acontecer, Sarah. E de jeito nenhum esse cara será meu namorado. — Eu a asseguro. — Eu só vou ajudar ele e sua família.

— Ajuda-lo, levando-o a vários eventos de captação de recursos e criticando-o por suas habilidades sociais? Só pelo pouco que Eleanor disse, sinto que ele não responderá tão bem a isso. — Diz Sarah.

— Então por que a mãe dele me pediu para fazer isso?

— Talvez ele não saiba que sua mãe pediu a você. — As sobrancelhas de Sarah se erguem.

Oh. Bem. Eu nunca pensei nisso.

03

CHARLIE

— Aí está você. Eu estive te procurando.

Paro com o som da voz da minha mãe vindo de trás de mim. Eu pensei que trabalhar no canto mais distante da propriedade desencorajaria qualquer um a me procurar, mas subestimei a determinação de mamãe quando ela está em minha busca.

Levantando-me a toda a minha altura, eu me viro para encontrá-la ali, com o olhar atento preso em mim. Seus braços estão cruzados, suas sobrancelhas estão levantadas, e eu espero que ela bata com o pé, naquele sinal universal da *mãe*.

Mas, felizmente, ela não faz isso.

— Hey. — Eu sorrio fracamente. Puxo o boné da minha cabeça e corro meus dedos pelos meus cabelos. Está muito comprido. Mas nunca consigo tempo para ir no cabeleireiro para um corte. Além disso, aquela mulher fala demais para o meu gosto. Eu estourei na última vez que fui, porque ela "acidentalmente" me beliscou com sua tesoura.

— Você precisa cortar o cabelo. — Diz minha mãe, a leitora de mentes, abaixando os braços para os lados e se aproximando de mim lentamente. Quando está parada na minha frente, ela se estica na ponta dos pés, despenteando meu cabelo com os dedos. Ela pode ser alta, mas eu sou mais alto. — Está uma bagunça.

— Eu vou manter meu boné então. — Eu o puxo de volta, aborrecimento me enchendo. Acho que preciso de um corte de cabelo, mas é péssimo quando sua mãe diz que você precisa de um. Tenho quase trinta anos, pelo amor de Deus. Não preciso que ela me diga o que fazer.

— Você não pode usar o boné quando sair, fazendo aparições públicas em nome de Sullivan Tree Farm. — Diz ela, sua voz tingida de esperança.

Esperança de que eu finalmente concorde com a proposta que ela e meu pai me apresentaram algumas semanas atrás. Esperança que eu chegue e pense que está perfeitamente bem ir a festas chiques e apertar um monte de mãos de pessoas ricas, tentando convencê-las de que também somos pessoas ricas e queremos fazer parte dessa cena.

Não, obrigado. Só de pensar nisso, quero me esconder entre as árvores e fingir que as pessoas não existem.

— Eu não posso fazer isso, mãe. — Eu digo com um suspiro. — Prefiro trabalhar aqui.

— Você está sempre trabalhando aqui.

— Porque você precisa de mim aqui. Este lugar é o meu trabalho. É a minha vida. Eu moro e respiro a fazenda, e quando não estou aqui, estou no Oregon verificando nossas outras propriedades, onde cultivamos árvores. Ou procurando novos lotes de terra para cultivar mais árvores.

Nosso negócio está crescendo. No verão, temos uma banca de frutas graças ao pensamento rápido da mamãe quando eu estava na adolescência. Que agora cresceu e se transformou em uma pequena loja aberta aos turistas de abril a outubro.

Minha irmã Victoria administra nossa loja de festas que mantemos aberta da black Friday à véspera de Natal, e vendemos uma tonelada de ornamentos, decorações e bugigangas inúteis. As pessoas comem essas coisas. Com as duas lojas, nossas muitas propriedades e a fazenda, estamos trazendo milhões de dólares a cada ano, com nossos lucros crescendo anualmente.

As pessoas nos consideram um bando de agricultores como se isso fosse ruim, mas adivinhem? Somos ricos como fazendeiros do inferno. Também não desperdiçamos dinheiro em carros de luxo ou roupas caras. Eu não fui criado assim e meus pais também não. Eu não preciso me exibir para ninguém. Estou sempre aqui de qualquer maneira, então não é como se saísse muito. Com o dinheiro que ganho, invisto muito. Eu possuo minha casa. Eu dirijo o mesmo caminhão desde os vinte anos. Eu tenho dinheiro no banco.

Minha vida é boa.

— Temos funcionários que podem fazer seu trabalho, Charlie. Precisamos que você faça um novo trabalho. — Ela diz, sua voz suave, assim como seus olhos. Eu odeio decepcionar minha mãe, e ela sabe disso. A mulher cruel também usa isso a seu favor. — Você sabe o quanto eu quero que você faça isso.

Eu sei. E faz meu coração doer negá-la, mas estou negando. — Eu vou me fazer de idiota e estragar tudo. Você está disposta a arriscar isso me mandando para a civilização?

Ela começa a rir. — Você faz parecer que é algum tipo de homem das cavernas primitivo.

Eu envio a ela um olhar aguçado, erguendo as sobrancelhas. — Eu meio que sou.

— Você pode ser charmoso quando quer.

— Meu problema é que eu nunca quero. — Eu tiro minhas luvas, agarro ambas em uma mão e bato contra minha coxa vestida de jeans. — Faça Russ fazer isso. — Meu irmão mais novo vive desse tipo de merda. Ou eu acho que ele vive.

— Seu irmão é muito festeiro. — Mamãe diz com um suspiro.

— E isso é um problema? Ele se encaixaria perfeitamente.

— Ele pode ficar bêbado e se fazer de bobo. — Ela balança a cabeça. — Eu não quero arriscar.

— No entanto, você está disposta a arriscar comigo.

— Eu confio mais em você. É responsável, Charlie. Você sempre foi. Eu posso contar contigo.

É a característica de criança mais velha em mim. Não posso deixar de ser responsável e fazer o que meus pais me dizem.

Em geral.

— Ir a festas e conversar um pouco soa como tortura absoluta. Você sabe que eu não sou o melhor na multidão. Sou mais do tipo cara-a-cara. — Eu fecho meus lábios. Parece que estou choramingando.

Porque eu meio que estou choramingando.

— E se eu dissesse que encontrei uma solução para o seu problema. — A voz da mãe é tão suave que mal consigo ouvi-la.

A curiosidade me enche. — Uma solução para o meu problema? O que você quer dizer?

— Eu conheci uma mulher que acho que poderia ajudá-lo a superar sua ansiedade social.

— Eu não tenho ansiedade social. — Digo com veemência, irritado que ela me classifique dessa maneira. Não é que estar na multidão me faça sentir ansioso. É mais como se eu não quisesse lidar com um monte de pessoas falsas em uma festa, falando sobre besteiras que não significam nada para mim.

— Você sabe o que eu quero dizer. — Ela acena com a mão, descartando esta parte da conversa, sem dúvida. — Eu conheci alguém que está muito bem conectada. Ela poderia acompanhá-lo a uma ou duas festas, apresentá-lo às pessoas. Fornecer informações que possam ajudá-lo quando ela te soltar e você partir por conta própria.

— Quem diabos iria querer me ajudar com algo assim? — Quem quer que seja, ela é uma gulosa por punição. Não que eu vou fazer isso.

Também não sou um guloso por punição.

— Ela é uma mulher muito legal que conheci ontem. Ela está no conselho planejando o evento anual de férias que o Conselho de Artes realiza. — Explica mamãe. — Ela é muito ativa na comunidade, principalmente durante as férias. E ela disse que pode ser capaz de me ajudar, e a você.

— Como exatamente essa conversa surgiu? — Eu estou imediatamente suspeito.

O olhar culpado que aparece no rosto de minha mãe não ajuda em minhas suspeitas. — Eu poderia ter contado a ela sobre... você. E nossos planos de negócios para o futuro.

— Ótimo. Então essa mulher pensa que eu sou uma aberração completa que não consegue lidar com situações sociais. — Eu tiro meu boné novamente e puxo as pontas dos meus cabelos, com a frustração passando por mim. — Que diabos, mãe?

— Não é assim, eu prometo. Deixe-me ligar para ela, ver se podemos arranjar um encontro para vocês dois. — Mamãe diz, seus olhos ainda iluminados com aquela esperança condenável.

— Não. — Eu balanço minha cabeça. — Eu não estou fazendo isso.

— Charlie. — O tom de aviso na voz de mamãe me diz que ela está preparada para discutir. Eu não estou assustado. Eu sei discutir. Eu aprendi com a mestre.

Ela.

— Apenas deixe-me ficar aqui e trabalhar. — Olho ao redor, respirando fundo, o leve cheiro de pinho fazendo cócegas nos meus sentidos. Aqui fora é onde eu estou mais confortável. Todo mundo sabe disso. Não entendo por que eles continuam tentando me forçar a fazer algo diferente. — Por que você e papai não ficam juntos com todos os ricos que celebram o Natal? Tenho certeza que você conhece um monte de gente que estuda esse tipo de coisa.

— Seu pai e eu estamos tentando nos afastar dos negócios. — Ela me lembra gentilmente. — Planejamos nos aposentar nos próximos cinco anos. Espero que mais cedo. É por isso que esperamos que você faça isso. Por nós.

Ouvi-la dizer isso me lembra a enorme pressão que tenho sentido. Eu sempre fiz minhas coisas, enquanto mamãe e papai lidam com as coisas mais difíceis de administrar os negócios da família. Eu sei principalmente o que fazer, como administrar a fazenda e as propriedades. No entanto, nunca imaginei que assumiria o negócio tão cedo na minha vida.

— Apenas encontre-se com essa mulher e, depois que vocês dois conversarem, me diga o que pensa. Ok? — Ela franze a testa. — Embora primeiro eu precise ter certeza de que ela concordará com a nossa ideia.

— Sua ideia. — Eu corrijo.

— Bem. Minha ideia. — Ela balança a cabeça.

— Se ela for inteligente, dirá que não. — Digo a ela.

— Ela é muito inteligente. Ela também é muito legal.

Eu rio. — Diferente de mim.

— Definitivamente diferente de você. — Mamãe está sorrindo, no entanto, e eu sei que ela não está falando sério. Ela realmente acha que sou uma pessoa legal.

Na maioria das vezes, acho que ela está errada.

04

CANDICE

Estou em uma loja de café, desta vez que conheço e amo. O Sweet Dreams Café and Bakery é um dos meus lugares favoritos para ir. Acontece que Sarah é amiga da filha do proprietário, Stella, que atualmente trabalha atrás do balcão. Ela é uma barista e faz os mais deliciosos lattes de gengibre de todos os tempos.

Essa é outra grande coisa sobre Sweet Dreams. Eles colocaram café com leite de gengibre no cardápio antes do Dia de Ação de Graças. Isso é uma vitória no meu livro.

Além disso, eu conheço Stella desde quando éramos crianças e estávamos em uma equipe de competição de dança juntas. Ela é alguns anos mais velha, então não estávamos muito próximas. Eu olhei para ela, no entanto. Eu pensei que ela era tão inteligente, tão legal, uma dançarina tão boa.

Agora, ela me intimida. Mas isso é outra história para outra hora.

Meu encontro com Isabel e Charlie Sullivan é às dez. Tenho um almoço para comparecer ao meio-dia e depois outra reunião do comitê de planejamento às três. É uma segunda-feira, um dia cheio, e eu tenho muitas coisas para marcar na minha lista de tarefas. Eu estou animada.

Ah, e eu também estou nervosa. Estou tão curiosa para conhecer Charlie, o Grinch. A mãe dele me ligou no fim de semana, perguntando se eu ainda estava interessada em ajudar o filho a se apresentar na sociedade. Uma vez que esclareci com ela que essa não é uma situação de namoro - e ela concordou sinceramente que definitivamente não era uma situação de namoro - suas palavras me deixaram à vontade e decidi ir em frente e me encontrar com eles.

Só porque estou tomando café com eles não significa que eu tenho que seguir com essa proposta maluca. Quanto mais penso sobre isso, mais eu percebo que poderia ser uma dor total na minha bunda. Tenho o suficiente acontecendo durante as férias. Não preciso adicionar babá de um homem adulto à minha lista.

Verifico meu telefone, são nove e cinquenta e seis, e depois tomo um gole do meu café com leite, cantarolando em apreciação por sua bondade doce, mas não muito picante. O café está cheio, todas as mesas estão

cheias de clientes e uma pequena fila está se formando no balcão e serpenteando pelo prédio, me deixando feliz por ter chegado um pouco mais cedo.

Exatamente às nove e cinquenta e nove, Isabel Sullivan entra no café, as bochechas rosadas pelo vento frio que sopra lá fora.

Ela também está sozinha.

Isto não é um bom sinal.

— Bom dia. — Ela faz uma pausa, de pé ao lado da minha cadeira para que ela possa me olhar com um sorriso amigável no rosto. — O que você está bebendo?

— Um café com leite de gengibre. — Eu seguro minha xícara, dando uma pequena sacudida.

— Ah, sim. Eu sei que todo mundo ama, mas as bebidas das festas geralmente são muito doces para mim. — Ela estuda a frase. — Dê-me alguns minutos para fazer meu pedido?

— Claro. Hum, onde está... — Eu não posso terminar minha pergunta, ela já se foi e está de pé no final da fila.

Não posso deixar de manter meu olhar treinado na porta da frente do café, me perguntando quando o Sr. Grumpy finalmente aparecerá. Um homem entra alguns segundos depois de Isabel entrar na fila, e meu coração dá um pulo.

É ele? Ele não é feio. Um pouco polido para um agricultor de árvores, com o elegante terno cinza-carvão e a quantidade certa de barba na moda que revestem sua mandíbula cinzelada. Ele é mais baixo do que eu pensei que seria, considerando sua mãe ser tão alta.

O homem se instala na fila atrás de Isabel, sem dizer uma palavra para ela. Ele nunca tira os olhos do telefone.

Quero dizer, eu sei que nem sempre converso com meu pai ou o resto da família quando tenho meu telefone em mãos, mas eu definitivamente os cumprimento na fila da cafeteria em que os encontro.

Claramente, este homem não é Charlie.

E nem o próximo que entra. Ou o próximo. É bastante surpreendente, quantos homens solitários chegam a este lugar às dez da

manhã, mas nenhum deles é o homem que eu deveria conhecer. Na verdade, estou começando a ficar brava. Tirei um tempo do meu dia muito ocupado e ele está atrasado? Não é o caminho para causar uma boa impressão.

— Desculpe por isso. — Isabel diz uma vez que ela se instala na cadeira em frente a mim, com um copo para viagem na mão. — Eu esqueço o quão cheio este lugar pode ficar.

— Não tem problema. — Eu sorrio. Vejo como ela toma um gole de sua xícara. Tento o meu melhor para manter a boca fechada e permanecer educada, mas não adianta. Estou chateada e preciso saber o que está acontecendo. — Onde está o Charlie?

— Oh, eu receio que ele não possa fazer isso hoje. — O olhar de desculpas que ela me envia deve compensar o fato de que ele não está aqui, eu acho.

Mas, merda, ele *não* está *aqui*, e agora estou super brava com a falta de respeito dele. Ele deixou de causar boa impressão para causar a pior e mais horrível impressão possível.

— Ele não pode fazer isso? — Minha voz é aguda, e Isabel realmente estremece como eu a cortei com minhas palavras. — Por que estamos nos encontrando?

— Eu queria falar com você. — Ela começa, mas balanço a cabeça e ela pressiona os lábios, ficando quieta. Fico surpresa com a minha grosseria, mas meus irmãos sempre disseram que sou do tipo que aguenta e aguenta e aguenta - e finalmente explode quando já chega.

Basta dizer que meu top está oficialmente queimado.

— Não adianta nós duas falarmos sobre isso, se ele não estiver aqui. — Eu digo, meu olhar nunca deixando o dela. Sinto-me péssima pelo que estou prestes a dizer, mas continuo em frente. — Se ele não quer se encontrar comigo, não vejo como posso ajudá-lo. Eu sinto muito.

— Eu tenho outra sugestão. — Diz ela enquanto pego minha bolsa, que está na cadeira vazia à minha direita.

Eu levanto meu olhar para o dela. — Ele sabe sobre suas sugestões? — Talvez Sarah estivesse certa. Talvez esse cara não tenha ideia de que sua mãe está fazendo isso. E se for esse o caso, este homem ficará relutante em participar de seus planos.

Não que eu possa culpá-lo.

— Ele sabia do meu plano original. — Ela admite. — Mas ele não sabe sobre este novo que estou prestes a propor.

Eu afundo na minha cadeira, minha bolsa esquecida. — O que exatamente você está sugerindo?

— Bem... — Sua voz desaparece e ela permanece quieta por um momento. Eu me inclino para frente, minha curiosidade sempre presente desperta. — Eu esperava que talvez você pudesse ajudá-lo. Sem ele saber que você está ajudando.

— Huh? — Eu não entendo.

— Talvez você possa, oh, eu não sei, fingir encontrá-lo em um evento. Falar com ele. — Ela toma um gole de café. — Fazer parecer que você está sendo amigável quando realmente planejamos isso o tempo todo.

OK. Eu gosto dessa mulher, mas o que ela está propondo é demais. — Eu não quero enganá-lo.

— Nem mesmo quando seria benéfico para ele?

Desta vez, pego minha bolsa e levanto, balançando a cabeça em descrença quando nossos olhares se encontram mais uma vez. — Não posso fazer o que você está sugerindo, senhora Sullivan. Sugiro que, se você quer ajudar seu filho, seja honesta com ele.

Sem esperar que ela diga algo em resposta, me viro e começo ir em direção à porta da frente do café. Ouço Stella se despedindo amigavelmente e aceno com a mão, mas não me viro. Eu não quero.

Mas no momento em que estou na calçada em direção ao meu carro estacionado, sinto uma mão agarrar meu cotovelo. Virando, vejo que é Isabel, e a expressão suplicante em seu rosto me faz parar. — Eu sinto muito. Sei que estou pedindo muito. — Ela aperta os lábios com tanta força que quase desaparecem. — E você não me conhece. Você não tem motivos para querer me ajudar.

— O que você está me pedindo para fazer é demais. — Digo a ela, tentando manter minha voz suave, meu olhar gentil. Eu sinto muito por essa mulher. Ela parece muito perturbada com o filho. — Eu não quero enganá-lo.

— Claro que não. Você é uma boa pessoa. — Ela aperta meu braço. — Realmente você é. Se apenas um dos meus filhos se interessasse por uma garota como você.

Seus olhos se enchem de lágrimas e fico em alarme. Ela não está agindo direito. — Bel, tem algo mais acontecendo?

Ela fecha os olhos por um breve momento, as lágrimas escorrendo pelo rosto. — Não é nada.

Não. Tem que ser alguma coisa. Ninguém chora assim quando não é nada.

— Você pode me dizer. O que quer que esteja incomodando você.

Mudamos para ficar mais perto do prédio, sob o toldo e longe do vento forte de novembro. Isabel enxuga as bochechas com um lenço de papel que tirou da bolsa, fungando alto antes de encontrar meu olhar mais uma vez.

— Estou tão envergonhada. — Ela ri, mas solta um soluço, e pressiona o lenço de papel contra a boca para contê-lo. Mas está lá, flutuando entre nós, me fazendo pensar que esta mulher está tendo um momento de crise. — Aqui está você brincando com uma velha boba que nem conhece. Sinto muito, Candice.

— Você não precisa se desculpar. — Eu ainda estou incrivelmente confusa. Não tenho ideia do que ela está falando. — Você gostaria de ir a algum lugar mais privado para que possamos conversar?

— Só se eu conseguir que você concorde em me ajudar e ao meu filho. — Eu separo meus lábios, pronta para dizer não quando ela balança a cabeça. Eu paro de falar — Sinto muito. — Ela repete pela terceira vez. — Me perdoe. Estou sendo tão rude.

Mais como se ela estivesse tão desesperada. — Você está bem? Você quer que eu ligue para alguém?

— Não. Por favor. Ainda não estou pronta para conversar com minha família sobre isso. — Isabel suspira. — Eu vou ficar bem, Candice. Mas passei pelo choque da minha vida nos últimos dias e ainda estou abalada. Eu tive uma consulta médica semana passada.

Um pavor gelado percorre minha espinha ao ouvi-la dizer a palavra *médico*. Eu tenho medo deles. Um que não gosto de admitir

porque, vamos lá. Quem tem medo de médicos? Eles são boas pessoas. Eles estão aqui para cuidar de nós.

Eles também entregam más notícias. Eles assistem as pessoas morrerem diariamente. Como minha mãe.

— Eu não estava me sentindo bem. Eu fiz alguns exames de sangue. E minha mamografia anual. — Ela exala trêmula. — Os resultados chegaram e, em vez de me falar por telefone, eles queriam falar comigo. Cara a cara. Isso nunca é bom, certo? — Ela ri, mas é fraco. E cheio de tanta tristeza. Eu posso sentir o aperto na minha garganta. — Eles originalmente pensaram que eu poderia ter câncer. — Ela engasga com a última palavra.

Câncer.

Isso se repete na minha cabeça. De novo e de novo. De novo e de novo. Oh Deus.

Oh Deus.

Eu não ouvi essa palavra há tanto tempo. Sou imediatamente levada de volta no tempo. Eu sou uma garotinha. Chorando porque eles não me deixam ver minha mãe. É tudo o que quero fazer, ver minha mãe. Subir na cama e me aconchegar ao lado dela. Senti-la envolver seus braços frágeis em volta de mim e me dar um abraço apertado.

Ninguém me abraça como minha mãe.

Pequenos pontos brancos se formam na minha visão, tornando-a embaçada, e balanço a cabeça. Tento sacudir. Mas eu não posso. Tudo o que vejo são aqueles pontos brancos irritantes. Eu pisco e pisco, mas minha visão se torna mais estreita. E mais estreita.

Como se eu estivesse em um túnel.

— Candice? — O alarme na voz de Isabel é óbvio e eu me viro para o som da voz dela, mas não consigo vê-la. — Candice, querida, você está bem?

Não, eu quero dizer. *Eu não estou bem.* Alcançando-a, meus dedos apertam em seu pulso. Eu posso me sentir começando a ceder.

Oh cara, acho que posso desmaiar? Eu costumava fazer muito isso quando era adolescente. Tenho pressão baixa, e combinado com não comer de manhã - um hábito meu durante o ensino médio - e estar

sempre ocupada, ocupada, ocupada? Eu desmaiava o tempo todo. A tal ponto que meus amigos e familiares se acostumaram.

Mas isso não acontece há anos.

Ainda assim, reconheço os sinais indicadores. — Candice!

Eu caio contra ela e a sinto agarrar meu ombro, tentando me manter em pé. Mas vou cair com certeza. Eu sussurro o nome de Isabel, mas acho que ela não me ouviu.

E então tudo fica escuro.



Meus olhos se abrem e percebo que estou deitada na calçada. A calçada muito dura e muito fria. Algo macio está embaixo da minha cabeça, sustentando-a, e quando eu realmente tento olhar em volta, uma dor ondulante me interrompe.

Maldição, isso dói.

— Candice! Aí está você. — Stella está ajoelhada ao meu lado, sua expressão cheia de preocupação. De onde ela veio? Eu sei que estávamos do lado de fora do Sweet Dreams, mas ela estava ocupada trabalhando. — Você está bem?

— Minha cabeça dói. — Eu coaxo, fechando os olhos e descansando a mão na minha testa. — O que aconteceu? Eu desmaiei?

— Sim. — Isso vem de Isabel. Ela está agachada do meu outro lado. — Eu tentei o meu melhor para segurá-la, mas você simplesmente caiu no chão.

— Eu vi você desmaiar lá de dentro, então corri para ajudar. — Acrescenta Stella. — Você bateu sua cabeça?

— Não tenho certeza. — Pego a parte de trás da minha cabeça, meus dedos sondando meu cabelo. Não sinto inchaços, mas...

Opa. Sim, aí está. Bem no topo do meu crânio. Estremeço quando toco, me preparando para a dor. Ai, é um grande problema.

Isabel me alcança, seus dedos hesitantes enquanto procura e encontra a colisão. Seu toque é suave, mas eu ainda me afasto de seus dedos em busca. — Você pode ter uma concussão. — Diz ela, sua voz cheia de preocupação materna.

Oh, como eu sinto falta disso. Preocupação materna. Eu tenho Mitzi, minha madrasta, e ela é ótima. Eu a adoro. Mas ela sempre foi tão cuidadosa para não ser minha mãe. Eu acho que ela tinha medo de pisar nos dedos da minha mãe morta.

— Eu duvido disso. — Tento me sentar, mas ambas descansam as mãos nos meus ombros, me mantendo no chão. Na calçada muito fria, o que é miserável. — Estou bem. — Insisto, mas as duas estão balançando a cabeça.

— Deveríamos chamar uma ambulância. — Diz Isabel a Stella, que está pegando algo no bolso de trás da calça jeans. Ela puxa o telefone, os dedos sobre a tela.

— Devo? — Stella olha na minha direção. — Talvez possamos levá-la ao pronto-socorro.

— Eu não preciso de nenhum cuidado. Estou bem. — A última coisa que quero fazer é ir ao hospital. Muitas lembranças ruins lá. Eu luto para me sentar, e desta vez elas me deixam. No momento em que estou de pé, a dor rasga minha cabeça, me deixando tonta. — Oh, Deus.

— Oh, eu definitivamente estou ligando para o 9-1-1. — Os dedos de Stella socam os números, eu vejo isso acontecendo, e estendo a mão, agarrando seu pulso para que possa detê-la.

— Por favor, não chame uma ambulância. Não quero causar uma cena. — Murmuro as palavras, esperando que ela perceba o quão séria estou, e ela limpa sua tela antes que seu olhar encontre o meu.

— Ok. — Ela assente, depois olha para Isabel, e elas permanecem quietas por um momento. Como elas estão se comunicando silenciosamente? Hummm. — Você poderia levá-la para casa?

— Absolutamente. — Diz Isabel.

Eu arrisco um olhar para Isabel Sullivan, me perguntando exatamente sobre o porquê deveríamos nos encontrar em primeiro lugar. Pensar demais dói minha cabeça já dolorida, e parece que o motivo tem meio que…

Fugiu da minha mente? Isso é estranho.

Eu as deixei cuidadosamente me levantar, Isabel passando o braço em volta de mim para que ela pudesse me guiar para uma cadeira vazia na frente de Sweet Dreams. Eu me acomodo, ofegando quando minha bunda atinge o assento de metal frio.

— Vou pegar um pacote de gelo para a pancada na cabeça. — Diz Stella antes de sair correndo para dentro do café, me deixando sozinha com Isabel.

— Assim que ela voltar, eu vou pegar minha caminhonete e te levar para casa. — Diz Isabel, sua voz e seus olhos cheios de bondade.

— Eu estou bem. — A asseguro. — Eu posso sentar aqui sozinha enquanto você pega seu carro.

Ela franze a testa. — Você tem certeza?

Concordo, mas o movimento dói, então paro, fechando os olhos por um breve momento. — Sim. Realmente. Estou bem. Apenas tenho dor de cabeça.

Isabel olha pela janela do café antes de voltar seu olhar para mim. — Stella está lá dentro, se você precisar de alguma coisa.

— Eu sei. Ela voltará em alguns minutos. Estou certa disso.

— Não se mexa. Fique aí. — Isabel diz antes de sair pela calçada. Estremecendo, pego minha bolsa e meu telefone, verificando minhas notificações. Eu tenho alguns textos que devo responder, mas é como se tentar formular palavras estivesse estressando meu cérebro, causando dor. Decidindo que vou responder depois, coloco meu telefone de volta na bolsa.

Estou observando a porta, esperando Stella voltar quando vejo um homem incrivelmente alto e incrivelmente bonito descendo a calçada em minha direção. É como se ele nem me notasse, no entanto. Ele para na frente da porta do Sweet Dreams, uma expressão hesitante em seu rosto quando pega a maçaneta da porta, seu braço caindo ao seu lado no último minuto. Todo o seu comportamento está cheio de hesitação e eu me pergunto por que ele parece tão preocupado em entrar no café.

Ele fica lá por um tempo, sem dizer uma palavra, mal se mexendo. Suponho que esteja pensando se deve entrar ou não, e não saber o que ele vai fazer a seguir está me mantendo em suspense.

Finalmente não posso deixar de dizer algo.

— Eles fazem um café muito bom. — Digo a ele, encorajando.

Ele vira a cabeça na minha direção, e eu estou congelada no que vejo. A primeira coisa que noto são os olhos dele, eles são verdes brilhantes e incrivelmente bonitos. Pele morena, que apenas destaca a cor dos olhos dele, você não sabe. Cabelos castanhos escuros e grossos que estão um pouco longos e precisam desesperadamente de um corte. Mandíbula forte levemente sombreada. Ele parece um lenhador sexy, com as botas escuras nos pés, os jeans e a camisa de flanela preta e cinza que ele está

vestindo, com uma camiseta branca por baixo. Não é o meu tipo habitual, mas certamente aprecio seu apelo.

De fato, eu definitivamente posso apreciar seu apelo.

Acho que ele é atraente.

— Eu já estive aqui antes. — Ele finalmente diz, o som de sua voz profunda, deliciosa e levemente grave, fazendo-me formigar, apesar de como minha cabeça lateja.

— Oh. — Eu tento sorrir, mas até isso dói. Então eu faço o melhor que posso, meus lábios se curvando para cima em uma desculpa fraca. — Você parecia relutante em entrar. E ninguém nunca reluta em entrar no Sweet Dreams.

Ele sorri fracamente em resposta, revelando um conjunto de dentes retos e brancos, e eu pisco para ele, atordoada em silêncio por um momento. Confie em mim, isso nunca acontece. Sou faladora, lembra? É a minha melhor característica.

— Eles têm bons sanduíches. Eu venho muito aqui para almoçar. — Ele explica, seu sorriso desaparecendo. Ainda é uma boa aparência para ele.

Deus, ele é atraente.

— Eu também! — Bem, eu não diria que venho *muito* aqui. Mas ele está certo que eles têm deliciosos sanduíches.

E por que eu nunca vi esse cara por aí antes?

Ele enfrenta a porta mais uma vez, inclinando-se e espiando através do vidro. — Eu deveria encontrar alguém aqui, mas estou atrasado. E não as vejo lá dentro.

— Você deveria mandar uma mensagem para elas. — Sugiro. — Talvez já tenham saído. Especialmente se você está atrasado.

Ele me lança um olhar, e tenho a sensação de que ele pode pensar que estou julgando-o. — Eu me distraí. No trabalho. Por isso estou atrasado.

— Eu não estou julgando. — Eu levanto minhas mãos como se estivesse prestes a ser presa por reiterar minha observação sem julgamento, e o lado de sua boca se levanta nesse sorriso torto e fechado

que é super fofo. Desta vez, eu realmente sorrio para ele, ignorando a dor. Seu sorriso desaparece quando ele me contempla e não posso deixar de olhar também. Este homem é tãão bonito. E pelo jeito que ele está me olhando, tenho a sensação de que ele pode...

Me achar atraente também?

Não sou de me gabar de todos os homens que posso conseguir, porque se estou sendo real, não atraio muitos homens. Eu suponho que é porque não me coloco lá fora, e talvez não seja o tipo deles. Sarah me disse que também é porque passo muito tempo com mulheres mais velhas planejando captação de recursos e ingressando em todos os comitês que me chamam a atenção. Então, como devo encontrar homens disponíveis da minha idade?

Quero dizer, ela tem razão, mas...

Você ficou com mulheres mais velhas por um longo período de tempo? Se elas gostam de você, elas te tornam seu campeão. Sua avó substituta, tia, tanto faz. Algumas delas me consideram um membro de sua família. O que significa que elas adorariam se eu pudesse me tornar um membro da família delas.

Isso significa que elas estão constantemente tentando me arrumar com seus filhos. Ou seus netos. Ou os sobrinhos, os netos de seus melhores amigos... a lista continua. E eu estou constantemente recusando. Gosto muito dessas mulheres para querer arriscar e namorar o filho ou neto ou sobrinho ou primo divorciado do vizinho do melhor amigo. E se não der certo?

Fale sobre estranho.

Mas mesmo assim. Este homem ainda está me olhando e eu juro que seus lindos olhos estão brilhando positivamente. Com um brilho diabólico. Como se ele quisesse me levar para algum lugar e me seduzir em particular.

Hã. Ultimamente, tenho lido muitos romances históricos e meus pensamentos estão mostrando isso.

Sério, no entanto. Há uma intensidade nele que eu acho bastante... interessante, e não sei por que. E quando digo intensidade, quero dizer sua aura. Ele tem presença, e é intenso. Parece muito woo-woo, não é? Mas é como se eu estivesse atraída por esse homem e nem posso explicar o porquê.

A porta do café se abre de repente, o homem saltando para fora do caminho no último segundo para não ser atingido. É Stella, com uma sacola cheia de gelo na mão. Ela se dirige diretamente para mim, passando pelo belo estranho enquanto anuncia: — Vai doer. — Antes de pressionar o gelo diretamente na parte de trás da minha cabeça.

— Ow! — Realmente não dói. Mais como esse gelo frio é ainda mais chocante, especialmente enquanto estou sentada do lado de fora com esse vento cortante ao meu redor.

— Desculpe. — Stella não parece muito arrependida. — Eu pesquisei no Google rapidamente e dizia que você deveria colocar gelo no local.

— Você está bem? — O homem chama.

Nós duas nos voltamos para estudá-lo. Eu tinha esquecido que ele ainda estava lá, considerando que Stella fez sua aparição repentina e me atacou com o gelo. — Ela está bem. — Diz Stella enquanto se afasta dele, sua voz curta.

— Obrigada por perguntar. — Acrescento fracamente, não querendo que ele pense que sou rude como Stella. Porque ela é totalmente grosseira, e não entendo o porquê.

Ele está franzindo a testa. Carrancudo mesmo. Aposto que não gostou de como Stella falou com ele. Ótimo. Lá se foi minha fantasia de lenhador. — Vejo você por aí. — Diz ele antes de partir.

No momento em que ele se foi, Stella me pergunta: — Quem era aquele cara?

— Eu não sei. Ele disse que deveria encontrar alguém aqui antes, mas afirma que estava atrasado.

— Claro que ele estava. Caras como ele sempre deixam os outros esperando. Eles são do tipo que acreditam que seu tempo é mais valioso que o nosso. — Diz Stella amargamente.

Stella é uma odiadora total? Eu não tinha ideia. — Caras como ele? O que você quer dizer?

— Os extremamente bonitos, é isso que eu quero dizer. Aqui, segure o gelo. — Eu alcanço levantando, pressionando o saco de gelo contra a minha cabeça enquanto Stella agarra a outra cadeira e a puxa para cima, então ela está sentada em frente a mim. — Eu também li que você deveria

descansar, mas não deveria dormir pelas próximas horas. É importante que você relaxe, mas também fique acordada.

— Eu não vou dormir. — Digo mal-humorada, puxando o saco de gelo da minha cabeça, mas Stella pega o saco, para que ela possa pressioná-lo contra o nó mais uma vez. Eu solto um suspiro irritado. — Eu tenho muito o que fazer hoje para descansar.

— Você precisará cancelar seus planos. — Ela me diz.

— Mas eu tenho um almoço e uma reunião do comitê. — Eu praticamente lamento. Pareço um bebê, mas caramba, essa semana inteira está cheia de coisas que preciso fazer.

— Reagende. — Diz ela, com a voz final. Droga, Stella é brutal quando ela quer ser. — Vamos, Candice. Você não precisa estar em todos os comitês de decoração existentes. Há outras pessoas que podem cuidar as coisas.

Como ela sabe sobre todos os meus comitês? Eu nunca disse a ela sobre eles. Por uma questão de fato, eu não gasto muito tempo falando com Stella, porque, como mencionei anteriormente, ela intimida a merda fora de mim.

Agora escute. Não é porque ela já foi má comigo ou algo assim. Mesmo quando éramos crianças e eu era aquela garota irritante em seu time de dança, ela sempre foi legal comigo. Ou talvez ela simplesmente me tolerasse, eu não sei. Mas Stella tem uma personalidade muito forte. Ela sabe o que quer e vai atrás, sem hesitar. Eu não sou assim.

Em absoluto.

Stella vem de uma família rica, como eu, e costumávamos amar dançar mais do que qualquer outra coisa no mundo, mas é tudo o que temos em comum. Ela trabalha no café de sua família como barista-chefe e divide um apartamento com sua melhor amiga, Caroline. Ela tem uma atitude de assumir o controle e parece não ter nada com ninguém, incluindo caras bonitos e aleatórios que encontramos na rua. E embora tenhamos um passado compartilhado, nunca fomos próximas. Foi Sarah quem me reintroduziu no grupo de Stella, e também de Caroline, as duas não foram nada além de agradáveis comigo toda vez que as vi.

Mas ainda assim. É o meu próprio problema e insegurança, não há nada de errado com Stella. — Onde sua amiga foi? — Stella pergunta.

Por um minuto, acho que ela está se referindo ao homem misterioso, mas então percebo que não. Ela está falando sobre...

— Você quer dizer Isabel? Hum, não somos realmente o que eu chamaria de amigas.

— Vocês não são? — Stella faz uma careta. — Então talvez você não deva deixá-la levá-la para casa.

— Oh, está tudo bem. Ela é muito boa. A família dela é proprietária da Fazenda de Árvores de Natal Sullivan. — Eu explico, como possuir uma fazenda de árvores de Natal é reconfortante? Eu não estou fazendo sentido. Talvez seja o ferimento na cabeça. — Estamos trabalhando juntas na arrecadação de fundos do conselho de artes.

Vamos lá, alguém que possui uma fazenda de árvores e trabalha em comitês de captação de recursos tem que ser gentil, certo?

— Enquanto você estiver confortável com isso... — Stella inclina a cabeça. — Você tem que prometer me mandar uma mensagem mais tarde para que eu saiba que está viva.

— Eu não acho que tenho o seu número. — Digo fracamente. É errado eu deixar Isabel me levar para casa? Stella está certa. Eu não a conheço tão bem. Merda, eu nem me lembro exatamente por que estávamos nos encontrando no Sweet Dreams. Não me lembro de precisar revisar os planos de decoração novamente para o evento, então...

Sim. Confuso.

— Me dê o seu. — Diz Stella, puxando o telefone do bolso de trás da calça jeans. Eu recito para ela e ela tecla, aperta mais alguns botões e então ouço minha notificação de texto tocando dentro da minha bolsa. — Há. Agora você tem meu número.

— Obrigada. — Digo a ela.

— Sabe, você não deveria ficar sozinha esta tarde. Enquanto se recupera da concussão. — Stella me lança um olhar aguçado.

— Nós nem sabemos se tenho uma concussão real. — Talvez eu deva ir a um médico ou a um pronto-socorro nas proximidades. Talvez até na sala de emergência, embora a espera provavelmente seja terrivelmente longa e eu não queira lidar com isso.

Prefiro ir para casa.

— Você não deve se arriscar. Eles dizem que a pior coisa que você pode fazer depois de sofrer uma concussão é dormir. — Diz Stella. — Então, você precisa de alguém para lhe fazer companhia e impedir que você adormeça.

Ah, oh. Ninguém está em casa. Eu ainda moro com meu pai e madrasta. A casa é grande o suficiente para não precisarmos nos ver por alguns dias, se não quisermos. Eu sei que tenho 23 anos e deveria viver sozinha, mas qual é o objetivo? Eu vou conseguir meu próprio lugar eventualmente.

O problema? Todo mundo se foi agora. Meu pai está fora a negócios pelos próximos dois dias e Mitzi está fora da cidade - ela saiu ontem para sua viagem anual de compras nas férias com as amigas em São Francisco. Elas ficam em um hotel de luxo, fazem compras em lojas de grife e comem nos melhores restaurantes que a cidade tem para oferecer. Ela me convidou, mas como sempre, eu estava muito ocupada e tive que recusar.

Agora eu realmente queria estar com Mitzi e suas amigas, comprando meu coraçãozinho e comendo comida deliciosa.

— Você mora com seu pai, certo? — A pergunta de Stella me tira dos meus pensamentos e eu levanto meu olhar para encontrá-la me olhando.

Estou surpresa que ela se lembre desse detalhe. Como mencionei, não conversamos muito desde que voltamos à vida uma da outra. — Eu moro.

— Tem alguém em casa?

Eu poderia mentir, suponho. Mas me sentiria terrível, então, em vez disso, confesso a verdade. — Não.

Suas delicadas sobrancelhas levantam. — Nem mesmo uma empregada?

Ela não faz a pergunta com grosseria, o que eu aprecio. Costumávamos ter ajuda sempre, mas depois que me formei no ensino médio, meu pai reduziu o horário de nossa empregada para alguns dias por semana.

Sim, somos muito ricos. E a família de Stella também é. Todo mundo conhece a família Ricci nesta área. Eles possuem um monte de restaurantes famosos.

— Nem mesmo uma empregada. — Digo a ela. — Talvez eu pudesse ficar aqui no Sweet Dreams por um tempo?

— Hmm, isso pode funcionar. — Diz ela, batendo o dedo indicador contra os lábios contraídos. Ok, eu realmente não quis que ela aceitasse essa ideia. A última coisa que quero fazer é ficar no café pelas próximas horas. Eles estão tão ocupados o tempo todo, e só de pensar no caos e barulho que muitos clientes trazem faz minha cabeça doer ainda mais.

Além disso, se eu puder fazer isso, também posso ir ao almoço e à minha reunião, afinal... — Sem ofensa, Stella, mas não tenho certeza se quero fazer isso. — Confesso.

O alívio no rosto de Stella é óbvio. — Bom. Meu pai provavelmente ficaria bravo se você pegasse uma mesa durante o almoço e não comesse nada. Mesmo se você comesse, mas ficasse lá por algumas horas, ele diria que você está consumindo imóveis valiosos.

Eu rio e ela também, mas isso machuca minha cabeça, então paro.

De repente, um caminhão para na frente de Sweet Dreams, estacionando nas duas vagas na rua. É uma enorme fera branca e cromada, e quando a janela do lado do passageiro se abre, vejo Isabel atrás do volante acenando para nós. Por que não estou surpresa que ela dirija algo assim?

— Você precisa que eu saia e ajude a levantar Candice, Stella? — Isabel grita.

— Não, eu consigo. — Stella grita de volta quando ela se levanta e se aproxima de mim, me puxando para uma posição de pé. — Vamos, querida.

Ela me segura firme enquanto caminhamos até a caminhonete de Isabel, com o braço em volta da minha cintura, seus passos lentos. Ela está me tratando como uma inválida. Posso andar perfeitamente bem, mas nunca admitiria o quanto minha cabeça está latejando ou o quão tonta estou me sentindo.

Stella me segura enquanto abre a porta do lado do passageiro, me guiando para dentro do caminhão com um pequeno empurrão, já que a coisa é tão alta. Subo e caio no assento com um suave Oof, encostando no apoio de cabeça quando Stella fecha a porta.

— Coloque o cinto de segurança. — Ela exige, e eu faço o que ela diz, me perguntando se Stella estava no exército em outra vida.

Ela é bastante exigente.

— Sim, senhora. — Digo a ela depois que clico no cinto de segurança, fazendo uma pequena saudação.

Ela apenas revira os olhos e concentra sua atenção em Isabel. — Ela não deve ser deixada sozinha esta tarde. Ninguém está na casa dela.

O olhar preocupado que Isabel me dá é muito maternal. Me faz sentir falta instantaneamente da minha mãe, o que é estranho. As dores vêm e vão ao longo dos anos, mas geralmente só acontecem durante uma determinada época do ano, ou quando vejo fotos antigas da minha mãe. — Você quer ir para minha casa?

Estou impondo todo mundo hoje de manhã, não estou? — Se você não tem outros planos, eu agradeceria.

— Você pode ficar comigo por algumas horas. Vai ser divertido. — Ela sorri e eu retribuo o gesto, depois fecho os olhos quando a dor fica muito ruim.

— Dê a ela um analgésico quando chegar em casa. — Diz Stella. Elas dizem mais algumas coisas, algo sobre me levar ao pronto-socorro, afinal, mas começo a cochilar. A tal ponto que estou quase dormindo quando uma buzina alta soa, me sacudindo e acordando.

A expressão culpada que Isabel está usando revela que ela foi a responsável por buzinar. — Desculpe. Você estava quase dormindo.

Sento-me um pouco, tirando o cabelo dos olhos enquanto olho em volta. — Onde está Stella?

Isabel franze a testa, mantendo o olhar fixo na estrada. — Nós nos afastamos da Sweet Dreams há alguns minutos.

Olhando pela janela do lado do passageiro, percebo que já estamos na estrada. Uau, eu devo ter adormecido pelo menos um pouco. Não me lembro desses últimos cinco minutos mais ou menos. — Onde você mora?

— Pacific Grove. Onde você mora?

— Carmel. — Eu fecho meus olhos novamente, odiando como o caminhão me empurra. Eu gostaria de estar em casa. Na minha cama.

Em vez disso, estou indo à casa de uma mulher - uma mulher que realmente não conheço. Ainda não entendo direito o motivo de nos encontrarmos hoje de manhã.

— Eu não posso acreditar que você desmaiou. — Eu abro meus olhos para descobrir que ela ainda está franzindo a testa. — Você nos assustou bastante.

— Também não acredito. Isso não acontece desde o meu primeiro ano no ensino médio. — Isso foi há quase dez anos. Às vezes, quando não comia o suficiente ou sofria de alergias e meu pai me dava Benadryl, acabava desmaiando. Meu desmaio sempre assustou meu pai, como se ele pensasse que eu estava morrendo ou algo assim. Eu culpo isso pelo que aconteceu com minha mãe.

Depois de perder alguém que você ama, você tem medo de perder todo mundo.

— Você tem sorte de não se machucar mais grave. — Diz Isabel.

Eu a estudo por um momento, destruindo meu cérebro e tentando descobrir a razão por trás da nossa reunião. Mas não há nada lá. Apenas um vazio em branco. — Nós não nos encontramos por acaso no Sweet Dreams, não é?

Ela parece surpresa com a minha pergunta. — Não. Combinamos de nos encontrar.

— Combinamos? Não me lembro de fazer nenhum arranjo.

Isabel assente, mas não diz nada.

— Íamos falar sobre decoração para a festa do conselho de artes? — Agora é minha vez de franzir a testa, mas isso faz minha cabeça doer, então eu paro. — Pensei que já tínhamos discutido nossos planos com Joyce.

— Nós fizemos. Há alguns dias. — Isabel verifica seu espelho retrovisor, bate no pisca, verifica por cima do ombro antes de fazer uma mudança de faixa. — Você não se lembra por que deveríamos nos encontrar?

Ok, isso é estranho. Eu sou muito jovem para ter perda de memória. — Estou tentando lembrar, mas talvez seja a minha queda que está dificultando?

Espero que ela não pense que eu sou um floco completo.

— Bem, estávamos nos reunindo esta manhã porquê... — Isabel pressiona os lábios por um breve momento antes de sorrir gentilmente. — Você concordou em acompanhar meu filho a alguns dos eventos de férias que participará nesta temporada. Você queria ajudá-lo a conhecer mais pessoas na comunidade.

— Eu concordei? — Ok, estou completamente confusa e franzo a testa novamente. A dor lancinante que atinge a parte de trás do meu crânio é bastante intensa.

— Sim. — Isabel está assentindo. — Tão generoso da sua parte, Candice, dedicar um tempo para ajudar Charlie.

Esse Charlie parece meio lamentável. — Quantos anos Charlie tem, afinal?

— Vinte e oito.

Por que um homem de 28 anos precisa ser levado a várias partes para que possa ser apresentado às pessoas? Ele é tão eremita? Ele não sabe como conversar e se divertir?

Eu não entendo.

Ou não me lembro dos detalhes.

Honestamente, não sei qual é pior.

06

CHARLIE

Sinto-me um completo idiota. Quando cheguei ao café, minha mãe não estava lá dentro. Não ajuda que eu estivesse quase quarenta e cinco minutos atrasado para a reunião e sabia que ela ficaria chateada. Não importava que tínhamos muito o que fazer em preparação para todos os nossos lotes de árvores que serão inaugurados na próxima semana. Não importava que eu tivesse acordado às seis da manhã e já estava na fazenda às sete, já ao telefone com nossa equipe que se preparava para trazer árvores frescas de nossa propriedade no Oregon.

Às nove e meia, eu estava exausto e sem vontade de conversar em um café acolhedor, ouvindo minha mãe e uma estranha traçar meu calendário social. Um calendário social com o qual eu definitivamente não queria lidar.

A culpa me incomodava, me fazendo checar o telefone pela hora exata a cada cinco minutos, uma vez que o relógio passava das dez. A cada minuto que passava, eu jurava que quase podia sentir a raiva da minha mãe irradiando em minha direção a quilômetros de distância. Finalmente desisti e voltei para o estacionamento onde estacionamos nossos carros, xingando tão alto que o barulho fez com que um bando de pássaros em uma árvore próxima voasse para longe em um enxame de asas batendo freneticamente, me assustando.

Sem pensar, sem me preocupar em trocar minhas roupas de trabalho, entrei no caminhão e fui para o centro de Carmel em tempo recorde.

Tudo por nada.

Eu tentei mandar uma mensagem para mamãe. Várias vezes. Sem resposta. Eu liguei para ela. Mais uma vez, várias vezes e todas as chamadas foram direto para o correio de voz. Tudo o que conseguia pensar era o quão zangada ela deveria estar comigo, e o quanto eu estraguei tudo.

Mas, no fundo, fiquei feliz. Que bom que eu não teria que ser legal e ir a um monte de festas depois de tudo. Eu sei que mamãe ficará brava e decepcionada comigo e com tudo isso, mas lidei com isso a vida inteira.

Eu sei que os deixo orgulhosos. Eu subi e estou praticamente administrando os negócios da família.

Por outro lado, decepcionei meus pais no passado, estou prestes a decepcioná-los no presente e sei muito bem que farei isso novamente no futuro.

Eu posso viver com isso.

O único bônus quando cheguei ao Sweet Dreams, foi ver aquela mulher bonita sentada na frente. Primeiro, me pareceu estranho que ela estivesse sentada do lado de fora em um dia tão frio. Sim, ela usava um casaco preto grosso e, pelo que podia dizer, ela usava um suéter cor de ferrugem embaixo dele. Jeans. Botas marrons escuras que iam até os joelhos. Eu poderia dizer que ela veio do dinheiro.

O pouco de conversa que compartilhamos, embora na superfície não tenha sido grande coisa, deixou um efeito prolongado. Parecia que eu já a conhecia. Ou pelo menos eu deveria saber dela. E queria saber mais sobre ela também.

Mas a amiga dela me dispensou com algumas palavras bem escolhidas e, como minha mãe não estava à vista, saí dali. Não pude deixar de me perguntar se a mulher tinha se machucado, já que sua amiga tirou o saco de gelo e o segurou na parte de trás da cabeça dela.

Não era minha preocupação, no entanto.

Apesar da culpa persistente ainda pairando sobre mim, fui a um dos lotes de árvores que meu irmão Russ dirige, mas não conseguia me concentrar. Cedendo à minha culpa, finalmente dirigi para Pacific Grove. Para a casa dos meus pais, a casa em que cresci. Atualmente moro em um condomínio em Monterey, eu me mudei quando tinha vinte anos, colocando o adiantamento no meu condomínio com o dinheiro que havia economizado depois de todos aqueles anos trabalhando na fazenda de árvores.

Eu amo minha família, mas queria sair. Queria o meu próprio lugar, e não ter que lidar com meus irmãos gritando um com o outro, ou ouvir os cães correndo pelas escadas latindo, meu pai gritando para eles ficarem quietos. Ou como a água sempre ficava instantaneamente fria se você estivesse no chuveiro e alguém usasse o vaso sanitário.

A casa em que meus pais moram é antiga. Uma gigante Queen Anne[3] de dois andares no centro de Pacific Grove. Na verdade, é um monumento histórico que foi oficialmente reconhecido pela Heritage Society. Mamãe se orgulha da pequena placa verde que fica na parede, perto da porta da frente, apontando para todas as novas pessoas que vêm nos visitar.

Eu? Nunca entendi o apelo. Nunca me importou que nossa casa fosse tão velha. Tudo o que via eram as falhas. As paredes finas. A escada precária. A questão da água. A cozinha antiga, tudo o que sempre precisava ser reparado. Uma vez que é considerado histórico, você não pode alterar estruturalmente. Então você está preso.

Além disso, há o fato de que meu irmão Russ jurou que nossa casa estava assombrada desde que éramos crianças. Quando estávamos na adolescência, ele assistia a todos aqueles shows de caçadores de fantasmas e queria enviar nossa casa várias vezes, mas nossos pais não deixaram.

Eu? Não sou fã de fantasmas. Ou de merda assustadora em geral.

Parando em casa, estacionei minha caminhonete e vi que minha mãe já estava aqui, sua caminhonete estacionada na garagem. Saio do veículo e vou para a varanda da frente, subindo os degraus e nem me dando ao trabalho de bater quando abro a porta, o calor da lareira me envolvendo instantaneamente.

Eu ouço o suspiro antes de realmente vê-la. — É você!

Encontro uma mulher sentada no sofá, o gato siamês Spike da minha mãe, sentado no seu colo. Ela está coçando Spike sob o queixo, os olhos azuis estreitados em fendas, e eu juro que posso ouvi-lo ronronar de onde estou. Ele parece muito satisfeito consigo mesmo. Não que eu o culpe. Ficaria satisfeito se ela tivesse as mãos em mim também. Ela é maravilhosa.

Ela também é a mesma mulher que vi antes, sentada em frente ao café, quando estava pensando em entrar ou não. A mesma mulher com quem conversei por alguns minutos antes de sua amiga aparecer e basicamente me dizer para desaparecer.

O que diabos ela está fazendo na sala de estar da minha mãe?

---

[3] O estilo Queen Anne na arquitetura britânica refere-se ao estilo arquitetônico barroco inglês que se desenvolveu na época da rainha Anne ou a uma forma renovada que se tornou popular durante o último quartel do século XIX e as primeiras décadas do século XX.

Fecho a porta e me encosto nela, estudando-a. Seus olhos escuros estão arregalados enquanto ela olha para mim, ainda distraidamente acariciando Spike. Tenho certeza que ela está tão surpresa em me encontrar aqui quanto eu. Ela pisca uma vez. Duas vezes. Grandes olhos castanhos aveludados, com cílios longos e grossos, um nariz pequeno e uma boca perfeitamente rechonchuda. Estou olhando, não posso evitar e quando ela finalmente abre os lábios para dizer algo, ouço a voz da minha mãe.

— Oh. Charlie. Aí está você. — Mamãe diz.

Que diabos?

Balançando a cabeça, olho para a direita para ver que mamãe acabou de entrar na sala, segurando um cobertor nas mãos. Ela parece quase tão surpresa em me ver como a mulher misteriosa sentada no sofá da família. O próprio sofá onde beijei mais do que algumas meninas ao longo da minha adolescência.

Eu empurro todos os pensamentos de beijar antigas namoradas e me concentro na mulher cujo olhar está me varrendo atualmente.

— Este é Charlie? — A mulher misteriosa pergunta, virando-se para minha mãe com um olhar interrogativo no rosto.

Mamãe ignora sua pergunta, seu foco se concentra em mim. — Onde você esteve? — A voz dela é fria. Como gelo. E eu lembro que ela provavelmente está chateada comigo.

— Desculpe pelo atraso. Fui apanhado no trabalho e perdi a noção do tempo. — Minha desculpa parece fraca, então decido dizer o mínimo possível, que é o meu modo normal de operação. Quanto menos eu digo, menor a chance de estragar.

Percebo que a mulher acabou de descobrir quem eu sou, e isso me ocorre: é essa mulher que minha mãe queria que me levasse para eventos de caridade durante as férias. Imaginei que mamãe estava me combinando com uma velhinha que conhecia o caminho da sociedade da Baía de Monterey e tentaria me controlar. Não alguém que realmente tenha a minha idade e também seja extremamente atraente.

Decidindo que preciso jogar isso, desenvolvo cada grama de charme que eu possa ter - já faz um tempo, então o charme está enterrado - e sorrio para ela.

— Ei, engraçado que nos encontramos de novo, certo? — Eu me aproximo da mulher com a mão estendida em sua direção, inclinando-me. Ela automaticamente estende a dela também, fazendo com que o gato pule do colo com um miado irritado. — Eu sou Charlie.

— Candice. — Ela desliza a mão na minha, e é como se um raio atravessasse através de mim, me fazendo tremer. Apertamos as mãos, mas eu não deixo ir. Ainda não.

— Então você estava realmente atrasado para *me* conhecer.

— Sim, eu estava. — Dou a ela o que espero que seja meu melhor rosto de simpatia. Eu já decepcionei antes. Muitas vezes. Mas, por alguma razão, me sinto muito mal por ter decepcionado essa mulher. Uma mulher que eu nem conheço. — Lembra de como você mencionou anteriormente que não julga?

Ela sorri, e eu finalmente solto sua mão, subindo à minha altura máxima para encontrar mamãe nos assistindo, seu olhar estreitado. — Vocês dois se conhecem? — Mamãe parece totalmente confusa.

— Não. — Dizemos simultaneamente.

— Mas você falou...? — A cabeça da mamãe está girando quando ela olha de mim para Candice.

— Oh, Isabel, ele chegou ao Sweet Dreams quando você saiu para pegar seu caminhão e Stella estava dentro pegando uma bolsa de gelo para mim. Conversamos um pouco. — Explica Candice antes de voltar sua atenção para mim. — Antes de Stella tão rudemente te afastar.

— Ela foi vagamente hostil. — Eu concordo, fazendo Candice sorrir.

Seu sorriso desaparece rapidamente, porém, substituído por uma máscara de dor e é quando minha mãe corre para ela, sacudindo o cobertor enquanto diz a Candice: — Estique-se, querida, e deite-se no sofá.

Candice faz o que ela disse, mamãe passando o cobertor sobre suas pernas antes de se afastar, contemplando-a. — Vou fazer um chá para você, como prometi. Charlie, vem comigo.

— Mas...

— Agora. Por favor. — Ela me dá um sorriso tenso para me avisar que ainda está brava.

Posso muito bem a seguir até a cozinha e levar meu castigo. Pelo menos não deve durar muito, considerando que temos companhia.

Quando entramos na cozinha e a porta se fecha atrás de nós, é quando mamãe se vira para mim, seu dedo indicador enfiado no meu rosto. — Você deveria ter ligado.

— Eu liguei. — Digo a ela, mantendo minha voz o mais uniforme possível. Não quero que Candice nos ouça gritando na cozinha, embora esse seja normalmente o estilo da minha família. — Você não atendeu.

— Mas você apareceu afinal? É tão diferente de você. — Ela está andando pela cozinha, limpando algumas migalhas do balcão de azulejos antes abrir a torneira e lavar as mãos. — Por que você não ficou quando percebeu que estava conversando com Candice?

— Eu não sabia que estava falando com Candice. — Eu digo. — Eu não tinha ideia de quem ela era.

Mamãe desliga a água e seca as mãos. — O que exatamente ela disse para você?

— Nós apenas... eu não sei. Ela poderia dizer que eu não queria entrar, e ela me disse que o café tinha um bom café e começamos a conversar. Sobre nada, realmente.

— Ela te disse que caiu? Por isso não ouvi sua ligação. Na verdade, eu mal olhei para o meu telefone desde que tudo aconteceu. Levei-a para o atendimento de urgência e, felizmente, minha amiga, que é assistente de enfermagem, conseguiu entrar com ela rapidamente. — Ela puxa o telefone da bolsa, que está apoiada no balcão da cozinha, verificando suas notificações. Ela levanta a cabeça. — Você ligou algumas vezes. E você também mandou uma mensagem.

— Eu te disse. — Cruzo os braços. — Sua campainha estava desligada como sempre? — Ninguém consegue encontrá-la porque ela sempre tem o som do telefone desligado.

— Charlie. — Ela me envia um olhar medido. — Não seja espertinho comigo.

Esse é o tipo de coisa que eu odeio e me alegra por não viver mais sob o teto dos meus pais. Não que eu faria. Estou velho demais para essa merda, tê-la falando comigo como se eu ainda tivesse dezesseis anos e sarcástica pra caralho.

Concedido, eu ainda sou muito sarcástico quando quero ser. Mas vamos lá. Ela está me repreendendo como se eu estivesse prestes a ficar de castigo.

— E o que você quer dizer com ela caiu? — Eu pergunto, tentando mudar de assunto.

— Ela não caiu. Bem, ela fez, mas isso é porque ela desmaiou. Bem na minha frente. Foi meio assustador. — Ela me joga com um aceno de mãos sobre a pequena mesa onde costumávamos tomar café da manhã. Eu me sento, observando enquanto ela pega a chaleira e a leva para a pia, enchendo-a de água antes de colocar em cima do fogão e ligar.

— Por que ela desmaiou? — Olho para baixo e vejo que Spike nos seguiu até a cozinha, abrindo caminho pela porta de abrir como ele faz, e atualmente ele está enrolando seu corpo siamês esbelto em volta das minhas pernas.

— Não tenho muita certeza. Estávamos conversando e, de repente, eu percebi que ela estava meio que perdida. Me alcançando como se ela não tivesse certeza de onde eu estava, quase como se ela não pudesse me ver. Ela também não me reconheceu quando disse o nome dela, e a próxima coisa que sei foi que ela caiu no chão, a parte de trás da cabeça batendo na calçada. — Mamãe explica, mordendo o lábio inferior.

Bem, merda. Isso parece horrível. — Você não tentou pegá-la?

— Aconteceu tão rápido, Charlie. Não tive reflexos rápidos o suficiente para agarrá-la. Coitadinha, eu tive medo que ela realmente se machucasse. Embora ela possa... — Mamãe faz uma pausa, me dando um sorriso hesitante. — Você deveria ir dar uma olhada nela. Certifique-se de que ela não esteja dormindo.

— Você realmente acha que ela vai dormir no seu sofá coberto de pelos de gato? — Eu duvido disso. Estou surpreso que ela não esteja espirrando. Você não precisa ser alérgico a animais para começar a espirrar nesta casa. Os cães dormem no sofá também.

— Espero que não. Ela não deve dormir porque tem uma concussão.

— Espere um minuto, ela tem uma concussão? — Mamãe me cala. Acho que falei muito alto. — Eu não entendo por que ela está aqui.

— Sim, eles disseram que ela tem uma leve concussão. Eu não poderia deixá-la sozinha, Charlie. Ela precisava de alguém para vigiá-la por algumas horas, então eu disse que faria.

Eu estou balançando a cabeça. — Isso não faz sentido.

— Não se esqueça que ela é a mulher que irá acompanhá-lo nos eventos de caridade que você precisa comparecer. — Diz mamãe, com voz firme. Eu separo meus lábios, pronto para discutir, quando ela balança o dedo indicador para mim novamente. — Eu não quero ouvir isso. Sei que você é um homem crescido, mas também é extremamente teimoso, assim como seu pai. E nunca vai concordar com isso, a menos que eu faça você fazer isso.

Caindo na cadeira, dou um suspiro. Ela está certa. Vou evitar e evitar repetidamente, só para não ter que lidar com isso. — E a fazenda?

— O que tem? Você contratou ainda mais funcionários nesta temporada. Victoria está lá na loja.

— Vic não sabe como administrar as coisas do dia-a-dia. — Interrompo.

Mamãe me lança um olhar. — Vamos. Ela trabalhou lá a vida toda, assim como você. Claro que ela sabe como administrar as coisas do dia-a-dia. Todos vocês sabem.

Porra. Eu odeio tentar discutir com minha mãe. Ela quase sempre vence.

— Você tem que ser legal com Candice. Ela está fazendo isso, nos ajudando, fora da bondade de seu coração. Você não pode sair por aí sendo seu eu habitual horrível e esperar que ela queira continuar ajudando você. — Mamãe diz.

— Meu eu habitual horrível? — Estou realmente ofendido. — Obrigado, mãe.

Eu me levanto, prestes a sair da cozinha, quando a sinto agarrar meu pulso, me parando. — Eu sinto muito. Tem sido... uma semana difícil.

— É apenas segunda-feira. — Eu indico.

A chaleira começa a assobiar e ela vai ao fogão para tirá-la do fogo. Ela diminui o fogo, deixando a chaleira em fogo baixo e vai ao armário pegar algumas canecas.

— Eu pensei que estaria recebendo más notícias. Preocupei-me durante todo o fim de semana e nunca contei a seu pai nada disso. — Diz ela enquanto pega um recipiente de saquinhos de chá e escolhe dois. — Você quer chá?

— Não, obrigado. — Eu balanço minha cabeça. — O que você quer dizer com más notícias?

— O médico pensou que eu poderia ter... câncer de mama. Eu nem contei isso ao seu pai, Charlie, então, por favor, guarde para si. Eu quero ser a única a dar a notícia a ele.

— Espere um minuto? Você tem *câncer?* — Que diabos? Meu coração parece que caiu no meu estômago agitado.

— Não, eu fui ao compromisso de acompanhamento hoje de manhã, eles fizeram outra mamografia com uma máquina diferente, e acontece que não tenho. Fiquei com medo o fim de semana inteiro e não sabia como contar a nenhum de vocês. — Sua expressão é cheia de arrependimento. — Fiquei muito emocionada quando me encontrei com Candice no café. Tão emocional. Ela provavelmente acha que estou doente.

O alívio que me enche é impressionante.

— Deus, mãe, você me assustou. Estou tão feliz que os resultados foram bons.

— Obrigada. Estou contente também. E sinto muito por ter assustado você. — Ela para de preparar o chá e vem até mim, estendendo a ponta dos pés para bagunçar meu cabelo como costumava fazer quando eu era pequeno. — Eu não quis isso.

O gesto me faz sentir criança, e eu a abraço, engolindo o nó repentino na minha garganta. — Então você definitivamente não tem câncer.

Ela balança a cabeça.

— E você quer que eu vá a alguns eventos de arrecadação de fundos com essa mulher, Candice, e tentar nos envolver mais na comunidade. — Continuo.

Mamãe assente, seus olhos castanhos luminosos, como se houvesse um brilho de lágrimas cobrindo-os.

Merda. Como posso dizer não quando minha mãe passou por um susto de câncer e nunca contou a ninguém sobre isso? Ela me pegou. E ela sabe disso.

— Bem. Eu vou fazer isso.

Mas não estou feliz com isso.



CANDICE

Estou cochilando. Dormindo, realmente. Eu sei que estou porque coisas inacreditáveis estão acontecendo comigo agora. Eu posso ouvir um homem chamar meu nome. Repetidamente. E há uma criatura peluda esfregando no meu rosto. Eu posso ouvir... ronronando? E o miado mais fraco. A lógica me diz que é um gato, mas parece muito pesado.

— Candice. Acorde. Você não deveria estar dormindo.

Essa é uma boa voz. Masculina. Profunda e um pouco grave. Quase como se ele não usasse muito, mas isso não pode ser verdade. Todo mundo fala. Uns mais do que outros - eu falo muito - mas nossas vozes não se tornam estridentes por falta de uso.

Certo?

Ele é o único que ronrona ou é o gato? Estou tão confusa.

Dedos quentes enrolam no meu ombro e apertam. Agitam um pouco. — Ei. Acorde.

Eu me viro de lado, murmurando: — Não quero.

Um suspiro frustrado. O cheiro de pinho. Algo, *alguém,* cheira bem. Eu acho que pode ser ele.

Abrindo um olho, estou perdida por um segundo. Onde estou? O quarto é velho. O termo mais educado seria *vivido*. É muito aconchegante, com um fogo aceso na lareira e há um cobertor grosso e aconchegante sobre mim. Há também um gato siamês andando ao meu lado. Ele é meio pesado.

Eu me contorço um pouco e o gato pula. Eu luto para me sentar, momentaneamente esquecendo que caí e bati com a cabeça. O latejar em minhas têmporas me faz estremecer, e pressiono minha mão contra a testa, esfregando-a com os dedos.

— Você sentou-se rápido demais.

— Você continuou me dizendo para acordar. — Eu mantenho meus olhos fechados, esfregando a tensão da minha testa antes de finalmente

dar uma olhada nele. É Charlie, o cara que eu devo ajudar, de acordo com a mãe dele.

O estranho é que não me lembro de concordar com isso.

— Você não deveria dormir se tem uma concussão. — Ele explica lentamente, como se não pudesse entender. — Eles não disseram isso no consultório médico?

Fui para atendimento de urgência. — Não sei se isso faz diferença, mas sim. Eles me disseram que desde que eu tenho uma concussão, não deveria dormir.

Ele ignora o que eu disse, o que provavelmente é uma coisa boa. — Minha mãe fez um chá para você. — Ele gesticula para a mesa de café na minha frente.

— Oh. Obrigada. — Pego a caneca e a levo aos lábios, soprando o líquido quente antes de tomar um gole. Não gosto muito de chá, tomo café, lembra? Mas esse chá em particular tem um sabor delicioso. Eu acho que pode haver mel nele também.

— Mamãe disse que você desmaiou. — Diz ele.

Interessante. Ele está tentando conversar comigo, quando Eleanor disse que não fala muito. E quando ele o faz, se encaixa contra ela. — Eu desmaiei. Já aconteceu antes.

— O que geralmente faz isso acontecer? — Ele levanta as sobrancelhas.

— Eu tenho pressão baixa. — Franzindo a testa, tento me lembrar exatamente o que me levou a desmaiar em primeiro lugar. Lembro-me vagamente de ter que me encontrar com Isabel no café. Indo para Sweet Dreams e vendo Stella trabalhando atrás do balcão.

Não me lembro da nossa conversa, no entanto. Nem sei como acabamos lá fora. Nosso encontro terminou? O que exatamente era, afinal?

— A pressão arterial baixa faz você desmaiar? — Ele está olhando para mim como se não acreditasse em mim. Tanto faz.

— Às vezes, junto com uma combinação de outras coisas. — Eu lentamente balanço minha cabeça. — O estranho é que não me lembro do que aconteceu.

Agora ele é quem está franzindo a testa. — Como assim, você não se lembra do que aconteceu?

— Não lembro da conversa com sua mãe. Não me lembro de sair lá fora e foi onde desmaiei. — Chegando atrás de mim, toco cuidadosamente o nó na parte de trás da minha cabeça. — É tão estranho.

— Como você se sente agora?

— O inchaço ainda dói, mas estou bem.

Isabel escolhe esse momento para entrar na sala, com um frasco de ibuprofeno na mão. — Você deveria tomar um desse. Eu deveria ter dado a você exatamente quando chegamos aqui.

— Obrigada. — Ela coloca dois comprimidos na palma da minha mão e eu os levo à boca e engolo com o chá.

— Espero que você não esteja dormindo. — Isabel se senta em uma cadeira em frente ao sofá.

— Eu estava. — Eu faço uma careta. — Mas não por muito tempo. Estou bem.

Isabel e Charlie trocam olhares antes de voltar sua atenção para mim. — Você é um amor por ajudar Charlie, acompanhando-o nesta temporada de férias. Nossa família realmente quer ter uma presença maior em nossa comunidade. Especialmente de maneira caridosa. — Diz Isabel.

— Fico feliz em fazer isso, mas também estou muito ocupada nessa época do ano. Embora tenha certeza de que posso acompanhá-lo a alguns eventos. — Não acredito que concordei com isso. Estou ocupada o suficiente. E por que eu iria querer ajudar um homem adulto com algo que não é tão difícil assim?

— Não queremos impor. — Diz Isabel com um sorriso calmo. — Mas não recusaremos sua oferta.

— Uh huh. — Olho ao meu redor, vendo minha bolsa no chão perto da cadeira onde Isabel está sentada. — Você poderia me entregar minha bolsa, por favor?

Charlie pega para mim, entregando-a com uma expressão sombria no rosto. Ele não parece muito emocionado com isso. Bem, adivinhe? Também não estou muito emocionada.

Pego meu telefone e verifico minhas notificações, satisfeita por ver que há uma mensagem de texto da minha madrasta com boas notícias. — Minha madrasta está a caminho de casa agora. Ela deve chegar dentro das próximas duas horas.

— Maravilhoso. — Isabel aperta as mãos.

— Então talvez você possa me levar para casa? Um de vocês? — Olho para os dois com expectativa. Quero sair daqui para poder ficar sozinha com meus próprios pensamentos.

Isabel se vira para o filho. — Charlie, você levaria Candice para a casa dela? Tenho algumas tarefas que preciso cuidar esta tarde.

— Claro. — Ele parece hesitante. Seu olhar encontra o meu, e eu me perco um pouco naqueles olhos verdes por um momento. Lembro-me de sair disso. — Quando você quer ir embora?

— O mais rápido possível. — Eu envio a Isabel um sorriso de desculpas. — Eu só quero descansar na minha própria cama.

— Totalmente compreensível. — Ela se levanta. — Deixe-me ajudá-la a reunir suas coisas para que você possa estar a caminho.

Em questão de minutos, estou sentada no banco do passageiro do caminhão de Charlie, olhando pela janela enquanto ele nos conduz através de Pacific Grove, meu endereço digitado em seu aplicativo de mapas em seu telefone. Não estou aqui há muito tempo e esqueci o quão encantadora é a área.

— Este é um bairro tão fofo. — Digo ociosamente, sem realmente esperar que ele responda. — E a vista da água é fantástica.

— Eu cresci aqui. — Diz Charlie.

Eu me viro para estudá-lo. Ele está muito relaxado no banco do motorista. Suas pernas longas estão meio esticadas, e seu braço direito está apoiado no volante. Ele é super alto, tem mais de um metro e oitenta, e eu não sei mais como descrevê-lo, mas ele tem uma grande presença. No momento, sua presença está consumindo todo o ar na cabine da caminhonete, e estou tendo dificuldades para me concentrar em outra coisa que não ele.

Então eu desisto e faço exatamente isso - foco nele. É melhor do que ficar sentada pensando em como minha cabeça dói.

— Você cresceu na casa que acabamos de sair? — Pergunto.

Ele concorda. — Sim. A casa pertencia originalmente aos meus avós. Quando se aposentaram, deram para meus pais.

— Que doce. Quem começou a fazenda de árvores? Seus pais?

— Não, os mesmos avós que nos deixaram a casa. Está na minha família há gerações.

— A casa ou a fazenda de árvores? — Então a fazenda de árvores já existe há muito mais tempo do que eu pensava.

— Meus pais são os que cresceram o negócio. Eles publicaram anúncios e começaram a distribuir lotes de árvores de Natal em toda a península ao longo dos anos. — Explica Charlie. — Até que nos tornamos o fornecedor número um de árvores de Natal na Baía de Monterey.

— Então você e sua família devem realmente amar o Natal. — Quero dizer, realmente, quem não ama o Natal?

Ele me envia um olhar incrédulo. — Eu odeio isso.

Minha boca se abre. Digo, o quê? — Você está falando sério? Por que você odiaria o Natal? Faz parte do seu negócio.

— Sim, mas na verdade é um feriado falso empurrado por varejistas gigantes para nos fazer gastar muito dinheiro em coisas que não precisamos para as pessoas que amamos. — Explica ele logicamente, embora eu detecte um tom amargo. — Até compramos coisas para pessoas que *não* amamos. É uma total perda de tempo e dinheiro.

Sua declaração me deixa em silêncio por um momento enquanto absorvo suas palavras e, mais do que tudo, a emoção por trás delas. Esse homem está falando sério. Ele *odeia o* Natal. Como devo ajudá-lo?

Por que eu iria *querer* ajudá-lo?

— Mas o Natal é o seu meio de vida. — Ressalto. — É assim que você e sua família ganham dinheiro. Através dos seus negócios. — Faço uma pausa para ter efeito. — Vendendo árvores de *Natal*.

— Oh, entendi. Aproveitamos ao máximo o espírito de férias de todos. As árvores também não são baratas. — Ele balança a cabeça, uma risada escapando dele. — E então elas morrem, especialmente quando a maioria

das pessoas não sabe cuidar adequadamente de suas árvores. Toda a temporada é falsa, construída em uma mentira.

— Construída em uma *mentira?* O que exatamente é a mentira? — Não acredito no que ele está dizendo. Com cada palavra que ele diz, se torna cada vez pior. Este homem está apertando todos os meus botões.

E não de um jeito bom também. Sim, ele é muito atraente. E por alguma estranha razão, quero estender a mão e tocá-lo. Para ver como ele está quente? Ou talvez eu só queira dar um tapa na cabeça dele por seus pensamentos grosseiros?

Eu ainda não tenho certeza.

— Toda a temporada de Natal. A partir de 1º de novembro, vá, vá, vá. Consuma, consuma, consuma. — Diz ele.

Bem, ele não está errado. É vai, vai, vai, pelo menos para mim. Não que eu me importe. Eu gosto da época de Natal. Eu amo a ocupação de tudo isso. Eu acho divertido. Uma grande distração.

Como esse homem se sente vai contra tudo em que acredito.

— Você não gostou do que eu disse. — Não é uma pergunta. Charlie sabe que eu não gostei.

— Não particularmente.

— Minha atitude provavelmente torna muito mais difícil para você me levar por aí e me apresentar a um monte de gente rica, hein?

— Você... — Eu fecho meus lábios. Espere um minuto. Eu olho para ele de lado, mas a expressão em seu rosto é pura inocência. Eu acho que esse homem pode ter segundas intenções. — Você está dizendo que não quer minha ajuda, afinal?

— Estou dizendo que nunca quis fazer isso em primeiro lugar. — Paramos em um semáforo e ele se vira para mim. Seu olhar é intenso, sua expressão séria, e eu me sento um pouco mais reta sob seu escrutínio. — Eu contei para minha mãe, meus pais, exatamente isso desde o início. Mas ela não está ouvindo. Agora ela está tentando me forçar a fazer isso.

A luz fica verde e começamos a nos mover novamente. Enfrento o para-brisa, perdida em pensamentos, maravilhada com sua veemência por não querer fazer isso. Agora fiquei com uma única pergunta.

Por quê?

Eu poderia dizer a ele que não me lembro de concordar em ajudá-lo, mas isso seria uma evidência para apoiar seu raciocínio. Ele viraria contra mim de alguma forma. Ele é esperto. Ele não quer negociar. E ele está ocupado. Ocupado como eu.

Lembro-me de como será divertido ajudar a mudá-lo e apresentá-lo à sociedade. *My Fair Lady* reverso. Eu o assisto pelo canto do olho enquanto ele dirige. Ele não é um selvagem total. É atraente, embora um pouco duro nas bordas. Nada que um guarda-roupa alterado e um corte de cabelo não resolvam.

— Não vai ser tão ruim. — Digo a ele com um sorriso fraco.

— Por que concordou em fazer isso de qualquer maneira? Você não me conhece. — Sua boca está firme, assim como sua mandíbula, que parece afiada o suficiente para cortar granito, eu juro.

De jeito nenhum eu posso lhe dizer a verdade. Mas direi a ele minha verdade, por assim dizer. — Depois que me comprometo com alguém ou alguma coisa, não desisto. Prometi a sua mãe que iria ajudá-la - e você - então eu ajudarei. Não sou uma desistente.

Ele me lança um olhar, e vejo aquele brilho diabólico novamente, embora não seja tão imprudente quanto a primeira vez que o vislumbrei, em frente de Sweet Dreams. — Eu aposto que posso convencê-la a desistir.

— De jeito nenhum. — Eu balanço minha cabeça. Cruzo meus braços. — Eu sou teimosa quando quero ser.

— Eu também. — Ele diz isso com a certeza de alguém que gosta de vencer.

Bem, adivinhe?

Eu também gosto de ganhar.

08

— Aqui está o acordo. Preciso elaborar um plano. — Depois de muita consideração e alguns dias de recuperação após minha queda e concussão leve, o tempo de recuperação significa que você tem muitas horas para pensar, decidi ser corajosa e colocar minha calcinha de menina grande.

Por ser corajosa, quero dizer que mandei uma mensagem para Sarah e perguntei se ela poderia reunir algumas de suas amigas mais corajosas e insistentes porque preciso que as pessoas me pressionem para ser corajosa.

Atualmente, estou na casa do meu irmão, ele está fora da cidade a trabalho, sentada no balcão da cozinha, observando Sarah derramar copos de vinho para todas nós. Ela mora com Jared agora, junto com sua irmãzinha Andie, e eu adoro isso. É como se elas se tornassem parte da nossa família, e confio totalmente em Sarah. Gosto de pedir conselhos a ela. Como esta noite. Embora as amigas que ela convidou sejam, é claro, as mais intimidadoras: Stella e Caroline.

— De que tipo de plano você está falando? — Sarah pergunta enquanto me entrega um copo.

— Preciso convencer um homem que quero ajudá-lo, não torturá-lo. — Digo antes de tomar um gole.

Todas começam a rir, o que só me faz ter uma carranca. E me sinto um pouco boba por dizer isso. Entende o que quero dizer sobre essas mulheres serem intimidadoras? Todas elas têm suas merdas juntas, enquanto eu certamente não.

— Estou falando sério. — Digo a elas, falando alto para que possam me ouvir por cima do riso. — Estou em uma situação embaraçosa e estou tentando fazer o melhor possível.

— Por favor, explique sua situação embaraçosa para elas. — Diz Sarah, acenando para Stella e Caroline. Eu contei a Sarah o que estava acontecendo algumas noites atrás, o dia do meu desmaio/queda. Liguei para ela para dizer o que aconteceu.

— Sim. — Incentiva Caroline.

Tomo mais alguns goles, inspiro profundamente e expiro lentamente antes de iniciar minha história. Como Isabel Sullivan me pediu para ajudar seu filho. Conhecer Charlie e como ele era duas partes legais, duas partes irritadas comigo. E quão relutante ele é em fazer qualquer coisa que envolva interagir com as pessoas durante as festas de fim de ano.

Eu despejei como louca, mesmo deixando Stella saber que Charlie era o mesmo cara que ela foi tão rude naquela manhã quando caí.

— Que coincidência. — Diz ela, balançando a cabeça. O olhar dela se estreita. — Eu não gostei da aparência dele.

— O que você quer dizer? — Estou surpresa. Charles Sullivan é muito bonito.

Stella faz uma careta. — Ele era extremamente bonito.

Como se isso fosse ruim.

Isso anima Caroline. — Sério? Preciso de mais detalhes, por favor.

— Um desses tipos robustos e ao ar livre. — Diz Stella. — Um pouco descuidado, não de propósito e definitivamente não desleixado, mas o visual realmente funcionou para ele. Cabelo escuro, olhos verdes.

— Você notou os olhos dele? — Isso me surpreende. Embora eu ache que não deveria, já que foram a primeira coisa que notei também.

— Quem não notaria aqueles olhos? Eles eram lindos. — Stella zomba das fãs, fazendo-as rir novamente.

Eu não rio, no entanto. Mantenho meus sentimentos para mim mesma. Aqueles olhos *são* lindos. Tudo nele é atraente. Não que ele parecesse me notar assim. Ele ficou mais do que feliz em me expulsar de seu caminhão no momento em que chegamos à minha casa, esperando que ele nunca mais tivesse que me ver.

Ok, estou sendo dramática. Ele foi um cavalheiro perfeito e me acompanhou até a porta da frente. Ele até me acompanhou para dentro para garantir que estava tudo bem. Quando eu assegurei a ele que minha madrasta estava a caminho, e que estava apenas sentando no sofá e assistindo Netflix até que ela chegasse em casa, ele finalmente saiu.

Então vê? Ele não é tão ruim assim. Ele deve ter um senso de decência em algum lugar dentro dele. Pode estar enterrado profundamente, mas sai do esconderijo de vez em quando.

— Você realmente não está ajudando. — Digo irritada, chocada por estar sendo tão franca, mas, caramba, preciso da contribuição delas para elaborar um plano. Estou desesperada.

— Desculpe, desculpe. — Stella se endireita, limpando a garganta. — Que tipo de plano você precisa criar?

Pego o pedaço de papel com impressão dupla que criei anteriormente nos documentos do Google e o passo para Sarah primeiro. É um calendário e lista todos os eventos sociais durante o restante de novembro e durante dezembro. Eu destaquei todos os eventos em cores diferentes, de acordo com sua importância. Amarelo sendo o menos importante para verde claro sendo extremamente importante. O destaque vermelho indica que *não há discussão; você deve participar deste evento.* Eu até fiz uma chave de cores para explicar o que cada uma queria dizer.

— O que é isso? — Sarah pergunta enquanto olha meu calendário.

— Essas são as próximas celebrações de férias na região. — Explico. — Eu os destaquei por importância.

— Entendo. — Sarah me lança um olhar estranho enquanto passa o calendário para Stella. — Há muita coisa acontecendo.

— Puta merda, eu vou dizer. — Stella mal olha para o calendário. Ela apenas o entrega a Caroline, que os desliza com uma expressão divertida no rosto.

— Você vai a cada um desses eventos? — Sarah pergunta.

— A maioria deles. — Dou de ombros, me sentindo defensiva.

— Como você gerencia tudo isso? — Caroline pergunta enquanto me entrega o calendário.

— Eu tenho muito tempo em minhas mãos. Eu não trabalho. Sou voluntária e sinto que tenho que aparecer em todos os lugares, já que sou uma grande apoiadora. — Digo.

— Não acha que todo esse trabalho voluntário permita que você não vá a alguns desses eventos? Como... — A voz de Stella se desvia e ela agarra o calendário novamente, olhando por cima. — Natal de flauta?

Ela tem uma expressão engraçada no rosto. Tenho a sensação de que isso se chama julgamento.

— Quero que você saiba que é um evento divertido com muita música bonita. Além disso, eles incentivam você a cantar junto. — Digo indignada. — E é grátis. Tudo por causa de doações generosas.

— Como a sua? — Sarah pergunta intencionalmente.

Eu levanto meu queixo. — Sim. Como a minha.

— Ei, não estamos aqui para tirar sarro de Candice indo ao Natal da flauta, estamos aqui para ajudá-la. — Diz Caroline, fazendo dela minha pessoa favorita nesta sala. Ela me encara. — Que tipo de plano você deseja montar? Estamos aqui para você. Temos as suas costas.

Seu incentivo significa tudo para mim agora.

— Eu queria mostrar a Charlie o calendário... — Eu começo, mas as três estão furiosamente balançando a cabeça. — Vocês estão dizendo que eu não deveria lhe mostrar o calendário?

— Não como está. — Stella aponta para ele. — Quase todos os espaços estão cheios.

— Mas é assim que a temporada de festas é.

— Não para uma pessoa normal. — Diz Sarah, me fazendo recuar um pouco. Eu gostaria de pensar que sou uma pessoa normal, mas talvez não seja.

Quero dizer, realmente não sou. Eu não trabalho. Ser voluntária e participar de eventos de caridade é o meu trabalho. E isso não é normal, pelo menos não como minhas amigas. Elas têm carreiras e namorados e uma vida social que envolve passar tempo com pessoas da idade delas. Estou chegando lá, mas nunca serei cem por cento como elas.

A tristeza ameaça me envolver e eu me sacudo mentalmente. Não posso contar a elas o verdadeiro motivo pelo qual me dedico ao voluntariado. Preciso ocupar minha mente para não ficar triste e sentir falta da minha mãe. Se elas soubessem a verdade, teriam pena de mim e se preocupariam.

— Então você está dizendo que eu deveria excluir alguns eventos? — Droga, isso vai ser difícil. Talvez eu pudesse ter meu próprio calendário e um calendário para Charles Sullivan...

— Você deve excluir muitos deles. Quero dizer, sério. — Sarah pega o calendário, examinando-o mais uma vez. — Quantas iluminações de árvores uma pessoa precisa ir? Eu vejo cinco listados aqui.

— Todas essas cinco árvores são da Fazenda Sullivan. — Digo a ela. Eu fiz minha pesquisa. E pesquisei bastante no Google. Fiz alguns telefonemas. Eu descobri muita informação.

Ainda não muita do próprio Charlie, no entanto.

— Ele deveria estar lá. — Eu digo quando o resto delas permanece quieta. — Como representante de sua família.

— Leve-o para alguns eventos divertidos, onde é melhor se você for um encontro. — Sugere Stella. — Sinto que ele pode ser um encontro divertido.

Ela faz um giro completo em relação a seus sentimentos sobre Charlie, o que não faz sentido. Mas eu decido não questionar.

— Ele é divertido se você gosta de discutir. Além disso, você não acha que ele é muito bonito? — Opa, eu meio que a questionei.

Stella faz uma careta. — Verdade. Esses tipos geralmente não passam de problemas. — Tenho a sensação de que Stella gosta de generalizar.

Arrancando o calendário das mãos de Caroline, amasso em uma bola e o deixo cair no balcão. — Isso não vai funcionar. Só poderei ir a alguns eventos, ele ainda acha que é demais e me diz para ir chutar pedras.

— Ir chutar pedras? Você está falando sério agora? — Caroline pergunta.

Sarah a olha. — Ela não gosta de xingar.

— Eu não gosto. Tento permanecer o mais positiva possível. Minha mãe nunca disse palavrões. Papai sempre diz isso, e eu tento o meu melhor para imitar o comportamento dela, pois me pareço muito com ela.

— Às vezes você tem que deixar o negativo sair, Candice. — Diz Caroline. — Ou você pode explodir.

Ela tem razão.

Bebemos mais vinho. Falo um pouco sobre Charlie e o calendário, mas isso envelhece, então mudo de assunto e pergunto a Caroline o que está acontecendo com seu namorado, o rico e maravilhoso Alexander Wilder. Isso lança uma discussão totalmente nova sobre posições sexuais criativas e seus comentários me fazem sentir totalmente chata.

Eu também informo Sarah que, embora ela possa falar sobre aventuras sexuais, nunca quero ouvi-la dizer: "E Jared tem um..." ou "Então Jared é uma merda..." Ou qualquer coisa dessa natureza. A última coisa que quero ouvir são as aventuras sexuais do meu irmão com a namorada dele, também conhecida como minha amiga. Seria muito nojento, algo que eu nunca poderia apagar do meu cérebro, por mais que tentasse.

Enquanto todas riem e compartilham histórias engraçadas enquanto esperamos a pizza que Sarah pediu apenas dez minutos atrás, abro meu aplicativo do Google Drive e começo a mexer no calendário.

— E você, Candice? Você ficou muito quieta. — Diz Stella.

Olhando para cima, vejo que as três estão me estudando atentamente. — E eu o que?

— Não há histórias loucas de sexo? Não há situações em que um cara fez algum pedido estranho? Ou algo engraçado aconteceu?

Balanço lentamente a cabeça, colocando meu telefone no balcão. — Eu sou muito chata.

— Chata como? — Stella está cheia de me inspecionar, como se estivesse procurando minha segunda cabeça ou meu terceiro olho.

— Pelas muitas e *muitas* vezes que fiz sexo. — Faço uma pausa. Estou totalmente exagerando, posso contar em menos de duas mãos o número de vezes que fiz sexo. E eu só fiz sexo com dois homens. Um sendo meu namorado do colegial do último ano do ensino médio, com quem eu terminei quando nos formamos, e o outro sendo um cara do meu passado não tão distante que terminou comigo porque eu acho...

Deus, nunca admiti isso para ninguém, mas... acho que o entediava.

Percebendo que elas estão esperando que eu termine, continuo: — Sempre fiz isso no estilo missionário. Bem, uma vez tentamos fazê-lo deitados de lado, de frente um para o outro, mas seu pênis era muito pequeno e continuava caindo. — Eu torço o nariz, pensando no meu

namorado do ensino médio, que queria falar bem, mas nós dois não fazíamos ideia do que estávamos fazendo.

Elas explodem com risos que se transformam em gargalhadas em segundos. Acho que tenho uma boa história sexual para compartilhar.

Quem sabia?

Depois que as risadas se acalmam e elas começam a falar sobre coisas comuns, como trabalho e como os clientes as enlouquecem durante as festas de fim de ano, todas as três trabalham no atendimento ao cliente, e eu estou no meu telefone, brincando com o calendário agravante, elas finalmente me perguntam o que estou fazendo.

— Tentando consertar o calendário. — Digo a elas.

— Deixe-me vê-lo. — Sarah sacode os dedos para mim no universal *me dê*.

Entrego o telefone e ela olha, franzindo a testa. — Ainda há muita coisa nele.

Suspirando, eu estendo minha mão e ela bate o telefone na minha palma. — Eu não quero cortar tudo do calendário. Eu preciso ser um pouco realista.

— Por quê? Isso apenas o manda fugir. Às vezes você tem que facilitar aos homens para esse tipo de coisa. Por exemplo, faça para ele o seu próprio calendário e envie-o da maneira mais simples possível. — Diz Stella, expressando a mesma ideia que pensei anteriormente. — Então você pode aumentar gradualmente à medida que a temporada continua.

— Isso é bom. Eu gosto disso. — Faço uma cópia do meu calendário, chamo-o de Charles e começo a excluir praticamente tudo.

— Quando você vai dar esse horário a ele? — Caroline pergunta, as sobrancelhas levantadas.

— Eu não sei. — Dou de ombros. — Eu vou me encontrar com ele em breve.

— O homem que nem quer fazer isso, que afirma que não tem tempo, vai se encontrar com você? — Sarah pergunta.

— Acredito que sim.

— Não há hora ou local de reunião confirmados? — É Stella. Balanço a cabeça.

— Você tem o número dele? — Caroline pergunta. Outro balanço da minha cabeça.

Todas suspiram.

— Espere um minuto! — Abro meu telefone, encontro o número de Isabel Sullivan e atiro uma mensagem rápida para ela.

Pode me enviar o número de telefone de Charlie, por favor?

Em segundos, ele aparece, acompanhado por um emoji de rosto sorridente. — Consegui. — Eu digo presunçosamente, mostrando meu texto para elas.

— Você deveria mandar uma mensagem sobre o calendário agora. Bem, espere. Deixe-me dar uma olhada primeiro. — Entrego meu telefone a Stella, que assente com satisfação enquanto ela o devolve. — Perfeito. Existem apenas dois eventos nessa coisa.

— Você me disse para quebrá-lo lentamente. — Eu a lembro.

— Eu disse. E isso esta perfeito. Você não quer deixá-lo em choque. Ele pagará a fiança completamente. — Stella acena encorajadoramente em direção ao meu telefone. — Envie uma mensagem para ele.

— Agora? — Meu estômago revira com nervos repentinos. Não posso. E se ele me disser para deixá-lo em paz? Que vergonha.

Mas, novamente, pode ser bom ter testemunhas, caso ele aja como um completo idiota. Dessa forma, elas podem me apoiar se eu precisar reclamar.

— Espere um minuto. Esta situação está me dando sérias vibrações de Sarah agora. — Diz Caroline, olhando para Stella, que assente solenemente. — Eu preciso fazer uma pergunta importante, Candice.

O desconforto desliza sobre mim. — Vá em frente.

— Você tem certeza de que esse cara está em ascensão? Que ele é uma pessoa decente? Você não ouviu nenhuma história sinistra ou algo parecido sobre Charlie, ouviu? — Ela olha em volta. — Alguma de vocês?

Eu absorvo suas palavras, pensando em suas perguntas. — Eu não acho que ele seja uma pessoa terrível e imoral, se é isso que você está perguntando.

— OK. Ok, bom. — Caroline assente, e espero que eu a tenha tranquilizado.

— Além disso, sua família é dona de uma fazenda de árvores de Natal. Isso é o mais saudável que você pode obter. — Acrescento.

— Ou é o ardil perfeito. — A expressão de Sarah é de autêntico ceticismo. — Ele poderia ser um serial killer secreto.

Todas dizem esse tipo de coisa. Não entendo o fascínio delas por assassinos em série. A campainha toca, o que significa que o Uber Eats está aqui com nosso pedido de pizzas e pães do *Toscana*, o restaurante italiano que os irmãos de Stella têm em Carmel. Depois que pegamos tudo, colocamos pratos e guardanapos e servimos mais vinho, comemos, bebemos, conversamos muito mais e, quando estou cheia e pronta para adormecer? É quando elas começam a aplicar a pressão.

— Mande uma mensagem para ele. — Diz Stella, bebendo mais um copo de vinho. Ela está bebendo muito hoje à noite. Beberia mais, mas ainda preciso ir para casa. Talvez Sarah me deixe ficar aqui.

— Agora? — Aqui vêm os nervos novamente, me deixando enjoada, já que eu acabei de comer.

— Sim, agora. Você nunca terá coragem quando estiver sozinha em casa. — Ela está tão certa. Eu me sinto mais forte por tê-las aqui comigo. — Faça. Envie a ele uma mensagem rápida junto com o calendário. Algo como: 'Aqui está o que eu planejei. Não surte comigo'. Ele pode achar isso engraçado.

— Sim, diga a ele que precisa crescer algumas bolas e apenas fazer isso. — Caroline diz. Mais como se ela achasse isso um insulto. Só posso imaginá-lo vendo o calendário, apesar do fato de haver apenas três eventos - eu tive que adicionar outro, não parecia certo - e me dizer que não.

Tenho a sensação de que ele planeja lutar comigo a cada passo do caminho. — Envie! — Sarah grita, e então as três começam a cantar. — Envie! Envie! Envie!

De novo e de novo e de novo outra vez.

Com um suspiro, adiciono o número dele aos meus contatos, depois envio um texto rápido.

Oi.

Estou indo para um ar de mistério.

Sua resposta é quase imediata.

Quem é?

É Candice.

? ? ? ? é a resposta dele.

Oh meu Deus, ele está totalmente fingindo isso. Ele sabe meu nome.

Candice Gaines? A mulher que você levou para casa alguns dias atrás?

Certo.

É tudo o que ele diz. Senhor, ele é frustrante.

Anexo o calendário que fiz para ele e o envio junto com a legenda:

Aqui estão os lugares que precisamos ir.

— O que ele está dizendo? — Sarah pergunta.

Olho para cima e vejo que as três estão me olhando com expectativa. — Ele disse que não sabia quem eu era no começo. — Digo a elas.

— Ele está mentindo! — Stella praticamente grita. Ela aponta para mim. — Vê? Eu disse a vocês que homens como ele não passam de problemas.

Meu telefone vibra e eu verifico a mensagem de Charlie.

Apenas três? Acho isso difícil de acreditar.

Porcaria. Ele já está comigo.

Apenas três por enquanto. Vamos manter as coisas simples.

Já ouvi isso antes.

Um pequeno grunhido me escapa quando eu respondo.

Podemos nos encontrar para um café amanhã e discutir isso?

Não posso. Trabalho.

Eu reviro meus olhos. — Ele está tentando me evitar. — Digo às minhas amigas.

— Não deixe que ele se safe disso. — Diz Sarah. — Seja persistente.

— Tudo bem. — Concordo com a cabeça e começo a enviar mensagens de texto.

Que tal almoçar? Você tem que almoçar, certo? E se não amanhã, talvez este fim de semana?

Desculpe. Ocupado.

Ah, vamos lá.

Eu mando um sorriso e ele não responde. Não pelo resto da noite! Decidindo que preciso de mais vinho e uma festa do pijama, eu exagero. Nós batemos em Charlie e homens em geral, especialmente Stella e eu, as solteiras. Caroline e Sarah adoram seus namorados, e eu reviro os olhos com força quando Sarah fala sobre o quão bom Jared é, porque eu sei a verdade (ele não é tão ruim assim, é divertido tirar sarro do meu irmão).

Eventualmente, Stella e Caroline pedem um Uber e saem, e Sarah e eu conversamos um pouco mais antes de decidirmos dormir. Pego o quarto de hóspedes e fico acordada por mais de uma hora, pensando em Charlie e em como posso convencê-lo de que isso não será uma coisa tão ruim, ir a algumas festas. Eu quero ajudar Isabel. Eu quero ajudar a família Sullivan.

Realmente?

Eu preciso da distração.

09

Tentar agarrar um certo homem teimoso é como bater com a cabeça na parede. Ele ignora meus textos. Ele não atende minhas ligações. Eu decido ser legal, já que estou agindo como uma namorada irritante e hormonal, então o deixo sozinho no fim de semana.

Desde que Charles Sullivan se recusa a me encontrar em algum lugar para almoçar ou tomar um café, para que possamos discutir a agenda social, que supostamente não será muito ocupada (surpresa! Vai ser muito ocupada), eu decido ir até ele.

É por isso que estou entrando no estacionamento de terra batida da *Sullivan Christmas Tree Farm* na segunda-feira de manhã - e a primeira coisa para mim é por volta das nove e meia. Olha, eu sei que corro um pouco mais tarde do que todos os outros, mas ainda me surpreendo ao ver que a fazenda está cheia de atividades. Embora eu deveria ter esperado, considerando que nesta quinta-feira é o Dia de Ação de Graças, e todos as propriedades de Sullivan Tree estão abertas para negócios na sexta-feira.

Eu desligo o carro e o estaciono, então fico lá por um minuto, assistindo a cena diante de mim. Há funcionários em todo lugar. Um pequeno grupo deles está amarrando luzes vermelhas e verdes ao longo da cerca baixa de madeira que reveste a frente do estacionamento. Um homem está em um cortador de grama, limpando o caminho entre as aparentemente intermináveis fileiras de árvores. Há dois homens ajustando uma série de luzes brancas penduradas em postes, ambos em escadas nas extremidades opostas dos postes onde os fios estão pendurados.

Nenhum deles é Charlie.

Agarrando meu café com leite, saio com cuidado do carro, fechando a porta com o quadril antes de seguir em direção ao prédio vermelho que suponho que seja o escritório. Há outro prédio vermelho menor que tem uma placa gigante sobre a janela no centro que diz *Caixa*, mas não parece aberto.

— Posso ajudá-la, senhorita? — Um dos homens que estava ajudando a acender as luzes desce apressadamente a escada, aterrissando de pé e diretamente no meu caminho.

— Oh. — Ele está tão perto, eu dou um passo para trás. Não posso deixar de notar que ele é fofo, com cabelos castanhos dourados e olhos azuis cintilantes. Provavelmente, aos vinte e poucos anos, o que significa que ele tem mais ou menos a minha idade. Ele está sorrindo, o que considero um bom sinal. Se ao menos Charlie fosse tão amigável comigo o tempo todo. Teríamos interações muito mais agradáveis. — Estou procurando Charles Sullivan. Ele está aqui esta manhã?

Ele olha por cima do ombro, olhando em volta antes de voltar sua atenção para mim, as mãos apoiadas nos quadris magros. — Não sei exatamente onde Charlie está, embora eu saiba que ele está em algum lugar.

Percebo que ele tem um rádio bidirecional preso ao cinto. — Talvez você possa ligar para ele? — Eu aceno em direção ao walkie-talkie.

— Claro. — Ele pega o rádio amarelo e preto, leva-o à boca e aperta um botão antes de falar. — Ei, Charlie, você pode me ouvir?

Um monte de estática vem pelo minúsculo alto-falante e tomo um gole do meu café com leite, sem saber o que devo fazer a seguir. Eu me pergunto se Charlie não está respondendo de propósito. O homem é impossível. Ele está me evitando. Não é preciso ser um gênio para perceber isso.

Mas ele não tem ideia de que sou eu quem realmente está procurando por ele, então espero que possamos atraí-lo.

— Deixe-me tentar mais uma vez. Ele pode estar do outro lado da propriedade. — O homem diz antes de falar ao rádio mais uma vez. — Sullivan, você me ouviu? Tenho alguém procurando por você aqui na frente.

Mais barulho.

E então eu ouço sua voz profunda e familiar. — Quem diabos está me procurando, Jonesie?

Oh querido. Ele parece irritado. O que mais há de novo? E Jonesie parece um pouco envergonhado pela linguagem de Charlie.

— Desculpe por isso. — Ele sussurra, segurando a mão sobre o alto-falante do rádio, como se isso impedisse Charlie de ouvir nossa conversa. Ele não precisa pressionar esse botão para Charlie ouvir alguma coisa? — Posso deixá-lo saber quem você é?

Ele pergunta como se soubesse que as pessoas não querem que Charlie saiba que estão procurando por ele. Interessante. — Diga a ele que meu nome é Dolores e sou a chefe do comitê de iluminação de árvores de Natal de Pacific Grove.

O homem está franzindo a testa quando me olha de cima a baixo. Tenho certeza de que ele não acredita que meu nome seja Dolores, mas sei que esse é o nome da mulher que é a verdadeira chefe do comitê de cerimônia de iluminação da árvore de Natal em Pacific Grove. Já trabalhei no comitê deles antes, mas não este ano. Dolores é uma mulher encantadora.

Ela também tem oitenta e dois anos.

— É... Dolores. — Ele finalmente diz no rádio. — De Pacific Grove. Ela está encarregada da cerimônia de iluminação das árvores este ano.

— Maldição. — Jonesie se afasta apressadamente enquanto Charlie continua amaldiçoando e reclamando, tentando se distanciar de mim para que eu não precise ouvi-lo, sem dúvida. Continuo ali, bebendo meu café com leite, tentando ignorar os olhares curiosos dos vários funcionários que estão trabalhando nas proximidades.

Talvez não tenha sido uma boa ideia. Mas prometi a Isabel que a ajudaria, e é óbvio que esse homem precisa da minha ajuda. E apesar de seu comportamento rude e brusco, não posso deixar de me sentir atraída por ele.

Louco, né? Às vezes, você não pode explicar a química.

— Ele já vem. — Diz Jonesie alguns minutos depois, enquanto caminha em minha direção. — Desculpe por isso, senhora. Charlie é um cara legal. Ele não sabia que você estava parada na minha frente e podia ouvi-lo.

Desculpas, desculpas. Acredito que Charlie teria amaldiçoado assim, mesmo que soubesse que eu podia ouvi-lo. — Muito obrigado pela sua ajuda. Qual é o seu nome? — Pergunto, sorrindo para ele.

— Isaac Jones, mas todo mundo me chama de Jonesie. — Ele realmente parece um pouco tímido e eu não posso deixar de pensar que seu comportamento é meio adorável. — Prazer em conhecê-la, Dolores.

Eu começo a rir. Não posso evitar. Isaac está olhando para mim de maneira estranha, a cabeça inclinada para o lado enquanto eu continuo

rindo e, quando finalmente consigo encontrar minha voz, digo a ele: — Meu nome não é Dolores. Eu só disse isso para você contar a Charlie e ele não saberia quem sou realmente.

— E quem é realmente você? — Ele pergunta, rindo.

— Meu nome é Candice. Tenho certeza de que Charles está me evitando, então tive que tomar medidas drásticas para garantir que ele viesse aqui. — Explico, Isaac assentindo como se soubesse exatamente do que estou falando.

E quando se trata de lidar com Charlie, acho que Isaac sabe. Eu não sou um caso especial. Charlie trata todo mundo assim.

Ouço um motor a curta distância e viro para ver Charlie vindo em nossa direção em um veículo all-terrain[4]. É verde escuro, com rodas gigantes e um motor barulhento, e estou tão agradecida que ele ainda não me viu. Para que eu possa observá-lo sem julgamento enquanto ele se aproxima, aquela expressão determinada em seu rosto bonito, o conjunto firme de sua mandíbula. Não me interpretem mal, já fui atraída por muitos homens antes. Fui em alguns encontros. Tive apenas dois relacionamentos na minha vida adulta além do meu namorado no ensino médio, embora nada tenha durado muito. Um relacionamento semissério que o homem terminou, e me esmagou um pouco, e meu outro relacionamento mais recente, que terminei cerca de seis meses atrás, antes de me apegar emocionalmente demais.

Há algo em Charlie que eu não consigo entender, no entanto. Eu penso nele e minha pele fica quente. Vejo-o agora e meu coração salta. E quando ouço sua voz, quando seu olhar pousa em mim, ou quando ele diz meu nome? Esqueça.

Eu terminei.

— Candice, posso lhe dar uma palavra de conselho? — Isaac pergunta, sua voz cautelosa interrompendo meus pensamentos luxuriosos.

Eu sorrio para ele. — Claro.

— Não ouço muita gente chamar Charlie de *Charler*. Às vezes, sua mãe o chama assim. Ou o pai dele. Mas ninguém mais, nem mesmo seus irmãos e irmãs. Não acredito que ele seja um grande fã do nome dele, se

[4] Um tipo de quadriciclo.

eu estiver sendo honesto. Então, recomendo que você não o chame muito de Charles, se entende o que eu quero dizer. — Explica Isaac.

Ah, ele não é doce, me avisando. — Você é tão gentil por me dizer. — Estendo a mão e toco sua manga, sorrindo para ele. — Obrigada, Isaac. Agradeço sua ajuda.

Charlie escolhe esse momento exato para parar na quadra diretamente à nossa frente. Tão perto, juro que os pneus estão a meros centímetros de onde estou. Se ele chegasse mais perto, provavelmente poderia ter me derrubado. Ele desliga o motor com um movimento do pulso e eu levanto o meu olhar para que encontre o dele, notando o aborrecimento ali, queimando nas profundezas de seus impressionantes olhos verdes.

Como de costume, meu coração pula algumas batidas, mas eu me recuso a deixá-lo ver que ele me abala. Endireitando meus ombros, me levanto e envio um sorriso educado em sua direção.

— Você não é Dolores. — Ele praticamente cospe, cheio de irritação. Ele é o epítome da vitalidade ao ar livre, vestindo jeans e uma camisa xadrez verde e branca, além de um colete preto. Um boné preto esconde a maioria de seus gloriosos cabelos escuros e ele parece não ter se barbeado há um tempo, o que significa que está começando a ter a aparência de uma barba cheia.

Eu nunca pensei que um homem pudesse ficar bem de colete, mas de alguma forma, Charlie consegue.

É meio irritante.

— Prazer em vê-lo também esta manhã, Charles. — Eu digo, minha voz leve e fácil. Como se estivesse prestes a fazer uma apresentação na frente de um clube feminino.

Isaac me lança um olhar, que diz, *senhora, você está brincando com fogo.*

Eu sorrio para ele em troca, logo antes que se vire e se afaste.

— O que você quer, Candice? — Charlie diz assim que Isaac está fora do alcance da voz.

— Eu preciso falar com você. — Digo a ele, mantendo minha voz calma.

— Eu não tenho tempo.

— Não vai demorar muito. Quinze minutos, no máximo.

Ele balança a cabeça. — Não posso fazer isso. Estou ocupado.

— Você eventualmente faz uma pausa, não é? — Eu tento manter o sorriso no meu rosto, mas é difícil quando você está lidando com um homem mal-humorado que não se mexe.

— Eu não faço pausas. — Seus lábios se estreitam enquanto ele continua a me estudar. — Você percebe que é semana de Ação de Graças, não é? Esta é de longe a época mais movimentada do ano para nós. A preparação para a Black Friday nos mantém em andamento quando terminamos de montar nossos lotes de árvores em toda a península. Não tenho tempo para gentilezas ou conversa fiada. E eu também não aprecio seus truques, *Dolores.* Agora, se você me der licença.

Ele começa a se afastar e eu olho para o traseiro dele, palavras me faltam, o que raramente acontece. A razão de eu me sair bem no meu trabalho de caridade é porque posso falar. Conversar, conversar, conversar, até você não ter escolha a não ser concordar com o que estou lhe pedindo. E isso é dando seu tempo ou seu dinheiro. Eu sou a rainha da angariação de fundos. Eu posso convencer alguém a fazer o que quero. *Qualquer um.*

Exceto Charles Sullivan.

O homem é tão... rude. E não apenas comigo. Ele é igual em qualquer oportunidade. É como se todos tivessem permitido que ele se comportasse dessa maneira por toda a sua vida, e me desculpe, mas não vou aceitar isso.

O pior é que eu sei que ele tem potencial. Ele nem sempre está tratando as pessoas terrivelmente. Às vezes, ele pode ser legal. Às vezes, ele pode ser gentil. Quando me levou para casa naquela tarde depois que eu desmaiei, foi perfeitamente educado. Ele tem isso nele. Eu sei.

Mas acho que talvez tenha sido um dia de folga para ele.

Eu vou atrás de Charlie, agradecida por ele não ter voltado naquele quadriciclo e arrancado daqui. Ele está indo direto para o gigantesco prédio vermelho, e vou atrás, tendo que acelerar o passo, já que um de seus longos passos é igual a três dos meus. Ele é tão horrível.

E bonito. E áspero.

E ele cheira bem. Eu mencionei isso? Ele tem cheiro de pinheiro, e claro, seu cheiro é *extremamente delicioso.*

Ugh. Eu me odeio às vezes.

Ele empurra a porta do prédio quase violentamente, enviando-a escancarada, e eu me esgueiro atrás dele, fazendo-o virar e praticamente rosnar para mim quando percebe que estou de pé na frente dele.

Mas esqueço tudo sobre o rosnado dele quando vejo como esta sala é encantadora. Não é um escritório, mas uma loja de verdade, cheia de decorações de Natal e bugigangas à venda. As velas estão acesas - sinto o cheiro de canela e especiarias flutuando no ar. O cheiro dos verdadeiros pinheiros carregados de ornamentos na sala também permanece, e respiro fundo, fechando os olhos por um momento para que eu possa absorver tudo.

Quando abro os olhos, é para encontrar Charlie parado lá, com as mãos nos quadris, a testa enrugada. — Você está bem? Aquele ferimento na cabeça ainda está lhe causando problemas?

Eu reviro meus olhos. — Não, seu idiota. Estou gostando da atmosfera festiva. — Oh, isso foi cruel. Eu não deveria ter dito isso.

Mas acho que ele nem percebeu.

Eu lentamente me viro em círculo, puro prazer fluindo em minhas veias. Não sei o que olhar primeiro, é tudo tão bonito. E há camadas e mais camadas de decorações. Nas paredes, prateleiras desordenadas e mesas, transbordando cestas gigantes. E é claro que existem as árvores. Elas quase caem com a abundância de ornamentos brilhantes e luzes cintilantes. Provavelmente levaria horas para explorar tudo, e estou morrendo de vontade de começar minha exploração neste exato momento. — Esta loja é tão adorável!

— Minha irmã Victoria administra. — Ele olha para o balcão onde fica o registro, mas ninguém está lá. — Mas não sei onde ela está. Talvez você possa conversar com ela sobre o que quer falar.

De jeito nenhum ele está empurrando essa agenda para sua irmã. Isabel quer que Charlie faça isso, e mais ninguém.

— Nós perdemos os últimos cinco minutos com você bufando e se recusando a falar comigo. — Pego minha bolsa grande e puxo a pasta que

queria mostrar a ele. — Me dê dez minutos. É tudo o que preciso para falar sobre o que faremos nas próximas semanas.

Ele faz uma careta. Suspira. Puxa o boné da cabeça, todo aquele cabelo lindo derramando sobre sua testa, e meus dedos literalmente coçam com a chance de empurrá-lo para fora de seus olhos.

Mas eu me contenho.

— Tudo bem. — Ele finalmente diz, caminhando em direção ao balcão. Eu o sigo, colocando a pasta vermelha brilhante no balcão entre nós, enquanto ele está de pé de um lado e eu do outro. — Vamos acabar com isso.

Eu coloco meu café com leite no balcão também e esfrego minhas mãos, como se estivesse realmente gostando desse momento. O que estou. Finalmente, tenho a atenção dele. — Ok, aqui vamos nós. — Eu abro a pasta e entrego a ele uma cópia do calendário que retrabalhei ontem à noite quando não conseguia dormir. Pego a segunda cópia que é para mim, vendo como ele desliza sobre o que eu escrevi.

— Que diabos é isso? — Ele pergunta quando levanta o olhar para o meu.

— Nossa agenda. — Fui em frente, adicionando de volta tudo o que originalmente tinha naquele calendário. Eu sei que disse que iria entrar devagar, mas esse homem não me deu escolha.

Ele precisa saber o que está enfrentando.

— *Nossa?* — Ele o lê mais uma vez, os vincos na testa se aprofundando a cada segundo que passa. Ele vai sofrer de envelhecimento prematuro se não relaxar. — Eu não posso fazer tudo isso.

— Você não precisa fazer tudo isso. — Eu o asseguro. — Apenas... a maior parte.

Ele bate o papel no balcão com um golpe suave. — Candice. Isso é demais. Eu já tenho o suficiente no meu prato do jeito que está. Não pode esperar que trabalhe o dia inteiro e depois saia e sorria e coma aperitivos de merda enquanto converso com um monte de esnobes.

Pego a agenda dele e a coloco em cima da minha. — Você está certo. Você definitivamente não será capaz de gerenciar com esse tipo de atitude.

Ele olha para mim. Em seguida, estica a mão e pega meu café com leite, dando um grande gole.

Eu só posso ficar lá, olhando boquiaberta para ele enquanto bebe meu amado café com leite, limpando a boca com as costas da mão quando termina. — Porra, isso estava bom.

— Você é um *animal.* Você roubou a minha bebida! — Pego meu copo de viagem e agito. Acho que não há mais uma gota.

— Estava delicioso. — Ele lambe o canto dos lábios, como se estivesse tentando provar um último gosto, e ignoro o modo como meu sangue fica quente à primeira vista de sua língua estúpida. — O que era?

— Um café com leite de gengibre da Sweet Dreams. — Digo a ele, incapaz de manter o tom sarcástico da minha voz. — Meu favorito absoluto.

— Eu posso ver o porquê. — Ele pega sua agenda mais uma vez e a estuda cuidadosamente. — Você quer que eu assista a *cinco* iluminações de árvores de Natal. — O olhar que ele me envia diz para *correr o inferno fora daqui.*

Sim, eu amaldiçoei em meus pensamentos. Sua escolha de palavras é provavelmente ainda mais forte.

— Cada uma dessas iluminações de árvores está usando uma árvore Sullivan especialmente cortada da sua fazenda no Oregon. — Eu lembro a ele, tentando manter a calma. Eu acho que ele se comporta dessa maneira para me irritar. — Seria bom se você aparecesse, por mais breve que fosse.

— Eu não sabia que eles tinham cinco iluminações de árvores em questão de poucas semanas por aqui. São muitas as luzes das árvores. — Ele aperta os olhos para o papel. — Uma delas está acontecendo amanhã à noite.

— Sim, naquele shopping em Monterey. Essa é grande. —

Seu olhar encontra o meu. — Eu não posso comparecer.

Eu sabia que ele faria isso. — Oh sim, você pode.

— Eu não posso. — Ele balança a cabeça. — Estarei aqui. Faltam dois dias para o Dia de Ação de Graças. Estamos trabalhando sem parar.

— Às seis horas da tarde?

— Até então eu provavelmente já vou estar dormindo.

Eu zombo. Eu não sou de zombar, mas esse homem me faz querer zombar a cada dois minutos. — Pare. Você tem muitos funcionários que podem assumir o controle enquanto estiver fora. Eu os vi todos lá fora neste exato minuto.

— Eu não sei se posso confiar totalmente neles. — Ele murmura baixinho, os dedos cavando o papel, fazendo-o enrugar.

— Você é um daqueles malucos por controle que não deixa mais ninguém fazer o trabalho? Que pensa que é o único que pode fazer certo?

Ele esfrega a mão na mandíbula desalinhada. — Talvez.

Pego minha própria agenda impressa e examino os detalhes sobre a iluminação das árvores que está acontecendo amanhã à noite. — Começa às cinco, e seus deveres devem ser cumpridos até as sete, o mais tardar. Vestimenta casual, para que você não precise usar nada de especial. Quero dizer, você provavelmente deveria se vestir um pouco melhor do que o que está vestindo agora.

Charlie olha para si mesmo. — O que há de errado com o que estou vestindo agora?

Absolutamente nada, quero dizer a ele, mas mantenho as palavras trancadas. Não precisa me testemunhar salivando por ele e seu estilo lenhador chique. Quem saberia que eu tinha uma queda por homens que trabalham na terra? — Você está vestindo roupas de trabalho.

— Você não gosta das minhas roupas de trabalho? — Seu olhar ardente trava no meu, e minha garganta fica seca. Ele está flertando comigo agora? Faz tanto tempo que não consigo distinguir a diferença entre conversa normal, discussão e paquera? Eu estou tão enferrujada?

Aparentemente sim.

— Você parece perfeitamente bem. Mas você provavelmente precisa se arrumar um pouco. O jeans vai dar certo. — Meu olhar cai no jeans que ele está usando atualmente, principalmente na *frente* do jeans, e minhas bochechas ficam quentes. — Talvez você possa usar um suéter? — Eu digo quando levanto meu olhar para ele mais uma vez.

Ele sorri para mim, como se soubesse que eu estava checando seu material. — Jeans e um suéter? Eu posso gerenciar isso.

— Então você está realmente concordando em ir comigo para a iluminação da árvore amanhã? — A esperança levanta a minha voz e eu tento manter a calma. Estou descobrindo que esse é um mantra comum ao lidar com Charlie.

Assentindo, ele pega o papel e o dobra rapidamente em um quadrado, enfiando-o no bolso de trás da calça jeans. — Se isso te tirar um pouco das minhas costas, eu estarei lá. Você quer que eu te pegue?

Eu pisco para ele, pelo insulto no comentário *nas costas dele* e surpresa com sua oferta de me pegar. — Imaginei que poderíamos nos encontrar lá.

— Bom. Isso me dará mais tempo para passar aqui. — Ele dá um tapa na beira do balcão com a palma da mão e depois começa a andar. — Vejo você amanhã, Candice.

— Chegue às cinco e não se atrase! Em frente à entrada principal do shopping. — Grito atrás dele, observando a ampla linha de seus ombros, a largura de suas costas. Ele é *tão* grande. E ele me faz sentir muito pequena.

Eu meio que gosto disso.

Ele levanta a mão, suponho que em uma indicação de que ouviu o que eu disse, antes de puxar o boné por cima da cabeça, escondendo o cabelo glorioso. Nunca dizendo outra palavra, ele sai pela porta ainda aberta e desaparece.



Verifico meu telefone mais uma vez, soltando um suspiro exasperado enquanto olho em volta, procurando Charlie pela multidão. No entanto, é difícil ver, considerando que o sol já se pôs e as luzes cintilantes de Natal acesas não são suficientemente brilhantes para eu examinar minuciosamente o rosto das pessoas quando elas passam.

São cinco e quinze, e é claro que ele não está aqui. Eu deveria saber. Porra, deveria *saber* que ele não apareceria e me deixaria me sentindo abandonada e com raiva.

Não gosto de ficar com raiva durante o Natal. Esta deveria ser a época mais maravilhosa do ano, estou certa? Estou cercada por centenas de pessoas andando, segurando xícaras de cidra quente ou chocolate quente nas mãos. Há muitas crianças correndo por aí usando chifres vermelho e dourado que estão sendo distribuídos. Uma banda ao vivo está tocando músicas de Natal, há um estande cheio de voluntários servindo biscoitos frescos para todos e o cheiro é absolutamente divino.

Mas estou brava demais para querer usar chifres vermelho e dourado, beber chocolate quente ou comer um biscoito. Não, eu quero dar um soco em Charlie Sullivan na mandíbula perfeitamente afiada e dizer a ele para fazer coisas.

Por que ele me deixa tão emocional? Não entendo. Eu sou a epítome da calma.

Bem. Talvez seja mentira. Eu não me consideraria calma, mas não sou do tipo que se irrita com alguém e alguém me irrita constantemente. Desde que conheci Charlie, sinto que meu coração está batendo a um ritmo acelerado o tempo todo. Isso não pode ser bom para minha saúde.

Eu franzo a testa. Charlie Sullivan não é bom para minha saúde. Quem sabia que um humano poderia causar tanto dano?

— Ei. — Dedos fortes envolvem meu braço, puxando suavemente, e eu sei quem é. A voz, a maneira como suas mãos no meu corpo me afetam, mesmo de uma maneira tão inocente. Eu me viro e o encaro. É Charlie.

Alívio me inunda e eu quase pulo nele. Ele veio.

Ele veio.

— Charles. — Eu me levanto, mantendo minha voz brilhante. De jeito nenhum eu quero que ele saiba que estava com raiva e já tinha desistido dele. — Você conseguiu.

— Desculpe o atraso. — Ele realmente parece pedir desculpas. Eu não acredito. — O trânsito estava um inferno. Eu tive que estacionar do outro lado da rua.

— Eu deveria ter avisado você. — Eu percebo que ele ainda está me tocando, e acho que ele percebe isso também, porque me solta como se meu braço fosse feito de fogo e eu apenas o queimasse. — Há muitas pessoas aqui esta noite. Tenho certeza de que o tráfego será um pesadelo quando acabar.

— Eu vou dizer que há um monte de gente. — Ele olha tudo de mim, me dando a chance de olhar tudo dele. Ele de alguma forma domou seu cabelo esta noite, embora ele enrole em suas orelhas e nuca, dando-lhe um olhar vagamente selvagem. Eu sei que devo dizer a ele para cortar o cabelo, mas não consigo formar as palavras.

Eu gosto do cabelo. O que posso dizer?

Ah, ele fez a barba, o que é maravilhoso, porque esse rosto bonito está à mostra. Ele está vestindo jeans exatamente como eu pedi, e um suéter cor de carvão grudado nos ombros e no peito quase amorosamente.

Ou talvez seja essa a minha imaginação entrando em excesso.

Também estou vestindo jeans skinny de lavagem escura, para ser exata. E um grosso suéter verde-floresta que encontrei no ano passado, mas nunca tive chance de usar. É grande demais, cobrindo minha bunda, com uma gola alta que quase me dá a aparência de que estou usando um colar cervical, mas não exatamente.

Isso me aquece e é festivo, e eu sou festiva.

— Esta é uma grande aglomeração. — Ele começa a andar e de alguma forma eu sou capaz de acompanhá-lo. Talvez porque ele esteja indo mais devagar? — É aquela árvore ali?

Ele acena para a árvore alta e majestosa que atualmente está envolta na escuridão.

— Com certeza. — Digo a ele, parando quando uma mulher vestida de elfo me oferece um chocolate quente. Pego um para mim e entrego um para Charlie antes de continuarmos. — Cuidado, está quente. — Eu o aviso depois de tomar um pequeno gole da bebida escaldante.

— Obrigado pelo aviso. — Ele leva o copo aos lábios, tomando um gole rápido e fazendo uma careta. Eu juro que ele faz coisas assim porque não acredita no que eu digo. Ou ele simplesmente não escuta. — Então, como isso funciona hoje à noite?

— A iluminação está prevista para as seis e quinze. Papai Noel e Sra. Noel aparecerão por volta das seis, quando forem trazidos para o trenó gigante liderado por renas...

— Eles realmente trazem renas? — Charlie interrompe, sua expressão cheia de surpresa.

— Claro. — Eu digo com um aceno autoritário. — O que é um trenó sem rena?

Ele não se incomoda em reconhecer minha pergunta. Típico. — Quanto tempo leva a iluminação real?

— Apenas alguns minutos. Depois que a árvore está acesa, Papai Noel e sua amada fazem as crianças se alinharem, e elas se sentam no colo e confessam seus desejos de Natal. — Eu sorrio, lembrando quando minha mãe me levou para ver o Papai Noel quando era pequena. A memória quase desapareceu, mas ainda me lembro como ela me perguntou o que o Papai Noel disse e o quanto eu acreditava nele.

Paramos perto da área isolada para as cadeiras douradas nas quais a família Noel ira se sentar. — As crianças não percebem que Papai Noel e sua velhinha estão aparecendo em todo o lugar durante a temporada de férias? E descobrem que talvez eles não sejam quem parecem? — Charlie pergunta.

— Quando eu era criança, meus pais me disseram que o Papai Noel no shopping ou os que se destacavam na rua trabalhavam como representantes do verdadeiro Papai Noel. — Digo.

— E você acreditou nisso? — Suas sobrancelhas se erguem.

— É fácil acreditar quando você aceita a mágica. — Digo a ele, parecendo perfeitamente lógica.

Ele suspira. Passa a mão pelo cabelo, bagunçando tudo. Mais uma vez, tenho coceira nos dedos. — Eu nunca acreditei na mágica.

Meu coração dói com sua confissão. Não sei porque. Não é grande coisa. E eu não o conheço tão bem, então por que deveria me importar?

Mas me importo. Se sua família comemora, todas as crianças devem poder acreditar na magia do Natal.

— Por que não? — Pergunto.

— Quando sua família trabalha em um negócio como o nosso, onde você fica ocupado a temporada inteira de Natal e seus pais mal têm tempo para comprar presentes, muito menos se certificar de que o Papai Noel vai colocar alguns presentes embaixo da árvore para todos nós, descobrimos rapidamente o que é real e o que não é. — Ele diz com tristeza.

— Eu acho que você descobriu que o Papai Noel não existia quando era bem jovem? — Isso é horrível. Se eu pudesse, *ainda* acreditaria no Papai Noel. Há algo tão doce em acreditar que um homem gordo e alegre cruza os céus na véspera de Natal, gritando *ho ho* repetidamente enquanto entrega presentes a todas as crianças escondidas em suas camas.

— Eu não sei se alguma vez acreditei no Papai Noel. Ele não era muita coisa na minha casa. — Charlie encolhe os ombros. — Está tudo bem, no entanto. Eu vejo a temporada de maneira diferente dos outros.

— O que você quer dizer com isso?

— É o horário comercial principal para nós, Sullivans. Estamos aqui para lucrar com o espírito de Natal. Vender o maior número possível de árvores. E coroas de flores, galhos de pinheiro e todas as outras besteiras que as pessoas querem pendurar em suas portas ou decorar sua casa. Toda a família trabalha durante a temporada, desde que éramos crianças. Minha irmã mais nova, Margaret, está na faculdade em Washington, estudando administração, embora esteja de volta quando se formar. A loja de Victoria é uma grande fonte de dinheiro para nós, vendendo todas as decorações e outras coisas, e meu irmão Russ administra três propriedades de árvores, enquanto meus pais administram as outras. — Ele bate o polegar no peito. — E eu administro a fazenda durante a temporada.

— Parece muito.

— É, mas estou acostumado. Todos nós estamos. — Ele encolhe os ombros. — Não é grande coisa.

Suas palavras permanecem dentro de mim enquanto continuamos nos misturando com as outras pessoas que estão aqui para a iluminação das árvores. Hoje há principalmente famílias aqui. Muitas crianças correndo descontroladamente, ou crianças pequenas em seus carrinhos de bebê, ou bebezinhos doces dobrados contra o peito da mãe ou do pai em um canguru confortável. Todas essas crianças acreditam. E seus pais estão brincando, querendo recriar a mágica que experimentaram quando eram crianças.

Charlie não acredita na mágica. Ele nunca acreditou.

E isso é meio triste.

O Coral se juntam à banda ao vivo, paramos e os ouvimos, eu discretamente checando meu telefone para ver o quão perto estamos do tempo do show. São quase seis. O Sr. e a Sra. Noel aparecerão a qualquer momento.

— Posso ser honesta com você? — Pergunto a Charlie quando a banda e os cantores fazem uma pausa e tudo se acalma.

— Claro. — Ele bebe um gole de chocolate quente agora bastante frio, deixando um fio mais fino de chocolate acima do lábio superior. O desejo de pular e lambê-lo é forte, mas eu me contenho.

— Quando eu estava esperando você aparecer, pensei que tivesse me dado um bolo. — Confesso, entregando a ele um guardanapo limpo de uma pilha em uma mesa próxima.

— Sério? — Ele parece surpreso, mas vamos lá, Charlie Sullivan. Você não deveria se surpreender. Você é quem rosna para mim o máximo possível.

— Não me deu muitos motivos para ter fé em você, Charlie. — Eu digo profundamente.

— Verdade. — Ele toma outro gole, depois limpa a boca com o guardanapo. — Eu gostaria que isso fosse um café com leite de gengibre.

Ele me deixou com tanta raiva, roubando minha bebida ontem. Estou ficando brava de novo só de pensar nisso. — Você gostou tanto do meu café com leite?

— Estava uma delícia.

— Sua mãe acha que eles são muito doces.

Ele faz uma careta. — Minha mãe bebe café preto. Não acrescenta nada a isso.

— Que pagã. — Digo.

— Não brinca. — Ele murmura, fazendo nós dois rirmos baixinho.

É um som agradável, o riso dele. Não achei que ele soubesse como fazê-lo.

De repente, a música soa nos alto-falantes, o som familiar de Andy Williams cantando 'Its the Most Wonderful Time of the Year'. Os holofotes brilham, varrendo a multidão, piscando na árvore escura, depois o trenó vermelho e dourado magicamente aparece com o Sr. e a Sra. Noel sentados dentro dele. Eles estão sorrindo, acenando para a multidão.

Não posso evitar, começo a pular, batendo palmas de emoção. Charlie me envia um olhar divertido, mas eu o ignoro. Não vou deixar que sua irritabilidade e falta de magia arruínem meu momento de bem-estar.

Os carros de bombeiros estacionados nas proximidades para o evento acendem as luzes, raios vermelhos deslizando pela multidão, dando uma atmosfera ainda mais festiva. As crianças estão gritando e apontando. Os pais têm um sorriso gigante no rosto. A empolgação deles me deixa ainda mais empolgada e, quando o trenó passa perto de nós, grito: — Papai Noel! — No alto dos meus pulmões, como se eu estivesse enlouquecendo, sou Buddy dos Elfos.

Pelos meus esforços, ele me dá um *ho* em troca.

— Papai Noel falou comigo! — Agarro o braço de Charlie e o puxo. Estou exagerando totalmente nisso. Espero que ele não pense que estou falando sério. — Você viu?

— Sim. — Seus ombros tremem, como se ele estivesse tentando conter sua risada, mas então ele solta e ri do meu comportamento exagerado. — Eu vi.

— Vamos segui-lo. — Enrosco meu braço no dele e praticamente tenho que arrastá-lo em direção à árvore, onde o trenó está indo. Todo mundo está seguindo o trenó também, e parece que nem precisamos

mexer os pés. A multidão de pessoas está nos empurrando, como se fossemos todos apenas uma grande massa.

— Isso é selvagem! — Charlie grita. Ele tem que gritar para ser ouvido, a multidão, a música e as crianças gritando são muito barulhentas.

— Não é ótimo? — Eu sorrio para ele, emocionada por ser varrida pela emoção e antecipação.

Em questão de minutos, Papai Noel e sua esposa estão ao lado da árvore escura, um corretor de imóveis local que também é um orador popular ao lado deles esta segurando um microfone.

O corretor de imóveis começa a falar, mencionando os vários patrocinadores e agradecendo-os por suas gentis doações. Ninguém teve que pagar por nada que eles receberam hoje à noite, e isso aquece meu coração, ao ver nossa pequena comunidade se unir e ajudar a apoiar as famílias, oferecendo um evento de férias gratuito.

— ...e também queremos agradecer à Sullivan Family Tree Farm por sua doação generosa dessa árvore magnífica. — Diz o locutor. — Os Sullivans doaram suas árvores para nossa iluminação anual nos últimos quinze anos, e esperamos pelo menos nos próximos quinze anos ou mais que essas belas árvores da Sullivan agraciem este evento.

Não posso deixar de notar o olhar de orgulho no rosto de Charlie, a maneira como o peito dele incha um pouco. Ele está gostando da atenção, posso dizer.

Não que ele admitisse isso.

— Acredito que Charles Sullivan está conosco hoje à noite! — Exclama o locutor. — Senhor Sullivan, você está aqui?

Os holofotes varrem a multidão novamente, exatamente quando Charlie levanta a mão indicando quem ele é. O centro das atenções o encontra, brilhando sobre nós dois, e todo o grupo explode em aplausos.

— Obrigado, Sr. Sullivan, por sua generosa e gentil doação. — Diz o locutor. — E agora, sem mais delongas, vamos acender esta árvore!

Mais algumas coisas são ditas. Papai Noel toca para a multidão, seu ho ho ho impressionante, mas as crianças estão ficando inquietas. Eles querem colocar esse show na estrada, como eles dizem, e alguns deles começaram a chorar.

Mas, assim que as luzes são acesas, há muitos ooohs e aaahs e, finalmente, Papai Noel e a sra. Noel se acomodam em suas cadeiras douradas, a fila de crianças formando para elas um tempo infinito.

— Eles vão ficar lá por horas. — Murmuro, observando a fila mal se mover. — Espero que o Papai Noel seja capaz de acabar com isso.

— Papai Noel acabar com isso? Isso não parece muito natalino. Quão diferente de você. — Charlie castiga, mas há um brilho em seus olhos e eu sei que ele está me provocando.

Chocante, eu sei. Também não achei que ele tivesse isso nele.

— Essa fila está enorme. — Eu aponto para ela. — Vai levar a noite toda para eles falarem com todas as crianças que querem sentar no seu colo.

— Tenho certeza que eles sabem o que estão fazendo. Eles estão nisso há muito tempo. — Ele olha para mim. — Você já esteve neste evento antes?

— Não por alguns anos. — Eu admito. Eu vou em alguns todos os anos, mas não a todos eles. Só estou fazendo Charlie ir para todos esses eventos porque eles apresentam árvores Sullivan.

Eu tento o meu melhor para ignorar o olhar incrédulo em seu rosto, mas ele está dificultando.

— Sério? Eu pensei que você tivesse ido a toda essa merda. — Ele diz.

Eu envio a ele um olhar para a sua escolha de palavras, mas tenho certeza que isso vai direto sobre sua cabeça. — Minha iluminação de árvore favorita é a de Carmel. A propósito, é daqui a duas semanas, e você vai. — Eu o lembro.

Charlie faz uma careta, mas não protesta. — Nós terminamos aqui?

Por um lado, quero dizer a ele que devemos ficar mais um pouco. Mas, por outro lado, ele pode se ressentir de mim por mantê-lo aqui quando é desnecessário.

Então eu decido soltá-lo.

— Nós podemos ir. — Digo, sem surpresa quando ele começa a andar mais rápido, ansioso para sair daqui e ficar longe de mim, tenho certeza.

Chegamos ao estacionamento e lembro que Charlie disse que teve que estacionar do outro lado da rua. — Você poderia me levar até o meu carro e eu te levo até o seu?

— Claro. — Ele encolhe os ombros, enfia as mãos nos bolsos. — Onde você está?

— Por aqui. — Eu aponto e começo a andar, Charlie andando ao meu lado. — Não estou muito longe. Eu tive sorte.

— Sim, você teve.

Ficamos quietos e quando vejo meu carro, começo a desacelerar, puxando meu controle remoto sem chave da bolsa e apertando o botão. Meu Mercedes apita, as luzes traseiras piscam para indicar que as portas estão destrancadas e eu aceno minha mão para o carro. — Este é o meu.

— Legal. — Ele diz com um assovio baixo.

— Ei, não me zombe por ter um carro caro. — Digo a ele, parando depois que abro a porta do lado do motorista.

Ele para também, nós dois nos encarando por cima do teto do meu carro. — Eu nunca zombaria você. — Sua voz é solene.

Suas palavras são uma mentira.

— Por favor. — Reviro os olhos e deslizo para dentro do carro, vendo como ele faz o mesmo, batendo a porta atrás dele. Também fecho a porta e percebo que, em um instante, ficamos sozinhos, nos confins do meu carro, e me ajude agora, mas o cheiro dele enche completamente o ar, me dominando - de uma maneira boa. Esse cheiro de pinho amadeirado não é fabricado e não vem de um frasco.

O homem está literalmente pendurado nos pinheiros o dia todo. Claro que ele cheira a eles. — Seu carro é legal. — Diz ele, olhando ao redor. Eu ligo o motor, mas percebo que estamos indo a lugar nenhum por um tempo. Não somos os únicos que deixaram o evento. Há muitas pessoas andando pelo estacionamento.

— Obrigada. — Eu mantenho o carro estacionado e me inclino contra o apoio de cabeça. — Vamos ter que esperar alguns minutos. Muitas pessoas estão saindo.

Ele se vira e olha pela janela de trás. — É como um êxodo em massa por aí. E ainda há uma tonelada deles na fila para ver o Papai Noel.

— O Natal é um grande negócio. — Eu digo isso de propósito, imaginando que ele apreciaria.

— Com certeza é o inferno. — Ele se vira, seu corpo inclinando-se para o meu, a mão apoiada no console central. Ele está tão perto que posso ver todos seus cílios - eles são grossos - e aqueles verdes, olhos verdes.

Seu olhar cai na minha boca. Permanece lá. Eu separo meus lábios, pronta para dizer algo, qualquer coisa. Mas minha garganta está seca.

E meu coração está batendo irregularmente. Minhas respirações ficam um pouco mais rápidas.

Ele está pensando em... me beijar?

Estou pensando em beijá-lo. Como seria ter aqueles lábios cheios e quentes pressionados contra os meus. Ele manteria isso simples ou haveria línguas envolvidas?

Eu estou esperando por línguas.

— Candice. — Ele diz meu nome suavemente, seu olhar ainda nos meus lábios, e eu os pressiono juntos, a expectativa se curvando dentro de mim enquanto espero o que ele está prestes a dizer. — Eu...

Meu telefone toca. E é muito alto porque está ligado ao Bluetooth do meu carro. Nós dois nos afastamos um do outro, Charlie se acomodando totalmente em seu assento enquanto eu estendo a mão e aperto o botão de resposta na tela no centro do meu painel.

— Ei você! Como foi a iluminação das árvores? — É Sarah.

— Foi tudo bem. — Digo fracamente, enviando a Charlie um rápido olhar. Mas ele nem está prestando atenção em mim. Ele tirou o telefone do bolso, o olhar colado na tela enquanto seus dedos voam. Parece que ele está respondendo a um texto.

De quem? Eu nunca saberei.

— Como está o Grinch? — Sarah pergunta com uma risada. — Rabugento, como sempre? Ele realmente apareceu hoje à noite?

Charlie levanta a cabeça. Eu posso sentir seu olhar em mim, mas me recuso a olha-lo. Ele tem que saber de quem Sarah está falando.

Ele.

— Hum, ele está bem. Olha, Sarah, eu te ligo mais tarde, ok?

— Não tem problema. — Diz ela alegremente, alheia à tensão repentina que enche o carro. — Eu quero detalhes, no entanto. Ele finalmente cortou o cabelo?

Termino a ligação antes que ela possa dizer mais alguma coisa.

— Grinch, hein?

Oh. Ele parece zangado.

— Foi apenas uma piada. — Eu digo, ainda mantendo meu olhar desviado.

— Uh huh. Rabugento, como sempre?

OK. Isso é bobo. Charlie precisa reconhecer o fato de que ele pode ser um Grinch. Que ele está mal-humorado a maior parte do tempo. E sim, ele precisa de um corte de cabelo, embora, pessoalmente, eu goste do cabelo dele.

— Charles... — Eu começo quando me viro para encontrar seu olhar, apenas para encontrá-lo olhando para mim. Ele parece furioso.

E talvez até um pouco... Machucado?

Eu suavizo minha voz. — Você tem que saber que não passou de um mal-humorado comigo desde que nos conhecemos.

Ele não diz nada.

— Você é um grande fã do comportamento Grinch. — Continuo.

— Certo, e sabemos que definitivamente preciso de um corte de cabelo. — Ele passa a mão pelo cabelo para provar seu argumento, suponho, estragando tudo. Minha mão realmente dispara, como se eu não tivesse controle sobre ela, meus dedos indo para os fios rebeldes que caem sobre sua testa, mas ele se afasta do meu toque antes que possa chegar lá.

Coloco minha mão no meu colo. — Por que você está tão bravo quando concorda comigo?

— Porque você está falando de mim com suas amigas. — Sua voz é tensa. — Como se eu fosse algum tipo de piada.

— Não, eu não estou... — Eu começo, mas depois fecho meus lábios.

Estou mentindo para ele. Ele tem razão. Nós *falamos* sobre ele. Muito. Eu conto a elas minhas histórias sobre Charlie, e elas riem e concordam comigo quando reclamo.

Como se ele fosse algum tipo de piada.

— Não preciso mais de carona. — Ele pega a maçaneta e abre a porta do carro. — A caminhada deve me fazer bem.

Ele bate à porta com força suficiente para balançar o veículo, me deixando em paz.

Me deixando infeliz.



— Eu acho que estraguei tudo.

Estou sentada na Sweet Dreams, Stella esta no seu horário de almoço sentada à minha frente, a música de Natal tocando ao fundo. É quarta-feira, um dia antes do Dia de Ação de Graças, e o café pela primeira vez está bem quieto. Eu pedi um sanduíche para o almoço, mas não estou realmente comendo. Mais como se estivesse pegando o pão, triturando-o em pedaços, pequenas migalhas ficando presas sob as unhas pintadas de vermelho vívido que eu acabei de fazer nem uma hora atrás.

— Sobre o quê? — Stella pergunta antes de tomar um gole de sua bebida.

Suspirando, pego meu café com leite, que naturalmente me faz pensar em Charlie, e isso me deixa deprimida, então eu o coloco de volta na mesa. — Charlie Sullivan odeia minhas entranhas.

Stella faz uma pausa no meio da mastigação, me estudando. — Eu pensei que já tínhamos estabelecido que ele te odeia. — Diz ela quando engole.

— Mas você vê, ele realmente não odiava. Eu era mais um aborrecimento, e acho que ele estava se acostumando comigo. Ele realmente concordou em participar de um evento e apareceu no shopping para a iluminação da árvore de Natal ontem à noite. — Desta vez, desisto e pego minha xícara, tomando um gole de café com leite, mas é agridoce na minha língua quando penso novamente sobre o que ele me disse ontem à noite. Como ele olhou para mim. Bravo e magoado. Até um pouco triste.

Eu tentei ligar para ele enquanto dirigia para casa, mas foi direto para o correio de voz. E quando cheguei em casa, enviei uma mensagem para ele, mas nunca tive resposta. Eu sei que ele está ocupado, mas geralmente responde com frases curtas. Às vezes distante, e a maioria delas é simplesmente não.

Nem mesmo receber um *não* dele está me dizendo que ele está realmente magoado.

— Então o que aconteceu? — Stella pergunta quando eu ainda não me expliquei.

Eu a deixo saber como a noite passada se desenrolou. Como quando ele estava atrasado, eu tive medo de que ele não aparecesse, mas apareceu e fiquei tão feliz. Na verdade, tivemos uma conversa como dois adultos normais. Como senti um pouco de pena dele, quando me disse que nunca experimentou o Natal como deveria ser quando se é criança. A noite estava terminando com uma boa nota, juro que ele ia me beijar no meu carro - até mencionei essa parte para Stella, embora seja pura especulação - e depois digo a ela como Sarah ligou antes de nossos lábios se tocarem e prosseguiu fazendo comentários vagamente insultantes sobre Charlie. Enquanto ele estava ouvindo.

Como ele ficou bravo e saiu do meu carro.

— Ele não estava errado, você sabe. — Digo a ela quando termino minha história, empurrando o sanduíche para longe de mim. Eu não vou comer. Sinto-me enjoada. — Quando falamos sobre ele como fazemos, estamos meio que tirando sarro dele.

— Mas não de uma maneira maldosa. — Stella começa a dizer, mas eu lanço um olhar, e ela pressiona os lábios, ficando quieta.

— Somos totalmente más. É quase como se zombássemos dele. Apesar do fato de ele agir como um idiota, eu não deveria ter discutido sobre ele com todas vocês assim. E agora me sinto uma idiota por fazê-lo correr de mim. — Eu enfio meu polegar no meu peito. — *Eu.* A pequena senhorita Sunshine, que sorri para todos, que ama todos que conhece, realmente magoou os sentimentos de alguém. Não apenas alguém, mas a pessoa mais mal-humorada que já conheci. Não tenho muita certeza de como consegui fazer isso.

Stella fica quieta por um momento, e posso apenas supor que ela está pensando em tudo o que eu disse. Talvez ela tenha uma perspectiva diferente, talvez não, mas é bom finalmente deixar tudo sair.

Engraçado, como Stella foi a amiga de Sarah que mais me intimidou, mas nos aproximamos gradualmente nas últimas semanas. Graças principalmente por eu entrar no café o tempo todo para pedir seus incríveis lattes de gengibre. Acho que posso dizer que foi isso que nos uniu.

— Primeiro de tudo, se sua vida realmente se transformou em um filme de Natal da Hallmark, é muito cedo para o beijo. — Diz ela, parecendo perfeitamente lógica. Mas as palavras dela não fazem sentido.

— Não me lembro de dizer que minha vida estava se transformando em um filme de Natal da Hallmark. — Digo.

— Sarah mencionou isso para mim. Ou talvez foi Eleanor? Não me lembro. — Stella acena com a mão, descartando suas palavras. — Tudo o que sei é que assisti a filmes da Hallmark suficientes durante as férias e o casal nunca se beija até o fim.

— Esse nem é o problema. — Embora possa ser um problema. Porcaria. Eu não sei. — O que eu quero saber é: como posso obter o perdão dele?

Ela inclina a cabeça para o lado. — Você quer que ele a perdoe?

— Eu me sinto péssima pelo que aconteceu.

— Então você precisa ir até ele e pedir desculpas. — Ela estremece. — Embora claramente ele esteja evitando você.

— Ele está *sempre* me evitando. Isso não é novidade. É a coisa favorita dele. — Reviro os olhos.

— Talvez você deva ir à fazenda de árvores e fazer uma oferta de paz para ele. — O rosto de Stella se ilumina. — Ei, eu sei. Ele gosta de doces? Temos alguns deliciosos brownies de chocolate com menta que nossos clientes adoram. Nós vendemos bastante todos os dias, eu juro. Temos alguns agora, no entanto, e posso embalar alguns para que você possa levá-los até ele.

Eu não tenho ideia se ele tem um dente doce. Nós mal nos conhecemos. Realmente só foi o que? Uma semana? Quase duas desde que eu o conheci? Apenas um curto período de tempo, mas, de repente, estou morrendo de vontade de que ele me beije.

O cara me odeia e eu quero saber como ele é. Talvez eu tenha um fetiche. Talvez eu goste quando os caras são maus e me ignoram. Se for esse o caso, preciso de ajuda mental séria.

— Não tenho certeza se ele gosta de doces. E se ele odeia menta? — Eu bato um dedo nos meus lábios, pensando, quando de repente como uma lâmpada acende acima da minha cabeça. — Ele ama seus lattes de gengibre.

As sobrancelhas de Stella se erguem. — Realmente?

Eu concordo. — Alguns dias atrás, estávamos conversando e ele roubou minha bebida e terminou antes que eu pudesse impedi-lo. Disse que estava delicioso.

— Perfeito. Vou fazer um café com leite e você pode levá-lo esta tarde. — Stella se recosta na cadeira, sua expressão cheia de satisfação.

Eu? Estou cheia de súbito medo imobilizador. — Eu não posso levar isso para ele hoje.

— Por que não?

Hum…

Não sei é o que quero dizer.

Mas essa não é uma resposta boa o suficiente. Stella é uma interrogadora. Ela vai perfurar e perfurar até que me faça dizer a verdade.

Que eu estou nervosa. Com medo de que ele me rejeite. Com medo de que ele diga coisas terríveis. Com medo de que ele já possa sentir coisas terríveis. Como talvez ele me odeie.

— Você não tem nada a perder. — Diz Stella. — Eu nem sei por que você se importa tanto em ajudar esse cara. Ele não foi nada além de rude com você o tempo todo. Não é como se você lhe devesse alguma coisa.

Uma promessa é uma promessa, é nisso que eu sempre acredito. Minha mãe também acreditava nisso. E prometi a Isabel que ajudaria. Além disso, sou uma pessoa teimosa. Quando inicio um projeto, quero finalizá-lo. Atualmente, estou profundamente envolvida em meu projeto, Charles Sullivan, para tornar-se um ser Humano Melhor, e vou concluí-lo. Ele gostando ou não.

Tudo o que faço é honrar a memória de minha mãe. As férias costumavam ser um período difícil para mim. Eu sentiria falta da minha mãe como uma louca. Agora posso passar por isso com bastante facilidade. Dedicar meu tempo e energia a instituições de caridade é o que torna mais fácil. A adição do projeto Charles Sullivan também ajudou tremendamente.

Percebo que Stella está esperando minha resposta e não posso ser completamente clara. Eu pareço uma estranha, chamando Charlie de projeto. E ninguém realmente entende por que continuo honrando minha mãe como eu faço. Bem, Sarah entenderia, já que ela perdeu os pais em um terrível acidente de carro, mas não falamos muito sobre isso.

— Eu gosto da mãe dele. — Eu finalmente digo, perdida em pensamentos. Eu gosto. Eu gosto da Isabel. E, novamente, prometi a ela que ajudaria.

— Ela tem algo que está fazendo você fazer isso? — Stella pergunta.

Eu pisco, esperando que ela diga que está brincando ou que ria. Mas ela não faz. Ela apenas me observa, esperando minha resposta.

— Você não está brincando.

— Não. — Stella balança a cabeça. — Eu não estou.

— Nos aproximamos. — Digo finalmente, o que é uma mentira, mas o que mais posso dizer a ela? Preciso da distração para passar as férias, para não chorar? Sou uma mulher adulta. Eu deveria ter superado a morte de minha mãe agora. — Eu tenho que fazer isso.

— Tanto faz. É o seu funeral.

Suas palavras enigmáticas me fazem estremecer, embora eu saiba que ela não quis dizer nada por trás delas.

Mas elas permanecem comigo muito tempo depois que eu deixei Sweet Dreams. Também não peguei um café com leite de gengibre.

Não tenho coragem de encará-lo.

Ainda não.



CHARLIE

É manhã de sexta-feira bem cedo. Ao amanhecer, ninguém mais está acordado, mas aqui estou eu, trabalhando com duas xícaras de café de baixa qualidade que eu mesmo fiz, depois de dormir no sofá-cama irregular no escritório que fica nos fundos da loja.

Sim, passei a noite de Ação de Graças aqui, porque sou muito dedicado. Eu sabia que tinha muito trabalho a fazer e não queria perder um único minuto dirigindo.

Embora fosse mais do que isso. Fugi das festividades de Ação de Graças às seis horas. Mamãe queria que eu ficasse mais tempo. Eles estavam se preparando para jogar uma rodada de Trivial Pursuit, que é o jogo dos meus pesadelos. Quem realmente se lembra de toda essa merda sem sentido? Eu não.

Ela tentou trabalhar a magia de culpa de mãe, mas desta vez eu me recusei a cair sob seu feitiço. Caí sob o feitiço de outra pessoa recentemente e veja o que ganhei. Um monte de insultos de mulheres que eu nem conheço, é isso.

Afastando todos os pensamentos da maravilhosa e irritante Candice Gaines, atravesso a loja silenciosa para o outro lado do prédio, onde fica meu escritório. Os funcionários não aparecerão até as seis horas da manhã, então ainda tenho tempo para ver os e-mails.

Estou sentado na minha cadeira, navegando pela caixa de entrada no meu laptop quando um e-mail em particular se destaca. É da pessoa que organiza a festa de iluminação do centro de Monterey que está acontecendo...

Esta noite.

CHARLES,

Confirme sua presença na cerimônia de iluminação desta sexta-feira à noite. Estamos muito animados (como sempre) por ter uma das árvores adoráveis da sua fazenda. Espere até vê-la totalmente iluminada - será o farol brilhante em nossa comunidade durante toda a temporada de festas.

Se você puder me informar se estará lá na sexta à noite, eu agradeceria muito. A árvore será acesa aproximadamente às cinco e meia.

Obrigado, Marie Gonzalez

Verifico a data em que o e-mail foi enviado. Tarde de segunda. Droga. Ela provavelmente pensa que eu sou um furão.

Outro e-mail chama minha atenção e eu faço uma careta ao ler a linha de assunto. *Cannery Row Lighting nesta sexta-feira à noite!*

Merda. Há duas cerimônias de iluminação hoje à noite? Eu abro o e-mail.

QUERIDO SENHOR SULLIVAN,

Espero que você tenha recebido o convite por e-mail. Ainda não recebemos sua confirmação, mas sua participação na cerimônia anual de iluminação de árvores de Natal em Cannery Row nesta sexta-feira à noite será muito apreciada.

A cerimônia começa aproximadamente às 17h45. A árvore Sullivan será acesa pontualmente às seis e meia.

Confirme, respondendo a este e-mail se você comparecerá e se trará um convidado ou não. Ficaríamos especialmente satisfeitos se você optar por falar durante a cerimônia. Todo mundo está sempre interessado na história por trás da nossa amada árvore.

Sem mais,

Charlene Curtis

Cannery Row Christmas Event Chair

Estou em um problema sério. Duas cerimônias de iluminação na mesma noite, que por acaso é o dia mais movimentado da minha vida profissional? Não sei se vou conseguir fazer isso.

Passando a mão pelo meu cabelo, rosno por quão longo está. Eu continuo querendo cortar - sei que vou receber um sermão daquela cabeleireira que corta meu cabelo, mas estou chegando ao ponto em que não dou a mínima.

Mas quando vou ter tempo para isso? Eu mal tenho tempo para dormir. Um corte está no final da minha lista de tarefas.

Irritado comigo mesmo, dreno os últimos resíduos do meu café frio e continuo lendo os e-mails, vendo vários que exigem uma resposta, mas ainda não o fiz. Não é de admirar que eu irrite as pessoas diariamente.

São cinco e quarenta e cinco quando saio do escritório e saio de verdade. Vou para o galpão, abro o cadeado com a chave e começo a arrastar todos os sinais que colocaremos quando meus funcionários chegarem aqui. Eu costumava deixá-los fora 24 horas por dia, mas as pessoas começaram a roubá-los, e esses ladrões não fizeram nada além de me irritar - na maioria das vezes eles eram apenas crianças - então agora eu os mantenho trancados com chave.

Estou puxando uma das placas extrapesadas para fora do galpão quando percebo que há um carro desconhecido parado no estacionamento. As luzes estão apagadas, mas juro que vejo o brilho da tela do telefone iluminando um rosto.

Um rosto feminino e familiar.

Parando, largo a placa e descanso as mãos nos quadris, apertando os olhos na escuridão, como se isso me ajudasse a ver. Embora quanto mais eu olho para o carro, mais percebo que o reconheço.

Eu estive naquele carro. É um Mercedes.

E esse Mercedes pertence a Candice Gaines.

Por que diabos Candice está sentada dentro de sua Mercedes chique, checando seu telefone e... o quê? Esperando por mim?

Esta é a última coisa que eu preciso. Vou dar crédito à mulher, ela é malditamente persistente. Mas eu não quero lidar com ela. Ela é muito bonita, muito mandona, e eu sou muito atraído por ela.

Sim. Eu posso admitir. Estou atraído por Candice Gaines. Mas não preciso do problema. Eu preciso me concentrar no meu trabalho. É a época mais movimentada do ano e aqui estou eu, deixando uma mulher me distrair? Eu não faço isso.

Nunca fiz.

De fato, quanto mais penso em Candice tentando me convencer, mais irritado fico. Fúria me alimentando, eu ando até o veículo dela, testando a porta do lado do passageiro. Claro, ela se abre facilmente e eu deslizo dentro do carro dela como um gato ágil, fazendo-a gritar. — Você me assustou! — Seus olhos estão arregalados, sua mão está descansando

contra seu peito, que está subindo e descendo rapidamente. É mais cedo do que qualquer humano normal deveria estar acordado, mas Candice está linda. Seu cabelo está solto, passando pelos ombros em ondas luxuosas. Seus olhos castanhos estão arregalados, os lábios franzidos, com um brilho vermelho que combina com as unhas, que combina com o casaco vermelho brilhante que ela está vestindo.

— *Você me* assustou. — Eu respondo, batendo a porta do carro e me instalando. Pelo menos é agradável e quente dentro de sua Mercedes. E cheira bem. Como ela. — O que diabos você está fazendo aqui tão cedo?

— Eu queria falar com você. — Ela me envia um olhar que não consigo decifrar, seus dentes afundando no suculento lábio inferior. — Eu me sinto mal, com o que aconteceu entre nós na terça à noite.

— Eu não tenho tempo para ouvir você continuar falando sobre seus sentimentos. — Eu mordo, já pegando a maçaneta da porta. Se tivesse feito um pedido de desculpas, eu poderia ter considerado o que ela tinha a dizer.

Mas eu realmente não me importo de ouvir como o seu mau comportamento a fez se sentir mal. Isso apenas a fará parecer uma pirralha chorona, e não preciso de mais motivos para não gostar dela.

— Trouxe uma oferta de paz. — Continua ela, como se não tivesse ouvido uma palavra do que eu acabei de dizer. Que é provavelmente a verdade. — Aqui.

Ela estende uma xícara para viagem que tem um monte de escritas nela. — O que é isso?

— Tome um gole. — Ela levanta a xícara, como se estivesse prestes a aplaudir e fazer um brinde.

Eu olho para a xícara, por algum motivo nervoso em tomá-la. — Você está tentando me envenenar?

Candice ri, e o som faz meu estômago revirar. Ou talvez isso fosse apenas uma dor de fome. Eu esqueci de tomar café da manhã. Não tive tempo. — Eu nunca tentaria envenenar você, Charles. Se você morresse, o que aconteceria com o Natal?

— Não haveria árvores. — Eu digo, pegando o copo dela. Verifico a escrita, e percebo que é uma mensagem real escrita em preto.

Para mim.

CHARLIE!

Charlie, ela sente muito!

Aceite esse latte

Como um pedido de desculpas de Candice!

Meus lábios se curvam em um sorriso mal visto, e juro que ela o vê. Eu posso já sentir a esperança irradiando dela. Imediatamente eu franzo a testa. — Você escreveu isso?

— Não, minha amiga Stella fez. Ela é a mesma pessoa que faz os deliciosos lattes de gengibre. — Ela diz tentadoramente.

Latte de gengibre? Eu deveria saber, com a menção latte no poema.

— Você está tentando me subornar com minha nova bebida favorita? — Olho para a xícara, meu paladar já antecipando a delícia.

Ela abaixa a cabeça um pouco, aqueles lindos olhos castanhos fazendo contato com os meus. — Está funcionando?

Eu tomo um gole. É a temperatura perfeita e tem um gosto delicioso. — Você está no caminho certo.

Ela pisca para mim, toda solene enquanto eu continuo tomando meu café. É muito melhor do que aquela porcaria que fiz antes quando acordei. E é melhor do que qualquer uma das bebidas que tomei na Starbucks.

— Sinto muito, Charles. — Ela finalmente diz, remorso amarrando sua doce voz. — Eu nunca deveria ter falado sobre você assim com minhas amigas, e me sinto péssima. Eu só... eu não estava pensando. Sarah estava apenas tagarelando, e ela não tinha ideia de que você estava sentado ali ouvindo. Eu sabia que você estava com raiva, mas partiu tão rápido e se recusou a atender minhas ligações ou mensagens de texto. Esta foi a única maneira de chamar sua atenção.

Suas palavras - seu pedido de desculpas - significam muito. — Você está sempre tentando chamar minha atenção, hein? — Eu nem percebi. Estou sempre tão envolvido com meu pequeno mundo, que raramente me aventuro a sair dele.

Candice está se esforçando para capturar minha atenção, forçar meus limites e me ajudar a ver que outras coisas estão acontecendo ao

meu redor, coisas que importam. Eu posso apreciá-la de má vontade por isso.

Ela sorri fracamente. — Eu estou.

Eu saboreio minha bebida. Vendo seus olhares contemplativos. Tomando meu tempo enquanto eu fico pensando. Geralmente eu diria que ela poderia ir para o inferno e então nunca mais a veria.

Ou eu também poderia perdoá-la imediatamente e fingir que o que ela disse nunca aconteceu. — Bem? Você tem algo a dizer? — Ela pergunta, parecendo completamente exausta.

Provavelmente é errado admitir, mas é bom sacudir suas penas. Acho que faço isso com mais frequência do que percebo. — Este é um ótimo café com leite.

Ela exala alto, irritação escrita por todo o rosto bonito. — Stella faz excelentes bebidas.

— Eu preciso ir lá mais vezes.

— Você precisa. — Ela assente.

— Difícil, principalmente quando minha fazenda de árvores fica tão longe do centro de Carmel.

— É verdade, mas se você reservasse o tempo, provavelmente poderia fazê-lo funcionar. — Do jeito que ela está olhando para mim, acho que quer dizer essas palavras em relação a muitas coisas.

Como toda a minha vida.

— O problema é que preciso dedicar muito tempo para uma variedade de coisas. — Candice percebe que estou de acordo com ela? — Por exemplo, duas coisas estão acontecendo hoje à noite.

Candice fica quieta, seu olhar encontrando o meu. — As luzes das árvores em Cannery Row e no centro de Monterey?

Não deveria me surpreender que ela conheça minha agenda social de cor. Provavelmente porque foi ela quem planejou.

— Não sei como vou lidar com isso.

— Eu posso ajudá-lo! — Ela diz brilhantemente. — Ambos os eventos usam árvores da Sullivan, por isso vai ser uma grande coisa, aparecer

em cada um deles. Eles estão programados em horários apertados, mas você ainda pode fazer isso acontecer, especialmente com os locais tão próximos.

Ela está praticamente vibrando de emoção, e eu não posso deixar de sorrir. Então lembro que deveria ser um mal-humorado, e faço uma careta para ela.

— É o meu dia mais movimentado do ano. — Eu a lembro, tomando mais um gole. Não consigo parar de beber essa coisa. Talvez a amiga dela faça com alguma droga para nos tornar viciados. — Eu vou ficar ocupado o dia inteiro. É por isso que estou aqui tão cedo.

O rosto que ela faz sobre o que eu disse quase me faz rir. — Nós podemos fazer isso funcionar, Charlie. Se você me deixar ajudá-lo. — Ela hesita, sua expressão solene. Aqueles grandes olhos castanhos piscam para mim, e eu posso me sentir perdido neles. — Você vai me deixar ajudá-lo?

13

CANDICE

Sua expressão me faz pensar que vai dizer não. Ele parece tão inseguro, tão cheio de dúvidas. Sobre mim. Eu odeio ter perdido a confiança dele. Que ele agora pensa que sou uma garota malvada típica que senta com minhas amigas e ri dele.

Eu juro que não sou essa pessoa. Eu gostaria que ele acreditasse em mim.

— Eu vou deixar você me ajudar. — Ele finalmente diz, e um alívio esmagador toma conta de mim, fazendo meus ombros cederem. — Mas vai ser um dia agitado, Candice. Fora de controle. Normalmente, na Black Friday, eu nem saio da fazenda antes das nove.

— Mas você não pode fazer isso. Hoje não. É tarde demais. — Pego meu telefone e verifico meu aplicativo de calendário, observando os horários das duas cerimônias de iluminação. — Você precisará terminar às cinco horas o mais tardar.

— Vou tentar. Porém, não há garantias. — Diz ele, enquanto toma outro gole de café com leite. Aquece meu coração, que ele gosta tanto. Que eu o fiz feliz. — Devemos nos encontrar na primeira iluminação da árvore?

— De jeito nenhum. — Eu balanço minha cabeça. Ele pode nunca aparecer se fizermos isso. Eu preciso assumir o controle dessa situação. — Encontro você aqui. Às quatro e meia.

Ele faz uma careta. — É muito cedo.

— Não, realmente não é. Temos que estar no meu carro e sair daqui às cinco. No máximo. Você entende? — Oooh, garoto, não pareço firme? Mais ou menos como ele. O nervoso está me comendo, mas eu o empurro de lado. Sair daqui às cinco já estará corrido. Mas vou dirigir como um demônio do inferno para levá-lo para a cerimônia de iluminação a tempo, nem que for a última coisa que faço.

— Você é muito insistente quando quer ser. — Ele resmunga.

— O mesmo vale para você. — Digo a ele. — Embora você seja *sempre* insistente, acho que não é surpresa.

Ele sorri, parecendo muito satisfeito consigo mesmo, e a visão do seu lindo sorriso faz algo estranho no meu coração. Como se torcesse tudo e fizesse doer da melhor maneira. — Eu acho que você gosta quando sou insistente.

Oh meu Deus, ele me descobriu. Mas como?

— Por que você diz isso? — Eu pergunto cautelosamente.

— Por que mais você continuaria por aqui, tentando me ajudar? Acho que você tem uma queda por mim, Gaines. — Estendendo a mão, ele bate o dedo indicador na ponta do meu nariz, em seguida, empurra, a agora vazia, xícara de café na minha cara. — Mais uma vez obrigado pelo café com leite. Mas cuidado, posso querer que você faça disso um hábito.

Antes que eu possa dizer qualquer coisa em resposta, antes que eu possa reunir meus pensamentos espalhados ao vento, ele está saindo do carro, batendo a porta, forte, enviando o carro em estremecimento. Observo enquanto ele se afasta, meu olhar fixo em sua bunda perfeita, admirando a maneira como seu jeans se encaixa. Aqueles longos passos. Aquele emaranhado selvagem de cabelos.

Suspirando, ligo o carro e saio do meu lugar, saindo do estacionamento de terra, deixando uma nuvem de poeira para trás. Minha condição provavelmente irritou Charlie.

Ah bem. Que ele fique com raiva. Eu meio que não me importo.

Mas a vertigem chega a mim a alguns quilômetros eu estando na estrada. Estou de volta às boas graças de Charlie. Ele realmente pediu minha ajuda hoje à noite. Nós vamos passar um tempo juntos esta noite. Ele até me acusou de ter uma queda por ele, alerta de spoiler: tenho certeza que ele está certo, e ele me deu um tapinha no nariz.

Eu sei que o toque no nariz não parece um grande momento, mas OMG. Ele propositalmente me tocou de maneira paqueradora. Começa com um toque no nariz e pode se transformar em algo mais.

Estou falando sério! Assim poderia.

Decidindo que preciso parecer muito bem quando voltar para buscá-lo, meu pé pressiona ansiosamente o acelerador. Eu só tenho algumas horas e preciso usar cada uma delas para garantir que minha roupa esteja no ponto.

Entro no estacionamento da Sullivan Tree Farm às quatro e meia em ponto e Charlie não está em lugar algum.

O estacionamento está meio cheio de carros e, quando saio sozinha, vejo uma família de quatro pessoas passar por mim, seguida por um funcionário da Sullivan transportando sua bela árvore recém-cortada, apoiada em uma carroça de arame vermelha brilhante com a forma perfeita para carregá-la. O menino - ele tem cerca de três anos – está pulando/correndo e tagarelando sobre a árvore sem parar, sua mãe o repreendendo gentilmente para tomar cuidado com os carros enquanto eles passam.

Meu coração amoroso de Natal se aquece ao ver isso.

Na verdade, meu coração amante do Natal mal pode se conter enquanto observo a fazenda aberta em ação. A música de Natal toca nos alto-falantes, alguma versão jazzística de 'Jingle Bells'. Esteve nublado o dia todo, e as luzes acesas em todos os lugares piscam e brilham na escuridão que cresce rapidamente. A gigantesca vitrine branca que estava coberta com uma variedade de grinaldas à venda quando a vi esta manhã agora está meio vazia. E ao longe, vejo as portas duplas da loja abertas, com muitas pessoas dentro.

Charlie não estava errado. Está super cheio. Eu posso praticamente cheirar todo o dinheiro que eles estão fazendo atualmente.

Ou talvez eu esteja confusa e esses sejam os pinheiros que estou sentindo.

— Ei, Dolores.

Eu me viro para encontrar Isaac Jones sorrindo para mim. — Você sabe que esse não é meu nome verdadeiro, Jonesie.

Ele descansa a mão no peito. — E eu acho que você sabe que eu meio que odeio esse apelido, Dolores.

Rimos e balanço a cabeça. — Parece cheio aqui hoje.

— Está bastante cheio. Mas um cheio bom embora. — Ele estende as mãos, cada um dos dedos escuros. — Eu odeio quando sinto seiva nos dedos.

Eu faço uma careta. — Você não usa luvas?

— Às vezes. — Ele encolhe os ombros. — E às vezes elas atrapalham e é mais fácil usar minhas próprias mãos.

— Como você remove a seiva?

— O óleo de cozinha faz principalmente o truque. Ou manteiga de amendoim, embora eu não seja fã de usá-la. Eu tentei pasta de dente uma vez. Funcionou, mas não foi muito bom. — Diz Isaac.

— Isso parece bagunçado. — Eu torço o nariz.

— É. — Ele se levanta mais reto. — Acho que você está procurando o chefe.

— Eu estou. Onde está Charles, afinal? — Olho em volta, mas é claro que não vejo sua familiar estrutura alta.

Isaac ri. — Eu ligo para ele no rádio.

Não querendo ouvir Charlie xingando minha chegada, toco o braço de Isaac e digo: — Diga a ele para me encontrar na loja.

— Vou dizer. Vejo você por aí, senhorita Candice. — Ele puxa a aba da touca e se afasta, o estalo do walkie-talkie soa enquanto ele pede para Charlie responder.

Vou até a loja, olhando para o meu telefone para ver que horas são. Quatro e trinta e cinco. Me dei meia hora para reunir Charlie e nos tirar daqui porque sabia que 1) Charlie não seria fácil de encontrar; e 2) ele definitivamente não estaria pronto para ir.

Ele precisará se trocar. Estou certa disso. Provavelmente também precisa de um banho, mas não sei como vamos fazer isso acontecer. Ele está envolvido desde Deus sabe quando, e ele é do tipo que fica completamente sujo e nem percebe. Ele mantém roupas extras aqui para vestir? Eu não faço ideia. Algo que deveria ter pensado antes de sair.

Entrando na loja, respiro fundo o delicioso cheiro de vela de cranberry e começo a explorar, já desejando ter mais tempo. Imediatamente vejo duas coisas que não me importaria de comprar e, cedendo aos meus desejos, agarro as duas. Uma é uma linda decoração de mesa de rena branca com uma coroa de pinheiros verde no pescoço que eu sei que minha madrasta adoraria colocar na mesa da sala de jantar. O outro item é um floco de neve iridescente brilhante que posso

imaginar pendurado na janela do meu quarto. As pedras capturariam a luz do sol, lançando meu quarto com gotas de luz à tarde.

Eu só estou lá por alguns minutos, procurando por todas as coisas bonitas, quando sinto a presença de Charlie. Engraçado como não preciso vê-lo, mas sei que ele está aqui. O ar muda quando estamos na mesma sala juntos, e sei que parece um monte de bobagem mística, mas eu juro que é verdade.

Na verdade, eu posso senti-lo se aproximando, e prendo a respiração, esperando o momento em que ele dirá meu nome. Ou, eu não sei, realmente estenda a mão e me toque.

— Dolores. Que bom que você conseguiu.

Eu mal posso conter meu sorriso quando me viro. Mas meu sorriso desaparece quando o encaro. — Oh, Charlie, você parece...

— Cansado? Espancado? Como uma merda absoluta? — Ele ri, mas não há humor no som. — Tem sido um dia difícil.

— Tudo parece ótimo lá fora. Ainda está muito movimentado. — Eu não esperava que ele parecesse tão exausto. Há olheiras sob seus olhos levemente injetados, há um arranhão na bochecha e outro no nariz. — O que aconteceu com você? — Sem pensar, eu estendo a mão, deslizando meu dedo pelo arranhão em seu rosto, soltando minha mão imediatamente para que ele não pense que eu estou desejando tocá-lo.

Embora eu esteja. Anseio por tocá-lo.

A ferida parece fresca, ainda há pedaços de sangue seco agarrados à sua pele. Espero que não seja muito profundo.

— Briga com uma árvore. A árvore venceu. — Ele suspira, olhando ao redor da sala antes que seu olhar volte para os itens que estou segurando. — Você quer comprar essas coisas?

Eu concordo. — Quero comprar mais, mas não tenho tempo.

— Victoria vai te amar. Vamos. — Ele acena com a mão para eu segui-lo e assim faço, confusa quando passamos direto pelo balcão de registro, onde há uma fila e uma mulher da minha idade que se parece vagamente com Charlie, e começamos a andar por um pequeno corredor.

— Para onde estamos indo? — Eu pergunto a ele, lutando para acompanhar seus longos passos.

— Meu escritório.

— Mas eu preciso pagar pelas minhas coisas.

Ele faz uma pausa em uma porta fechada, puxando um chaveiro e destrancando a porta antes de entrar. Eu o sigo, piscando quando ele acende as luzes. — Remova as etiquetas de preço e eu terei Victoria ligando para mim mais tarde.

Coloco minhas coisas em sua mesa enquanto ele cai na cadeira. — Eu quero pagar por eles, não você, Charlie.

— Você pode me pagar de volta. — Ele se inclina para trás e fecha os olhos. Aproveito a oportunidade para bebe-lo avidamente, observando como o pomo-de-adão balança quando ele engole, o suspiro profundo de exaustão que o deixa. — Porra. Estou extremamente cansado.

Eu nem sequer recuo com o palavrão. — Você já limpou essa ferida?

— Não. — Ele não se incomoda em abrir os olhos. — Você quer brincar de enfermeira comigo?

Eu quero.

— Serei um bom paciente. — Continua ele.

E eu nem preciso responder. Ele só sabe que eu quero cuidar dele.

— Há um kit de primeiros socorros no armário ali. — Ele aponta, os olhos ainda fechados, e olho por cima do ombro para a peça de mobiliário que ele está indicando. — No lado esquerdo, eu acho.

Vou ao armário e abro as portas duplas, avistando a caixa branca com a cruz vermelha no topo. Pego e trago para a mesa, abrindo-a e vasculhando as várias coisas lá dentro. Há toalhinhas antibacterianas, então eu rasgo uma, pronta para limpar sua ferida. Eu me aproximo dele, tão perto que meus seios estão praticamente em seu rosto enquanto estou sobre ele, mas seus olhos estão fechados e ele não pode me ver assim.

Isso é lamentável.

— Pode doer. — Eu o aviso, minha mão pairando sobre sua bochecha.

— Apenas vá em frente.

Faço o que ele diz e ele assobia ao primeiro contato. Olho o arranhão, aliviada ao ver que não é tão ruim quanto pensei que poderia ser. Pego outra toalhinha e limpo o corte no ponta do nariz. Ele permanece imóvel, respirando uniformemente, com os olhos fechados, exibindo seus cílios grossos e escuros.

Me abaixando um pouco, examino atentamente o arranhão maior, me perguntando se devo usar Neosporin que encontrei no kit. — Posso colocar um curativo nele?

— Absolutamente não. — Ele abre os olhos, piscando para mim quando percebe que estou tão perto. Percebo que seus olhos não são de um verde puro, afinal. Há manchas de ouro lá. — Vou parecer um idiota.

— Eu pensei que talvez você queria esconder os arranhões.

— E perder a oportunidade de parecer durão? De jeito nenhum.

Sorrio e jogo a toalha usada na lixeira embaixo da mesa antes de me endireitar. — Que tal um pouco de Neosporin, então?

— Deixe-me tirar essas roupas primeiro. — Ele suspira novamente, o som profundo. — Eu tenho tempo para tirar uma soneca?

— Não. — Deixo o Neosporin de fora e fecho a tampa do kit de primeiros socorros. — E você tem roupas aqui?

— Sim. Eu sempre mantenho algumas coisas por aqui, apenas por precaução. Durante a temporada, costumo dormir muito aqui.

— Sério? — Olho ao redor, mas não há cama à vista. Apenas um sofá. — Onde? O sofá? — Não parece longo o suficiente para caber nele.

— Ele se transforma em uma cama dobrável. É péssimo, mas estou acostumado. — Levantando, ele se estica, a barra da camiseta de manga longa que ele está vestindo subindo, revelando uma lasca de estômago firme e nu.

Virando, mordo meu lábio, verificando o telefone para ver que horas são. — Temos doze minutos antes de sairmos, então sugiro que você comece a se trocar agora. — Digo a ele, me virando para descobrir que já está tirando a camisa.

Oh. Oh, uau. Eu pisco, minha boca se abre e tenho medo de começar a babar.

Charlie Sullivan é musculoso. Não é um musculoso, tipo fisiculturista, mas ele definitivamente tem músculos. Braços magros, ombros e peito largos. Peito definido e estômago liso, embora não seja uma tábua de lavar.

Posso admitir que estou feliz que ele não tenha um pacote de seis? Isso me intimidaria. Eu sou estranha assim.

Ele joga a camiseta no sofá enquanto passa por mim, caminhando em direção a um conjunto baixo de gavetas que fica perto do armário onde eu peguei o kit de primeiros socorros. Ele se inclina e abre uma das gavetas, puxando um suéter preto e um jeans. Significando que ele vai tirar o jeans sujo que está usando no momento.

Eu preciso sair daqui.

— Eu só... vou esperar na loja enquanto você se troca. — Digo a ele, caminhando de volta para a porta, esperando não tropeçar nos meus próprios pés. — Vou dar-lhe um pouco de privacidade.

— Fique onde está. — Diz ele, sua voz profunda como um comando, e meu corpo o segue como se eu não tivesse controle sobre mim mesma. — Apenas me dê alguns minutos.

— Eu não vou assistir você trocar de roupa, Charles. — Minha voz é um pouquinho trêmula e espero que ele não perceba.

— Isso é muito ruim, Candice, considerando que eu quero fazer um show para você. — Ele balança as sobrancelhas e eu dou uma bufada, cruzando os braços e virando as costas para ele.

— Apresse-se então. — Digo a ele, inclinando a cabeça.

Provavelmente dura três minutos, mas esses minutos são torturantes. Eu posso ouvir o som de suas botas sendo arrancadas, botões sendo abertos e roupas batendo no chão. O barulho das pernas deslizando para o jeans, o zumbido de um zíper.

Minha imaginação está exagerando enquanto tento imaginar como ele pode parecer apenas de cueca. Ou talvez sem nada.

— Ok, senhorita recatada, você pode se virar. Não vou ofender seus olhos gentis.

As palavras são sarcásticas, mas o tom é divertido, então eu sei que ele não está irritado como de costume. Lentamente, viro para encontrá-

lo sentado na cadeira atrás de sua mesa mais uma vez, calçando um par de botas diferentes, muito mais limpas. Quase elegante.

— Você parece bem. — Digo a ele, que é um eufemismo.

— Obrigado. Você também.

O elogio imediato me enche de tontura. Eu trabalhei duro nessa roupa e estou feliz que ele tenha notado.

Ele amarra uma bota e depois apoia o outro pé em sua mesa. — Por que você não liga o carro? Sairei em um minuto.

— Você vai mesmo? — Eu odeio estar duvidando dele, mas ele tentou me largar antes. Ou pelo menos ele falou sobre me largar.

— Sim, eu só preciso usar o banheiro primeiro. Me limpar um pouco mais.

Aponto para ele. — Você tem cinco minutos.

Ele me saúda. — Sim, senhora.

Não consigo parar de sorrir durante todo o caminho de volta ao meu carro.

14

Fomos para primeira iluminação em tempo recorde. Como prometido, eu acelerei como um demônio para o centro de Monterey, estacionando em algum lugar no meio dos dois locais, e agora que Charlie completou suas tarefas na primeira, estamos tentando descobrir como chegar à segunda cerimônia sem usar meu carro.

— Nós poderíamos andar. — Charlie sugere.

Eu aceno com a mão para minhas botas de salto alto. Elas são adoráveis, mas não práticas. Em absoluto. — Eu vou chorar em poucos minutos.

Seu olhar se prende nos meus pés. — Por que você as usa?

— Elas são fofas. — Eu chuto meu pé e viro para um lado e para o outro. — Eu as amo.

— Elas fazem suas pernas parecerem longas. — Diz ele apreciando, seu olhar fixo as minhas extremidades inferiores.

Hmm. — Isso foi um elogio?

— Possivelmente. — Ele encolhe os ombros.

Decidindo que não vou dar-lhe muita dor, mudo de assunto e bato meu dedo nos lábios. — Não existe um serviço de transporte gratuito que atinja todos os pontos turísticos de Monterey?

— Existe. — Isso vem de um senhor mais velho que está parado nas proximidades. Parece que ele estava ouvindo nossa conversa. — Passa bem ali.

Ele inclina a cabeça para o outro lado da rua, onde há um ponto de ônibus. — Obrigado. — Digo agradecida antes de me virar para Charlie. — Vamos.

Usamos a faixa de pedestres e atravessamos a rua, as botas já começando a beliscar meus pés. Eu sou uma gulosa por punição quando se trata de minhas escolhas de moda também. Se é fofo e eu amo e pareço bem, vou usá-lo, não importa o quê.

Estou pensando que esta noite não foi uma boa ideia.

Caio no banco, desejando poder esfregar os pés, mas teria que tirar as botas e, se fizer isso, elas nunca mais voltarão.

Charlie se aproxima do banco lentamente, balançando a cabeça. — Você está me lembrando da minha irmã agora.

Eu franzo a testa. Isso não pode ser bom. Não quero que ele olhe para mim e pense em sua irmã. Eu quero que ele olhe para mim e pense*, eu realmente quero beijá-la.* Ou, *eu me pergunto como ela será nua.*

— Por quê? — Eu pergunto, checando meu telefone mais uma vez. Se esse ônibus não aparecer logo, estamos ferrados.

— Ela está sempre usando sapatos que machucam os pés. — Ele se senta no banco ao meu lado, tão perto que eu posso sentir o calor de seu corpo irradiando em minha direção. — Eu não sei por que todas vocês insistem em usar saltos.

— Como você disse, eles fazem minhas pernas parecerem longas e eu não tenho pernas longas. — Elevo minha perna mais uma vez, um alívio me inundando quando não estou pressionando meu pé. — Às vezes devemos sofrer pela moda.

— Eu acho ridículo.

— Às vezes eu acho você ridículo. — Eu cutuco seu ombro com o meu e ele olha para mim. — Você conseguiu nessa cerimônia, no entanto.

Chegamos com apenas cinco minutos de sobra. Eles já estavam conversando, havia Papai Noel ao lado do presidente do comitê do evento e, como a última iluminação que fomos, o anfitrião disse algumas palavras gentis sobre a Fazenda Sullivan, eles deram um grito a Charlie, acenderam a árvore, todos aplaudiram e aplaudiram, e então saímos de lá.

— No que vamos agora, eles mencionaram que querem que eu fale. — Ele me envia um olhar, que eu não consigo ler. — Eu não sou bom nisso.

— Bom em quê?

— Falar em público.

— Oh, você consegue. Apenas use suas palavras. — Eu bato meus cílios para ele.

Ele balança a cabeça. — Minhas palavras não são tão boas quanto as suas. Receio chegar lá e dizer algo como 'Apoie a Sullivan Tree Farm, compre local. Agora vamos acender essa filha da puta!' — Ele sorri, mas vejo a preocupação em seus olhos. Ele tem medo de estragar tudo.

— Você vai ficar bem. Apenas... diga algo idiota sobre os negócios da família. As pessoas engolem esse tipo de coisa.

— Vou tentar. — Ele não parece muito confiante, e eu me sinto mal por ele.

— As pessoas compram suas árvores de Natal vivas de outros locais? — Eu me pergunto com a declaração local de compra dele.

— O tempo todo. Especialmente nesta área, onde muitas pessoas têm muito dinheiro para gastar. Existem alguns sites especializados que entregam sua árvore fresca de bálsamo à sua porta da frente gratuitamente.

— Quanto custa a árvore real?

— Centenas de dólares. Às vezes até milhares. Eu ouvi algumas alegações de que vale a pena. Eles não querem lidar com o incômodo de sair para nossa fazenda ou para um de nossos terrenos de árvores. — Explica ele. — Eu considerei oferecer árvores à venda em nosso site.

— Você deveria. Se você não pode vencer a competição online, pelo menos junte-se a eles.

— Nós poderíamos. Eu não sei. É apenas mais uma coisa a acrescentar à minha lista de tarefas que já é muito longa. — Ele balança a cabeça. — Eu continuo pensando que preciso de um assistente para me manter em linha reta, mas não quero me preocupar com o processo de entrevista.

Eu sou uma pessoa muito organizada. Eu provavelmente poderia ajudá-lo. Mas quero trabalhar com Charlie dia após dia? Não. Nenhuma quantia de dinheiro que ele me pagaria valeria a pena. Além disso, eu não preciso disso.

Além disso, ele provavelmente não pensaria que seria uma boa ideia. Ele não tem muita fé em mim. Estou tentando o meu melhor para mudar a opinião dele sobre mim, mas não sei se está funcionando.

Um ônibus aparece repentinamente a uma curta distância - e não o ônibus regular da cidade. Parece um carrinho marrom e verde, e é realmente muito fofo.

E também lotado de pessoas.

Ele para no meio-fio com um assobio dos freios a ar e as portas se abrem. Um monte de gente sai, graças a Deus, indo para o evento que acabamos de sair, eu suponho, e sigo Charlie para o ônibus, estabelecendo-me no assento vazio ao lado dele.

— Pelo menos ficamos um pouco mais sentados. — Digo agradecida pelo descanso. Talvez eu devesse largar essas botas e nunca mais usá-las.

Mas elas são tão fofas. E custaram muito dinheiro... eu ficarei com elas.

— Espero que não demore muito para chegar lá. — Diz ele, pela primeira vez preocupado com o tempo.

— Não deve. Não estamos muito longe. — Embora o tráfego esteja pesado hoje, sendo sexta-feira à noite, a Black Friday especificamente, os vários eventos de Natal começando, além da temporada de compras de fim de ano.

Então sim. Talvez demore um pouco mais que o normal.

— Além disso, o ônibus vai exatamente no local onde a cerimônia é realizada. — Digo a ele, percebendo o quão convidativo seu ombro parece. Como eu quero inclinar minha cabeça naquele ombro largo e fechar meus olhos um pouco. Respirar seu perfume inebriante de pinheiro. Absorver seu calor e força. Ouvi-lo falar, sua voz profunda causando um estrondo no peito...

— Esta é realmente de couro?

Me assusto quando percebo que a mão dele está apoiada no meu joelho. E ele está falando da minha legging.

Eu mencionei que estou usando legging de couro? Eu te disse que iria fazer todas as paradas para a roupa de hoje à noite. Isso inclui uma legging que me cai como uma luva e custa oitocentos dólares.

Sim. Oitocentos dólares.

Isso é muito dinheiro, certo?

Ter Charlie descansando a mão dele no meu joelho faz com que valha o preço. Ele ainda está me tocando. Eu juro que seus dedos estão até... me acariciando? Hmm.

— Sim, ela é. — Há o menor engate na minha voz e eu limpo minha garganta, decepção me inundando quando ele remove a mão.

— Você está toda de preto hoje à noite, Candice. Você não parece tão festiva como sempre. — Ele ressalta.

O fato de ele perceber minhas roupas festivas me faz feliz. Isso significa que ele está prestando atenção. Eu estou usando uma gola alta preta com as calças de couro, além do casaco vermelho brilhante que só uso nesta época do ano.

— Ei, isso é vermelho. — Eu aponto para o meu casaco. — Além disso, meus brincos são verdes. — Enfio meu cabelo atrás da orelha para revelar um brinco de esmeralda falsa gigante. Eles são Kate Spade e são adoráveis. — E meus lábios estão vermelhos para combinar com meu casaco. — Cherry Lipstick da MAC, na verdade.

Olhe para mim caindo em meus pensamentos.

Seu olhar vai da minha orelha aos meus lábios e fica lá. — Verdade. — Ele murmura, seu olhar aquecido.

— Eu senti vontade de fazer algo diferente. — Digo com um encolher de ombros. Não que eu possa ser honesta com ele e dizer, *só estou tentando impressionar você. Funcionou?*

A viagem de ônibus leva apenas alguns minutos, e nós realmente não conversamos. O que significa que toda a tensão que normalmente se forma entre nós é ainda mais espessa do que o habitual, de modo que, quando saímos do transporte, tudo em que consigo pensar é quando ele colocara as mãos em mim novamente.

Sorte minha, estar a segundos de chegarmos. Ele descansa a mão nas minhas costas, me guiando através da multidão. Há tantas pessoas aqui hoje à noite, mais do que nas outras luzes, e olho por cima do ombro para ele, lançando lhe um olhar.

Ele se abaixa, com a cabeça perto da minha e grita no meu ouvido. — Você está bem? — Assentindo, viro um pouco, minha boca praticamente roçando sua bochecha enquanto eu grito em resposta.

— Estou bem. Vamos encontrar as pessoas encarregadas disso.

A cerimônia é realizada na área comum de Cannery Row, e atualmente está lotada com todo tipo de gente. Turistas, famílias locais, grupos gigantes de adolescentes, todos estão aqui. Há um grupo de cantores em roupas antiquadas cantando 'Silent Night'. Dois estandes estão montados e aquele com a fila mais longa está vendendo pipoca. O outro estande está distribuindo xícaras grátis de chocolate quente e também possui uma longa fila.

Encontro Charlene, a mulher que está encarregada do evento deste ano, e levanto minha mão em um aceno quando fazemos contato visual. Ela sorri, acenando para mim, e sem pensar eu pego a mão de Charlie e o puxo comigo para o local onde ela está parada com um pequeno grupo de pessoas que parecem funcionários.

— Candice, é tão bom ver você. — Charlene me envolve em um abraço, depois volta sua atenção para Charlie. — Este é seu namorado?

Ha! Minhas bochechas ficam tão quentes que parecem estar pegando fogo. Solto meu aperto na mão de Charlie, balançando a cabeça. — Não, não, não. Este é Charles Sullivan, da *Sullivan Family Tree Farm*?

— Sr. Sullivan! É uma alegria finalmente conhecê-lo. — Charlene aperta a mão dele com entusiasmo, seu sorriso enorme. Ela é uma mulher muito legal que está envolvida com várias instituições de caridade locais há anos. O nome do marido dela também é Charles, ela me disse que as pessoas sempre a provocavam, já que seus nomes eram muito próximos.

Meu nome e de Charlie estão quase próximos.

— Prazer em conhecê-la também. — Diz Charlie, me enviando um olhar estranho. Como se talvez ele não esperasse tanto entusiasmo? Mas é assim que Charlene é com todos.

— Eu espero que você não se importe de falar hoje à noite, mesmo que por alguns minutos. — Continua Charlene quando solta a mão de Charlie. — Espero que você não tenha medo de falar em público?

Ele me envia outro olhar, este cheio de pânico.

— Você não acha que as crianças preferem se concentrar no Papai Noel? Papai Noel aparece nessa iluminação, certo? — Eu sorrio para ela.

Charlene faz uma careta. — Sim. Sim ele aparece. *Claro* que sim. Ele é a atração principal depois da árvore.

— Então vamos em frente com você agradecendo a Sullivan pela árvore, e deixar assim? — Olho para Charlie, que agora tem pura adoração em seu olhar. Ele me deve uma. — O que você acha, Charles?

— Acho que parece uma ótima ideia. — Ele assente.

— Perfeito. — Eu sorrio para Charlene, tentando deixar tudo bem claro. — Tenho certeza de que as crianças ficarão muito animadas ao ver o Papai Noel aqui esta noite.

— Você está certa. Você já esteve nesta cerimônia antes? — Quando eu balanço minha cabeça, ela continua: — Você está em um verdadeiro deleite então. Ele fará sua aparição lá em cima. — Ela se vira e aponta para uma varanda que fica logo ao lado de uma loja. — E as crianças ficam tão entusiasmadas quando o veem. Eles querem desesperadamente falar com ele ou sentar no seu colo, mas não fazemos isso aqui. Dá ao Papai Noel aquele ar de mistério. Além disso, também temos os elfos distribuindo doces para as crianças, então pelo menos elas recebem um pouco de carinho.

— Isso parece divertido! — Eu digo brilhantemente.

Charlie agora está de pé diretamente atrás de Charlene, e ele revira os olhos para a minha emoção, o idiota.

— Achamos que sim. — Charlene concorda antes de verificar o relógio. O sorriso dela desaparece. — Oh céus. Estamos prestes a começar. Todo mundo, por favor, em seus lugares!

Eu não sabia que ela estava usando um fone de ouvido, mas está, e é isso que ela está usando para direcionar todos para a cerimônia de hoje à noite. Charlie e eu damos um passo gigante para trás quando Charlene começa a zumbir, ordenando que todos façam isso ou aquilo. Sinto a dor dela, já estive em sua posição muitas vezes e estou agradecida por esta não ser minha obrigação esta noite.

— Ei, obrigado por me livrar de falar. — Charlie diz enquanto esperamos o início da cerimônia.

— Eu poderia dizer que você não se sentiria confortável em fazê-lo, então pensei que distrair Charlene e ter o foco dela no Papai Noel seria a melhor ideia. — Eu digo, meu olhar varrendo a multidão.

Há tantas pessoas aqui esta noite. A árvore é gigantesca, elevando-se acima de nós no centro morto da área comum, ao lado de uma cascata que homenageia o autor John Steinbeck e as fábricas de conservas que costumavam estar aqui. As próprias fábricas sobre as quais ele escreveu em seu livro e ficou famoso.

As pessoas não necessariamente visitam esse local específico por causa da história. Elas vêm para as vistas da Baía de Monterey e do oceano, além das lojas, do aquário e dos restaurantes. É um local bonito, que eu não aprecio o suficiente, considerando o quão excedente fica com os turistas praticamente o ano todo.

Hoje à noite, é bom estar aqui. Parece que fazemos parte de uma comunidade, mesmo com os turistas se juntando a nós. Ter Charlie parado ao meu lado torna ainda melhor.

E isso é um pouquinho assustador.



CHARLIE

— Charles. — A decepção na voz de Candice é clara quando ela abre a porta da frente e me vê. — Você não está usando gravata.

Olho para mim mesmo antes de levantar a cabeça para encontrar seu olhar examinador. — Você realmente acha que eu tenho que usar uma hoje à noite?

— Sim. É um evento semiformal. Isso significa que você *deve* usar uma. — Ela abre mais a porta e eu entro, inclinando a cabeça para trás, para que possa ver a grandeza que é o vestíbulo de sua família.

Faz uma semana desde a Black Friday. Candice só me pediu para participar de um evento desde as cerimônias de iluminação dupla, e foi um coquetel da tarde patrocinado pelo Rotary Club local.

Eu poderia ter resmungado sobre ir a uma festa no meio da tarde em um dia de semana, mas parei de reclamar quando apareci e vi quem estava lá: empresários de toda a área, com quem conversei pouco. Distribui muitos cartões de visita. Havia um corretor imobiliário em particular que parecia interessado em se reunir com a Sullivan e realizar um evento de férias no próximo ano que poderíamos co-patrocinar.

Exatamente o que meus pais queriam que eu estivesse procurando.

Um evento em uma semana, suponho, não é grande coisa. Na verdade, fiquei grato por isso. Talvez não tão secretamente esperasse que eu não tivesse que fazer mais nada pelo resto do ano, embora soubesse que teria notícias dela novamente.

Alguns dias atrás, Candice me enviou uma mensagem de texto, dizendo que a temporada de férias estava prestes a ficar confusa, e eu precisaria me preparar para todas as festas que iríamos comparecer.

Foram as três palavras *todas as festas* que me assustaram um pouco.

— Obrigado por me pegar. — Ela fecha a porta e se vira para mim, e é aí que eu realmente noto o que ela está vestindo.

Todo o seu corpo está coberto, exceto pelas pernas. E ela tem pernas muito bonitas. Ela está vestindo um suéter vermelho brilhante que se agarra ao peito quase amorosamente. Uma saia branca gigante e fofa que parece algo que uma bailarina usaria que a atinge exatamente sobre os joelhos. Sapatos vermelhos sexy que são abertos na ponta com unhas dos pés vermelhas para combinar. Seu cabelo é longo e perfeitamente liso, sua maquiagem simples, exceto pelos lábios vermelhos brilhantes.

Lábios que eu tenho a súbita vontade de beijar.

Coberta e ainda sexy. Sua roupa não é reveladora. De modo nenhum. Mas caramba, ela parece bem. — De nada. — Eu finalmente digo quando encontro minha língua. — Você parece...

— É demais? — Ela pergunta, me interrompendo. Ela estende a saia e depois a deixa cair. — É a saia de tule, hein? Eu pareço boba.

Não sei o que é tule. Acho que é esse tecido? — Você parece um coelho bailarina da neve.

Essas são as primeiras palavras que consigo pensar e parecem perfeitamente estúpidas.

— Isso é uma coisa boa? — Ela torce o nariz e gira rapidamente, a saia voando e me dando um vislumbre fugaz de coxas finas. Talvez ela faça isso por mim novamente. — Eu pensei que era um visual fofo.

— É definitivamente um visual fofo. — Eu digo, minha voz baixa. — Pare de se preocupar com isso. Você está linda.

Suas bochechas ficam rosadas. — Eu não estava procurando elogios, Charles.

— Eu dei esse livremente, Candice. — Eu jogo de volta para ela.

— Bem. — Ela levanta o queixo, tentando ser digna. Difícil de conseguir quando ela se parece com um anjinho fofo de Natal. — Você parece legal também. Apesar de você não estar de gravata.

Eu estou vestindo uma calça preta e uma camisa de botão cinza escuro. Eu não me incomodei com a jaqueta combinando - eu não usaria de qualquer maneira. E na verdade estou usando sapatos pretos ao invés de botas, e eles já estão beliscando meus pés.

— Ei, obrigado. — Digo a ela. — Demorou muito para eu usar tudo isso.

— Eu sei. — Seu olhar cai nos meus pés. — Sem botas. Isso é um progresso.

— Imaginei que você aprovaria.

Ela sorri, depois se vira para a escada gigantesca que aparece atrás dela, coloca a mão em volta da boca e grita: — Papai! — Eu estremeço com o alto decibel de sua voz.

— O quê? — Uma voz masculina ecoa escada abaixo, e eu presumo que seja o pai dela.

— Você tem uma gravata vermelha que Charles pode usar?

— Isso não é necessário... — Eu começo, mas ela me envia um olhar, e paro de falar.

— Que tom de vermelho? — Pergunta o pai.

— Brilhante! Como meu suéter!

— Que suéter?

— O que eu acabei de mostrar para você, nem quinze minutos atrás. — Ela revira os olhos. Abaixa a voz dela. Como se estivéssemos compartilhando um segredo. — Ele não presta atenção em mim metade do tempo, eu juro.

— Espere. — A irritação na voz do homem é clara, e espero que a irritação não seja direcionada a mim. Não que eu me importe com o que o pai dela pensa de mim. Quando as férias terminarem, provavelmente nunca mais verei Candice.

Uma dor repentina aperta meu peito e eu o esfrego distraidamente.

Em dois minutos, uma mulher desce correndo as escadas, segurando três gravatas diferentes na mão. Ela é mais velha. Muito bonita. Cabelo loiro escuro preso em um rabo de cavalo baixo e olhos azuis brilhantes que se iluminam quando ela nos vê ali de pé.

— Candice, quem é seu amigo? — A mulher pergunta com um sorriso de conhecimento. Sinto que ela sabe exatamente quem eu sou.

— Este é Charlie. — Candice segura minha mão e me leva até a mulher, que agora está de pé na base da escada. — Charles Sullivan, esta é minha madrasta, Mitzi Gaines.

— Prazer em conhecê-la. — Solto minha mão da mão de Candice para que eu possa cumprimentar a madrasta dela.

— Prazer em conhecê-lo também. Vocês dois não parecem absolutamente adoráveis? — Ela segura uma gravata em minha direção. — Esta é a que melhor combina com seu suéter, Candice.

Pego a gravata e a coloco no pescoço. — Você tem certeza que seu marido não se importa se eu usar a gravata dele?

— Ele não vai se importar. E ele lamenta que não possa vir ao seu encontro. Ele estava prestes a entrar no chuveiro quando Candice começou a gritar. — Mitzi ri quando Candice zomba dos olhares. — Temos uma festa para ir hoje à noite.

— A mesma que a nossa? — Candice pergunta, preocupação em sua voz.

Sim, eu também não quero ir à mesma festa que os pais dela.

— Não, nós estaremos no McGoldricks hoje à noite. Eles estão oferecendo um jantar para alguns amigos íntimos. — Mitzi sorri para nós dois.

— Os advogados dos meus pais. — Candice sussurra pelo lado da boca.

— Ótimo. — Nós não socializamos com os advogados que usamos no passado, mas nós Sullivans não fazemos muita socialização, então acho que não posso nos comparar. Começo a trabalhar na gravata, desconfortável com a maneira como as duas mulheres estão me observando.

— Candice, por que você não o ajuda? — Mitzi sugere com um gesto em minha direção antes de começar a subir as escadas. — Foi um prazer conhecê-lo, Charlie. Vocês dois divirtam-se hoje à noite! — E com isso, ela desaparece.

— Aqui, deixe-me fazê-lo. — Candice se posiciona para que ela esteja diretamente na minha frente, e mesmo com aqueles saltos vermelhos assassinos, sua cabeça ainda mal roça meu ombro. Ela é uma coisinha curta. Eu poderia colocá-la debaixo do braço facilmente. Provavelmente também poderia jogá-la por cima do meu ombro com facilidade. Aposto que ela não pesa muito.

Franzindo a testa, me pergunto de onde diabos essa imagem veio. Eu, jogando Candice por cima do ombro. Passando a mão pelas costas curvilíneas enquanto a levo para o meu quarto...

Piscando para me concentrar, me concentro no aqui e agora.

— Eu consigo. — Desastrado, tento amarrar minha gravata como meu pai me mostrou quando criança, puxando e puxando e meio que fazendo uma bagunça, especialmente porque não tenho um espelho por perto.

— Não, você realmente não consegue. — Candice afasta minhas mãos e assume a tarefa, seu olhar fixo no meu pescoço, seus dentes afundando em seu lábio inferior vermelho rubi. Ela é pura concentração enquanto termina o trabalho, os dedos roçando meu peito. Ela está tão perto que eu posso sentir seu doce aroma de frutas doces, sentir seu calor radiante, observar como ela fica com duas pequenas rugas entre as sobrancelhas quando se concentra. — Aí está.

Ela dá um último puxão, colocando a gravata no lugar antes de dar um tapinha no meu peito, um leve sorriso curvando seus lábios perfeitos.

— Onde você aprendeu essa habilidade em particular? — Se ela disser que tinha um namorado dependente que não conseguia se cuidar, vou rir.

Eu também posso estar com um pouco de inveja. Não que eu *jamais* admita isso.

— Quando você cresce em uma casa com seu pai e dois irmãos mais velhos, aprende algumas coisas. — Ela responde.

Faz sentido. — Sua madrasta parece legal.

— Ela é. — Candice alcança mais uma vez, roçando a frente da minha camisa. — Você tinha um pedaço de algodão aqui.

Real ou imaginário? Ela está tão sintonizada comigo quanto eu neste momento? Isso foi apenas uma desculpa para me tocar?

— Obrigado. — Hesito, me perguntando se posso perguntar. Decidindo que devo ir em frente, pergunto. — E a sua mãe?

Seu olhar aponta para o meu, aqueles grandes e luminosos olhos castanhos me encarando. — O que tem ela?

— Onde ela está?

— Oh. Ela morreu há muito tempo. Quando eu era muito pequena. Câncer de mama. — Ela sorri, embora seja um pouco forçado, um pouco brilhante demais. — Mas eu estou bem. Não pense que precisa se desculpar por perguntar.

— Eu não tinha ideia. — Ela está tentando fazer parecer como se não fosse grande coisa, mas eu posso ver que isso a afeta. E é claro que sim. Minha mãe teve um pequeno susto de câncer e, quando ela me contou, eu quase surtei.

E foi apenas um susto. Não consigo imaginar o que faria se minha mãe *tivesse* câncer.

— Como você teria? Eu nunca te contei sobre ela. — Ela encolhe os ombros. — Está realmente tudo bem, no entanto. Eu juro.

Eu decido mudar de assunto, pois claramente ela não quer falar sobre sua mãe morta. — Você está pronta para ir?

— Você está dirigindo ou eu estou te seguindo? — Ela está carrancuda.

— Eu vou dirigir. — Sugiro.

O cenho dela se aprofunda. — Seu caminhão?

— Sim.

— Que tal você dirigir meu carro? — Ela levanta as sobrancelhas, sua expressão claramente dizendo *que é a melhor ideia de sempre!* Mesmo que eu realmente não concorde.

— O que há de errado com o meu caminhão? — Ela está envergonhada de ser vista nele? Eu sei que não é nada novo, mas definitivamente não é velho. E sim, provavelmente há um pouco de lama do estacionamento de terra da fazenda e o fato de chover nos últimos dias. Eu deveria ter lavado o carro antes de vir para cá, mas estava atrasado e não estava pensando.

— Absolutamente nada está errado com o seu caminhão. É muito bom. — Ela está falando comigo como se eu estivesse na segunda série e espera que eu compreenda o que ela está dizendo. — Mas eu não posso entrar naquele monstro usando isso.

Ela levanta o pé com salto vermelho em demonstração.

— Eu poderia lhe dar um impulso. — Eu não me importo de ter que agarrar Candice pela cintura fina e basicamente jogá-la no meu caminhão. Pode ser bem legal.

— E então, quando chegarmos à festa e eu pular fora da sua caminhonete, minha saia poderá voar e revelar a cor da minha calcinha. — Ela cruza os braços e balança a cabeça. — Não, Charles. Por favor, apenas dirija meu carro.

Agora é a minha vez de franzir a testa. — Sua saia pode voar tão alto?

— É muito... flutuante. Como as saias que eu usava na aula de dança quando criança. — Ela começa a fazer essa coisa de pular e sua saia começa a se mover. Saltando. — É meio perigoso.

— Não gostaria que ninguém visse sua calcinha. — Eu a provoco enquanto caminha até uma mesa alta que está contra a parede e agarra sua bolsa de prata brilhante.

— Bem, eles podem ver muita pele na verdade também, se você entende o que eu quero dizer. — Suas bochechas ficam vermelhas e ela pega um casaco preto do gancho que fica ao lado da mesa alta e vira, entregando-o para mim. — Você pode me ajudar a colocar isso, por favor?

Não consigo parar de pensar em sua bunda nua, graças ao que ela disse. Eu gostaria de ver. Aposto que é pequena, redonda e firme. Aposto que poderia dar um tapa e a pele saltaria. Não há uma música de rap sobre isso?

Saímos da casa principal dos pais dela, meu olhar colado à saia, hipnotizado pelo balanço do tecido quando ela caminha. Não consigo parar de pensar em como seria a bunda dela e em que cor poderia ser sua calcinha. Eu gostaria que ela nunca tivesse dito isso.

Mas, novamente, eu estou realmente feliz que ela disse.



CANDICE

A festa está em pleno andamento quando Charlie e eu chegamos. É no Lodge em Pebble Beach, que é um dos locais mais impressionantes que já vi. E não digo isso apenas porque moro aqui. Eu viajei muito. Pelo mundo todo. E já vi muitos lugares.

E o lugar onde moro ainda é o mais bonito de todos.

Felizmente, Charlie concordou em dirigir meu Mercedes para a festa. No começo, acho que ele ficou chateado com a minha sugestão. Como se pensasse que eu estaria envergonhada por nós usarmos seu caminhão? Mas não foi nada disso. Eu realmente estava preocupada com minha saia sendo muito saltitante e me fazendo de boba ao sair do caminhão. Meus saltos são super altos também.

Poderia ter sido um desastre. Às vezes, sou um desastre total, por mais que eu tente. Esta noite o evitei completamente, fazendo Charlie dirigir meu carro.

Ele também gostou de dirigir. Foi um pouco rápido enquanto tomava aquelas curvas apertadas no caminho para Pebble Beach, e eu gritei como uma garotinha, o que só o fez rir. Quando você o tira do modo de trabalho, ele fica muito menos irritado, eu notei. É agradável.

Me lembra por que eu tenho essa queda boba, ainda que furiosa, por ele.

Foi por isso que mencionei casualmente minha calcinha para ele. Eu vi o interesse despertar em seu lindo olhar verde. Na maioria das vezes, ele não olha para mim ou me trata como se fosse uma mulher em quem poderia estar interessado. Ele diz algo ocasional que pode ser considerado como flerte, mas estou tão fora do meu jogo que é difícil distinguir se é realmente flerte ou não.

Houve um tempo em que ele agiu como se estivesse prestes a me beijar. Neste mesmo carro, de fato. A noite da nossa primeira iluminação de árvore. Eu juro que ele estava se inclinando, seu olhar preso nos meus lábios...

— Eu nunca estive aqui antes. — Diz Charlie enquanto caminhamos pela entrada no hotel.

— Realmente? E você viveu aqui a vida toda, certo? — Pergunto.

— Exatamente, então não tenho motivos para vir aqui, sabe? — Ele encolhe os ombros, manobrando o carro pela rotatória, o cipreste gigante no centro brilha com o que parece ser cerca de mil pequenas luzes brancas amarradas em seus muitos galhos. — Por que eu iria para um hotel quando já moro aqui?

Já estive em mais do que algumas festas neste hotel. Casamentos. Meu pai joga golfe aqui de vez em quando. Eu comi nos restaurantes aqui, passeei pelas lojas. Não é muito longe de onde moro, o que o torna um local conveniente para minha família, especialmente quando estávamos crescendo.

— É um lugar bonito. — Digo enquanto ele para a alguns metros da entrada. Há uma fila de carros esperando, atendentes do estacionamento os cumprimentando e escoltando as pessoas para fora de seus veículos o mais rápido possível.

— Sofisticado, — Charlie diz enquanto se inclina para a frente, absorvendo todas as luzes. — Este lugar está decorado.

— É assim em toda época de Natal. — Digo a ele, admirando as luzes que serpenteiam em torno das colunas altas da entrada. As luzes brancas alinham-se praticamente em todo o edifício. — Quando eu era pequena, adorava vir aqui.

— Adicionamos mais luzes à fazenda das árvores. — Diz ele, com a voz casual.

— Você adicionou? — Eu me viro para olhá-lo, animada por sua revelação. — Você vai tentar realizar alguns eventos noturnos este ano?

— Talvez. Não sei se teremos tempo. Já é o começo de dezembro, então estamos apertados. — Diz ele.

— Seria uma ótima maneira de ganhar mais exposição. — Digo. — E você também pode promover a loja.

— Isso é exatamente o que Victoria disse. — Seus lábios se curvam no sorriso mais fraco. — Eu aposto que vocês duas se dariam bem.

Hã. Aposto que sim. Então, por que ele não me apresenta a sua irmã?

Nós nos aproximamos da entrada, até que finalmente os atendentes do estacionamento estão abrindo nossas portas, nos ajudando. Charlie

da algum dinheiro a um deles e então ele está me escoltando para o hotel, a majestosa árvore de Natal em pé no centro do saguão pairando na nossa frente quando entramos.

— Eles realmente fazem o Natal em grande estilo, não é? — Ele murmura quando passamos pela árvore. É gigante, pelo menos três metros, talvez mais alto, e há fitas vermelhas e ornamentos de ouro cobrindo quase todos os centímetros quadrados. As luzes brilham e brilham, há canções de Natal tocando no céu e o cheiro fresco de pinheiro me cumprimenta quando passamos.

— Sullivan forneceu essa árvore? — Pergunto a ele enquanto caminhamos pelo corredor em direção à sala onde o evento está sendo realizado.

— Não. Acho que nunca lhes fornecemos uma árvore.

— Talvez você possa tentar mudar isso para o próximo ano. Tenho certeza de que alguém do hotel estará se misturando entre os convidados hoje à noite. Provavelmente algumas pessoas. — Incapaz de resistir, eu seguro meu braço no dele, querendo que pareçamos uma frente unida quando entrarmos na sala. — Haverá muitas pessoas aqui.

— Isso é uma angariação de fundos, certo?

— Sim. — Concordo.

— Beneficiando...? — Ele levanta as sobrancelhas.

— O clube local de meninos e meninas. Eles arrecadam muito dinheiro neste evento e precisam dele. Eu juro que eles lutam todos os anos apenas para chegar ao próximo. — E isso parte meu coração.

— Você fez uma contribuição? — Ele pergunta.

Eu posso dizer que estamos nos aproximando da festa. Eu ouço o tilintar de um piano tocando uma música jazzística de férias, o rugido monótono do que parece centenas de pessoas envolvidas em uma conversa significativa. — Claro. Você fez?

— Eu não pude. Não sabia exatamente quem estava se beneficiando. Mas posso dar uma contribuição depois.

— Isso seria maravilhoso. É por uma boa causa.

Entramos na sala cheia de gente e eu me solto dele enquanto tiro uma taça de champanhe borbulhante da bandeja de um garçom quando ele passa. Posso ver imediatamente que há muitas pessoas aqui esta noite que eu conheço. Amigos dos meus pais. Senhoras da sociedade com as quais tenho contato através do meu trabalho de caridade. Alguns dos foliões são até velhos amigos do ensino médio. E um deles eu costumava...

Oh.

Porcaria.

Eu costumava *sair* com aquele cara.

Com cuidado, tomo minha taça de champanhe enquanto vejo Aaron Bryant conversando com uma mulher que não reconheço. Ela provavelmente tem mais ou menos a nossa idade. Linda. Cabelos loiros pálidos e olhos azuis gelados, usando um vestido preto sem alças. Alta e flexível como uma modelo e um diamante chamativo no dedo. Aaron abaixa a cabeça perto da dela, sussurra algo em seu ouvido, e ela lhe sorri quando ele se afasta, depois pressiona a boca na dele.

Bem. Parece que ela é esposa ou noiva de Aaron. Que adorável para ele.

Virando, vou na direção oposta, drenando a taça de champanhe enquanto caminho. Eu ouço Charlie dizendo meu nome, praticamente o sinto me seguindo, mas não o reconheço. Meus pensamentos são turbulentos quando paro diante de uma mesa cheia de lindas sobremesas. Normalmente, eu ficaria tentada a pegar alguma coisa, mas agora, meu apetite desapareceu completamente.

Eu coloco a culpa em ver Aaron estúpido.

— Hey. — Charlie me toca, sua mão descansando no meu ombro por um breve momento. — Você está bem?

Mantendo minhas costas para ele, viro minha cabeça para o lado, murmurando: — Meu ex está aqui hoje à noite.

Ele se inclina para mais perto. — Quem?

— Meu ex. — Quando ele franze a testa, solto um suspiro irritado. — Ex-namorado. Ele está aqui. Bem, ele está lá. Com uma mulher.

— Oh. — Charlie se levanta mais reto e olha em volta, curiosidade escrita em todo o seu belo rosto. Deus, por que os homens são tão óbvios às vezes? — Onde ele está? Quer que eu chute a bunda dele por você? Chame-o na frente de todos e o humilhe?

Charlie realmente faria isso por mim?

— Não. Por favor, apenas pare. — Eu agarro sua mão, enviando-lhe um olhar implorador. — Você pode apenas… jogar junto comigo aqui? Eu preciso ir falar com ele e acabar com isso.

— Jogar junto com o quê? — Ele está franzindo a testa. A confusão nubla seus lindos olhos verdes, e ele é tão adorável quando não sabe o que está acontecendo. Eu meio que prefiro ele assim sem noção. É definitivamente uma melhoria em relação ao seu comportamento ranzinza típico.

— Apenas… vamos lá. — Eu seguro a mão dele e o forço a andar comigo. Dirijo-me para Aaron e sua companheira, mantendo meus dedos trancados com meu belo companheiro.

Eu realmente espero que ele não estrague tudo.

— Aaron! Oh meu Deus! — Decido me aproximar dele com o elemento surpresa. E adivinha? Funciona. Ele se vira para me olhar com os olhos arregalados, seu olhar se enchendo de choque quando percebe que sou eu.

— Candice. Uau. Faz muito tempo. — Solto a mão de Charlie no momento em que Aaron me puxa para um abraço breve e educado. — Você está incrível. — Diz ele quando nos separamos.

— Obrigada. Você também. — Não é uma mentira. Aaron Bryant é um homem muito atraente. Nós namoramos alguns anos atrás. Foi ele quem terminou comigo. Aquele que achou que eu era chata.

Ele nunca disse essas palavras em voz alta, mas eu sempre tive uma suspeita. — Como você tem passado? — Aaron pergunta.

— Eu tenho estado ótima! — Minha voz é muito brilhante, e Charlie me lança um olhar. Um que diz, *acalme-se, pequena senhorita,* mas é como se eu não pudesse me conter. — Aaron, este é meu namorado, Charles.

— Prazer em conhecê-lo. — Diz Aaron, oferecendo a mão para Charlie apertar, o que eles fazem. Porque eles são homens educados, não selvagens completos.

— Prazer em conhecê-lo também. — Diz Charlie, suas palavras saindo lentamente. Acho que o choquei com a declaração do namorado.

— Esta é minha noiva, Naomi. — Diz Aaron.

A loira gelada sorri, oferecendo uma mão mole para mim, que eu aperto com a mesma moleza em troca. — Como você e Aaron se conhecem? — Ela pergunta.

— Nós éramos... amigos. Costumávamos malhar na mesma academia. — Diz Aaron, subitamente parecendo desconfortável. — Não é, Candice?

Não digo nada a princípio. Estou além de aborrecida, movendo-me para um território irritado. O que, ele não pode dizer que éramos namorados? Em vez disso, ele tem que me fazer parecer uma aberração ansiosa que poderia ter uma queda por ele, mas nunca poderia realmente dizer?

Ou talvez sejam apenas minhas próprias inseguranças aparecendo. Eu preciso me controlar. — Sim. É isso que éramos. — Eu mordo. — Amigos.

— Prazer, sou Charlie o namorado de Candice. Ele enfatiza a palavra namorado, me enviando um olhar ilegível.

Eu decido ignorá-lo. Estou tão irritada com a negação de Aaron que não consigo pensar direito. — Há quanto tempo vocês dois estão juntos? — Aaron pergunta.

Charlie e eu olhamos um para o outro, e posso dizer que ele não será o único a responder. — Quase seis meses. — Eu digo com um sorriso tenso apontado para Aaron. — Embora esse tempo tenha realmente voado.

— Eu posso dizer, querida. — Charlie passa o braço em volta dos meus ombros, me puxando para o lado dele. Ele é sólido e quente, e geralmente eu ficaria emocionada por estar tão apertada por ele, mas agora, tudo em que posso me concentrar é na minha raiva por Aaron. — Estar com você foram os melhores seis meses da minha vida.

Percebendo que preciso jogar, olho para Charlie, descansando minha mão na parede que é seu peito. — Oh, eu concordo. — Eu golpeio meus cílios para ele, e ele aperta os lábios, como se estivesse tentando conter sua risada.

— Você parece feliz, Candice. — Diz Aaron, passando o braço pela cintura de Naomi. — Bom para você.

— Você parece feliz também. — Eu digo, meu sorriso desaparecendo quando Charlie dá um aperto firme no meu ombro. Ele está tentando me sinalizar ou algo assim? — Parabéns pelo seu noivado, vocês dois.

— Obrigado. — Aaron olha para sua noiva, que sorri para ele. — Vamos dar mais uma volta e precisamos sair. Há outra festa que devemos ir.

— Oh, eu entendo perfeitamente. — Eu aceno com a mão para ele, e Aaron me dá um olhar estranho antes que ele e Naomi se afastem lentamente. — Prazer em vê-lo! — Eu praticamente grito atrás deles, mas nem Aaron nem sua noiva dizem outra palavra para nós.

— Você está bem? — Charlie pergunta quando eles se foram. Seu braço desliza para longe dos meus ombros, mas ele mantém a mão no meio das minhas costas, esfregando-a suavemente. Parece muito bom. Aposto que ele sabe exatamente o que fazer com as mãos o tempo todo. — Você parecia muito tensa enquanto conversávamos com eles. Você ainda está tensa. — Ele enfia os dedos profundamente nos meus músculos tensos do pescoço para provar seu argumento.

Eu me afasto do seu toque, virando-me para encará-lo. — Não gostei de como ele me chamou de *amiga* para a noiva dele. O que há de errado em admitir que namorou alguém? Não tenho nada a esconder. Nem ele deveria.

— Exceto pelo fato de que eu não sou realmente seu namorado. — Charlie me lembra agradavelmente.

— Certo. Você está certo. — Um suspiro gigante me deixa e eu pego outra taça de champanhe enquanto um garçom passa. — Acho que preciso de mais algumas bebidas para passar esta noite.

Charlie faz uma careta. — Tem certeza de que é uma boa ideia?

Honestamente? Não sei o que é uma boa ideia. Mas estou começando a pensar que passar tanto tempo com Charlie e tentar ajudá-lo...

Só vai se tornar cada vez mais difícil.



CHARLIE

Algo está incomodando Candice, e não sei exatamente o que é. Quero dizer, eu poderia assumir que tem a ver com encontrar o antigo namorado. E como o idiota disse que eles nunca estiveram juntos e eram apenas amigos - total idiota, mas quem sou eu para julgar? Mas parece mais do que isso.

Ela está quieta. E Candice *nunca* fica quieta. Ela parece triste também, o que é totalmente diferente dela. Ela é sempre otimista. Mesmo quando caiu e teve uma concussão, ela foi amigável. Doce.

Ela é sempre doce, mesmo quando estou sendo idiota.

Não gosto que ela esteja tão quieta. Eu acho isso perturbador. Eu quero perguntar o que há de errado, mas odeio quando as pessoas fazem isso comigo, então tento não ser chato. Eu tive uma namorada assim uma vez. Há muito, muito tempo atrás. Ela sempre assumia que algo estava me incomodando quando eu ficava quieto ou me mantinha sozinho, e ela me incomodava sem parar, constantemente perguntando se eu estava bem.

Depois de um tempo, eu não estava bem, graças a suas perguntas intermináveis.

Mas essa mulher é notícia antiga. Eu quero me concentrar no aqui e agora. Eu quero colocar um sorriso no rosto de Candice.

Eu a provoco um pouco, mas tudo o que consigo é um aceno de cabeça. Nem mesmo o seu revirar de olhos habitual quando ela está comigo. Trago-lhe um prato de aperitivos e ela nem come. Ela continua bebendo champanhe, o que não pode ser bom.

Ela se senta à mesa e conversa com algumas mulheres mais velhas que conhece e me diz para me misturar. Eu realmente não quero fazer isso sozinho, mas posso dizer que ela não está de bom humor, então tento.

E descobri que eu posso lidar com essa coisa de me misturar sozinho decentemente. Eu apenas me aproximo de pequenos grupos de pessoas e ouço a conversa deles, acrescentando minha opinião quando há uma

pausa. Quando me apresento, eles geralmente reconhecem meu nome e os negócios da família imediatamente, o que me agrada.

Você pode ter um negócio em expansão que cresce a cada ano, mas ainda pode parecer que as pessoas não sabem quem você é ou onde está localizado às vezes. Foi bom ter alguma afirmação de que eles sabem que existimos.

Troquei alguns cartões de visita, e brincadeiras com muitas pessoas. Uma mulher em particular parecia muito interessada em mim, se é que você me entende, mas ela não me atraiu.

Tudo o que eu conseguia pensar era em Candice. Ela está bem? Por que ela está tão triste? O que posso fazer para animá-la?

Eu preciso tirá-la daqui, é o que tenho que fazer.

Afastando-me de um grupo de pessoas conversando, vou até a mesa em que Candice ainda está sentada. Ela está sozinha, o que faz meu peito doer, e eu o esfrego, sorrindo para ela quando fazemos contato visual.

Mas ela não sorri em troca. Ela apenas pisca para mim, sua expressão impassível enquanto me aproximo.

— Hey. — Eu paro diretamente na frente dela. Ela inclina a cabeça para trás para encontrar o meu olhar. — Vamos sair daqui.

Ela faz uma careta. — Nós estamos aqui não tem nem uma hora.

— De verdade? — Pego meu telefone do bolso e verifico, mas o tempo não significa nada. Eu não sei exatamente quando chegamos, então...

— Devemos ficar um pouco mais. — Ela me diz, apertando os lábios vermelhos profundos. O batom que ela usa não parece se mexer.

Me pergunto se eu poderia beijá-la.

— Por quê? Você está se divertindo? — Eu envio a ela um olhar aguçado, esperando que minta para mim, que sim, ela está tendo o tempo mais incrível de todos os tempos.

— Não importa se estou me divertindo, Charles. Isso é tudo sobre você. — Ela enfatiza, não caindo na minha armadilha.

— Bem, estou tendo um tempo de merda. Vamos sair daqui. — Eu agarro a parte traseira de sua cadeira e puxo para fora, e ela sobe para

os pés, oscilando um pouco sobre esses saltos extra altos que está usando. Eu agarro seu cotovelo, estabilizando-a, e uma corrente elétrica passa pelo meu braço, irradiando logo abaixo da minha pele e por todo o meu corpo.

Tento ignorá-lo, mas toda vez que nos tocamos isso acontece. Algumas vezes são mais intensas que outras, mas hoje é grande.

Isso me faz perceber que compartilhamos uma atração inegável. E eu não sei o que fazer sobre isso.

Bem. Eu sei. Mas eu... realmente quero fazer isso? Não tenho tempo para um relacionamento. Ela não parece ser um tipo casual de garota.

— Vamos então. — Diz ela, sua voz baixa, seu corpo roçando no meu enquanto ela se afasta e se dirige para a porta.

Eu a sigo, admirando o balanço suave de seus quadris, suas panturrilhas bem torneadas. Ela estava de bom humor quando a peguei na mansão de sua família. Tão feliz e despreocupada.

Saímos do hotel e esperamos o manobrista recuperar o carro, o que leva cinco minutos, se isso. No momento em que estamos presos no Mercedes dela e indo embora comigo atrás do volante, eu mal posso aguentar mais.

E geralmente não sou eu quem quebra primeiro.

— Que diabos, Gaines? Por que você está tão triste? — Viro à direita na entrada do hotel, acelerando rapidamente. A névoa rola, pálida e fina, e sou grato por não ser muito espessa. Eu diminuo a velocidade, não conhecendo esse trecho específico de estrada.

— Você está indo na direção errada. — Ela me diz, evitando minha pergunta.

— Estou levando você para outro lugar. — Olho para ela para ver que está brincando no telefone e nem mesmo prestando atenção em mim. — Bem? Você vai me dizer o que está te incomodando ou não?

Ela levanta a cabeça, olhando fixamente para o para-brisa em vez de olhar para mim. — Prefiro não dizer. — Diz ela com um suspiro.

Eu respeito a privacidade dela e paro de fazer perguntas, mesmo que me chateie por ela não estar confortável o suficiente para compartilhar comigo por que está se sentindo tão triste. E eu sei que ela está pra baixo.

Eu já estive com ela muitas vezes e tenho uma boa leitura do comportamento dela.

Ficamos calados enquanto dirigimos durante a noite, a neblina dando o efeito de que estamos sozinhos na estrada. Eu sei exatamente para onde estamos indo, embora Candice não tenha ideia, e eu realmente espero que ela goste da minha surpresa.

Vinte minutos depois, estamos entrando em uma propriedade da fazenda de árvores. Estaciono no ponto da primeira fila ao lado da entrada e desligo o motor.

— Por que você me trouxe aqui? — Ela pergunta, sua voz suave.

As luzes brancas penduradas de poste a poste ainda estão acesas, dando ao lote um brilho sonhador. Gavinhas de nevoeiro branco se agarram às árvores, e alguém se esqueceu de guardar os sinais, caramba.

Mas isso não importa. Tudo o que eu quero é colocar um sorriso no rosto de Candice. Dar a ela um vislumbre de algo que a deixará de bom humor.

— Eu acho que o lugar é mais bonito à noite, quando ninguém mais está aqui. — Eu digo, olhando pela janela. É verdade. Quando eu era criança, adorava vir aqui à noite, depois que o estacionamento fechava e todas as pessoas tinham ido. Costumávamos pegar as lanternas do meu pai - ele tinha muitas - e correr pelas fileiras de árvores, brincando de esconde-esconde, tentando assustar um ao outro.

Era divertido.

— As luzes são legais. — Ela admite, mordiscando o lábio inferior. Eu não me importaria de saber como é esse lábio.

— Você quer sair? Olhar em volta?

— Vai estar frio. — Ela estremece como se já estivesse lá fora.

— Coloque seu casaco de volta. — Ela o tirou e deixou no banco de trás quando chegamos ao hotel.

— O que você quer fazer lá fora, Charlie? — Ela se vira para mim, sua voz cansada, seus olhos tristes. — Me assediar? Me dizer quão rico você esta até agora nesta temporada, já que você e sua família roubam o dinheiro de todo mundo nessa piada da estação que chamamos de Natal?

Eu me inclino para trás, chocado com a explosão dela. — Eu queria acender o resto das luzes e passear com você. Depois disso, pensei em fazer uma xícara de chocolate quente para você e deixá-la passear pela loja um pouco. Então você poderia escolher algo que deseja como presente.

Ela pisca para mim. Claramente, minha oferta foi inesperada. — Oh.

— Mas se você quiser ir, eu entendo. — É verdade. Eu sei que fui um idiota mais de uma vez. Por que ela iria querer sair comigo? Se estou sendo real comigo mesmo, não tenho sido nada além de irritável com ela a maior parte do tempo. Tenho certeza que ela superou.

Eu afasto muitas pessoas sem querer, às vezes. Acho que remonta à quando eu estava constantemente cercado por minha família e tudo que queria fazer era me afastar deles. Eu gosto de ficar sozinho. Eu gosto da minha rotina.

No entanto, há algo sobre essa mulher... estou começando a desejar passar mais tempo com ela.

Chegando à ignição, estou pronto para dar partida no carro e sair do estacionamento, quando ela coloca a mão no meu antebraço, sinto seus dedos quentes através do tecido da minha camisa. Ela esfrega meu braço, como se não pudesse se conter e esse simples toque ilumina minha pele em chamas.

— Eu não quero ir. — Ela sussurra. — Ainda não. Sinto muito por quebrar, Charlie.

— Está tudo bem. — Eu largo minha mão no meu colo e ela faz o mesmo com a dela. — Diga-me o que há de errado, Candice. Diga-me como posso consertar isso.

— Consertar o quê? — Ela parece genuinamente confusa.

— Seu humor. Você está triste desde que encontramos aquele idiota na festa. Aaron. — Eu faço uma careta, irritado por ele me irritar. Eu não deveria dar a mínima para esse cara. — Ele não vale sua tristeza, você sabe.

— Não é ele que está me deixando triste. Foi o que ele disse. Como se eu não importasse. — Ela abaixa a cabeça, os cabelos caindo na frente do rosto, escondendo-se de mim. — Ele não queria que sua noiva soubesse que éramos um casal, e eu não entendo o porquê. Será que ele

não se orgulha de seu passado? É porque sou tão inútil que parece ruim estarmos juntos? O que é isso? Eu o envergonho?

— Eu tenho certeza que não é nenhuma dessas coisas... — Eu começo, mas ela levanta a cabeça, olhando para mim.

— Poderia ser todas essas coisas. Você não sabe. A maioria das pessoas pensam que eu sou uma piada. Tenho certeza que ele é um dos muitos que acreditam nisso. — Seus olhos brilham com lágrimas não derramadas, e meu peito começa a doer novamente. Doendo por causa de sua dor, e como ela está falando de si mesma.

— Candice...

— Vamos lá, você acha que eu sou uma piada. Eu sou apenas a garota boba que foi estúpida o suficiente para concordar com sua mãe e tentar ajudá-lo. Mas você não quer minha ajuda. Você tem o suficiente acontecendo em sua vida, administrando os negócios da família. Você não tem tempo para lidar comigo. — Ela diz, suas palavras quentes e sem fôlego.

Foi exatamente assim que a vi quando a conheci, quando percebi quem ela era. Uma mulher boba e inútil que estava desperdiçando seu tempo e o meu. E mesmo não nos conhecendo tão bem, eu sei que ela é a coisa mais distante disso.

— Você não é uma piada. — Digo a ela gentilmente. — E eu não acho que você é boba. Nem um pouco.

— Sério? Você não acha? — Ela pisca para mim, aquelas lágrimas agarrando seus cílios, finalmente caindo, e eu estendo a mão, esfregando-as para longe de suas bochechas. A pele dela é macia. Ela é tão bonita.

Sim. Ela definitivamente não é uma piada.

—Não, eu não acho. Você é uma boa pessoa, Candice. Caridosa. Generosa. Amável. — Eu coloco seus cabelos atrás da orelha, meus dedos permanecendo em sua pele. Ela cheira tão bem. — Paciente. Você tem que ser, para me aturar.

Seus lábios se curvam no sorriso mais fraco. — Verdade.

— Ei, isso foi... isso foi um sorriso? — Inclino minha cabeça e olho, fingindo que estou olhando para ela de perto.

Ela balança a cabeça, seu sorriso crescendo. — Pare.

— Não, sério. Você sorriu agora? Sério? — Toco o canto de sua boca curvada, a sensação de seus lábios úmidos fazendo algo comigo.

Me torcendo por dentro.

— Você está tirando sarro de mim agora, Charles? — Ela parece indignada, mas também divertida.

— Talvez. Apenas tentando animá-la. Está funcionando? — Eu traço a curva generosa do lábio inferior com o polegar.

Seu sorriso desaparece, e aqueles grandes olhos castanhos ficam ainda maiores. — Sim.

— Eu tenho me perguntado como esse seu batom ainda está na sua boca. — Eu pressiono meu polegar um pouco mais contra o lábio dela, arrastando-o pela pele. Tentando borrar a cor vermelho rubi, mas ela permanece intacto.

— É para durar o dia todo. — Diz ela, parecendo um comercial de cosméticos. — Garantido doze horas.

— Interessante. — Inclinando-me, eu descanso meus lábios nos dela por um momento. Apenas o suficiente para fazer meu sangue bombear. — Eu tive vontade de fazer isso a noite toda. — Murmuro contra sua boca.

— Fazer o quê? — Ela está sem fôlego, mas não com raiva como antes.

— Isso. — Eu digo, pouco antes de beijá-la de verdade.



CANDICE

Charles Sullivan está me beijando.

Preciso repetir isso, caso não tenha caído a ficha. Mas...

Charles. Sullivan. Está.

Me beijando.

Eu.

E não é surpresa, ele é muito, muito bom nisso. Seus lábios se movem sobre os meus, sua mão grande subindo para cobrir o lado do meu rosto. Sua língua brinca na costura dos meus lábios e abro para ele como se eu não tivesse controle, porque adivinha?

Eu não tenho.

Não.

Tenho controle.

Estou formigando. Meu coração está acelerado. Meu estômago está leve, ou talvez seja o champanhe, já que eu estava com o estômago vazio.

Não importa o que seja, eu *estou* leve. Flutuando como a névoa que está flutuando entre as árvores lá fora. Tudo por causa dos lábios de Charlie nos meus. Sua língua procurando minha boca. Sua mão tocando minha bochecha. A outra mão...

Uau.

Sua outra mão roça a lateral do meu peito e eu termino o beijo, uma expiração trêmula me deixando quando abro meus olhos para encontrá-lo já me olhando, aquele olhar verde surpreendente, aparentemente ainda mais escuro do que o normal.

— Isso foi... legal. — Eu digo, estremecendo com a minha péssima escolha de palavras.

Ele ri, o som profundo e delicioso nos confins próximos do meu carro. — Legal. Essa é uma maneira de colocar as coisas.

— Por que você fez isso?

— Beijar você?

Eu aceno, com medo de sua resposta. É melhor ele não dizer que sentiu pena de mim.

— Fiquei curioso a noite toda, imaginando que gosto você teria. — Ele respira fundo e exala com dificuldade. — Estou curioso desde que te conheci, se estou sendo cem por cento sincero.

Eu realmente gosto quando Charlie é cem por cento sincero. — Eu também estava com essa curiosidade. — Eu admito.

Ele sorri. Eu também gosto quando ele sorri. Ele parece não fazer muito, exceto quando está perto de mim. — Então, nós dois estamos sentindo isso.

— Tem sido meio óbvio, você não acha?

— Eu gosto disso. — Ele assente. — Eu gosto muito disso.

Nós olhamos um para o outro por alguns segundos, e eu começo um caso sério de risadinha. E quando eu começo, não consigo parar. Não sei porque. Talvez porque não posso acreditar que realmente beijei o homem mais bonito que já vi, e ele apenas admitiu que também está curioso. Charlie confessar seus sentimentos é uma surpresa agradável, e eu não posso acreditar que ele está sendo tão aberto comigo esta noite.

Talvez seja todo o champanhe que eu tomei também, mas gosto de pensar que estou rindo porque estou feliz. Feliz com Charlie.

— Por que você está rindo?

— Eu pensei que você queria me ver sorrir. — Eu rio de novo, o que se transforma em mais risadinhas, e tento o meu melhor para contê-las pressionando meus dedos contra a minha boca, mas não adianta. Totalmente não está funcionando.

Eu entrei em um ataque de riso mais uma vez.

— Eu queria. Eu quero. Só quero ter certeza de que você não está rindo de mim, porque eu tenho habilidades ruins de beijar ou o que seja. — Ele realmente parece preocupado.

E essa é a coisa mais doce de todas.

— Você *não* tem habilidades ruins de beijar. — Digo a ele, me inclinando, agora sou eu quem o beija. Eu tento me afastar depois de um, mas ele enterra os dedos nos meus cabelos, me mantendo no lugar, e então estamos nos beijando novamente. E de novo. O interior do carro começa a esquentar e ele faz um gemido baixo, que ressoa no peito e faz tudo dentro de mim apertar. É a coisa mais quente do mundo, e eu estou pensando que *Charlie* é a coisa mais quente do mundo quando ele finalmente se afasta dos meus lábios. Ofegando quando cai de volta no banco do motorista, de frente para o para-brisa.

— Nós embaçamos as janelas. — Ele estende a mão e passa o dedo pela condensação.

— Eu nunca fiz isso antes. — Confesso, incapaz de impedir que a tontura suba dentro de mim. — Você está me transformando em uma garota má, Charlie. Me beijando em carros e embaçando as janelas.

Aquele brilho diabólico ilumina seus olhos e ele sorri para mim. — É meio divertido, não é?

Eu aceno, espantada com a forma como ele virou essa noite completamente para mim.

Ainda não acredito que ele me beijou. Que eu o beijei. Que estamos olhando um para o outro agora como se quiséssemos começar tudo de novo.

Mas ele prometeu um passeio pelas árvores. Chocolate quente. E a chance de fazer compras sem mais ninguém por perto, e poder escolher uma coisa que amo.

— Vamos dar um passeio. — Eu sugiro.

Ele faz uma careta. Puxa o lábio inferior com o polegar e o indicador. Eu gosto disso. É meio sexy. — Você realmente quer?

Concordo com a cabeça novamente e começo a pular no meu assento.

Rindo, ele pega a maçaneta e abre a porta. — Vamos então.

Quando saímos, ele me ajuda a vestir o casaco, tirando o cabelo da gola para não ficar preso. De alguma forma, esse movimento é muito paquerador, e eu sorrio para ele, apenas para que ele se incline e dê um beijo rápido nos meus lábios.

Hmm, eu poderia me acostumar com esse tipo de bom tratamento.

Eu o sigo enquanto ele caminha para o pequeno barracão vermelho, puxando um conjunto de chaves que eu não imaginava que estivesse no bolso e destranca uma caixa de metal presa à parede. Está cheio de interruptores e ele acende alguns deles, mais luzes acendendo. E música.

Sim, música!

Canções de Natal, é claro. Uma versão instrumental de '*Have Yourself a Merry Little Christmas*' ecoa nos alto-falantes e tem essa qualidade antiquada que instantaneamente me faz sentir como se estivesse andando em um shopping à noite, segurando a mão da minha mãe enquanto ela nos levava para o quadra central onde Papai Noel e sua vila cheia de elfos aguardavam.

Lembro das grinaldas penduradas no teto, embrulhadas em fita vermelha e piscando com luzes multicoloridas. Quão empolgada eu estava e meus irmãos também. Como eu mal podia esperar para contar ao Papai Noel o que queria no Natal, e ele me dava uma pequena bengala doces quando terminava.

Um ano, o último ano em que minha mãe esteve conosco durante as férias, lembro de dizer que queria que minha mãe ficasse normal, e ele disse que faria o possível para que isso acontecesse.

Mas ele não podia fazer isso. Minha mãe nunca esteve bem, nunca voltou ao normal. E foi quando eu soube, no fundo, que o Papai Noel não era real.

As lágrimas caem mais uma vez, ouvindo a música assustadoramente bonita, as lembranças agridoces de mim, minha mãe e meus irmãos juntos, tirando meu fôlego. Eu tento enxugar as lágrimas o mais discretamente possível, mas ele me vê.

Claro que sim.

— Ei. — Charlie agarra meu pulso, trazendo minha mão até sua boca, onde ele pressiona um beijo suave nos meus dedos. Há um brilho terno em seu olhar, um que eu nunca vi antes, e me pergunto se é assim que é ser tratada por Charles Sullivan. — O que há de errado? Você está chorando de novo.

— É... não é nada. — Eu tento sorrir, mas um soluço me escapa. — Eu sinto muito. É só... essa música. Ela me lembra de quando era garotinha.

Estou realmente chorando, e Charlie está franzindo a testa. — Eu posso desligar. — Ele oferece, e eu balanço minha cabeça.

— Eu gosto. — Digo com um pequeno soluço.

A expressão duvidosa em seu rosto permanece, mas ele mantém a música. — Victoria foi quem encontrou. Disse que é uma música antiga que eles tocavam em uma discoteca nos anos 70. Ela gostou da vibração à moda antiga, que é o que vamos fazer aqui este ano. Esse é o nosso tema. — Explica ele.

Eu franzo a testa. — Tema?

Assentindo, ele gentilmente enxuga uma lágrima perdida do meu rosto, me fazendo tremer. Eu realmente gosto quando ele me toca. — Vic e mamãe gostam de ter um tema para os lotes de árvores a cada estação. Este ano é um Natal à moda antiga.

— Essa música é perfeita. — Eu fungo, me sentindo boba. Apreciando mais uma vez que ele me disse que não pensa que eu sou. — Isso está me deixando sentimental, só isso.

Sem uma palavra, ele me puxa para seus braços e me envolve no abraço mais fantástico que já experimentei. Meu rosto está pressionado contra seu peito, e posso sentir seu coração batendo. Ele é tão quente e grande e eu me sinto tão protegida em seus braços fortes. Uma mão grande está descansando no meio das minhas costas e a outra está emaranhada no meu cabelo, e fecho meus olhos, absorvendo sua força.

— Quando estiver pronta para falar sobre ela, você pode, ok? Não tente enterrar seus sentimentos profundamente e agir como se tudo estivesse bem. Você está autorizada a sentir, Gaines. E você está autorizada a sentir falta dela. — Ele murmura no meu cabelo. — Especialmente durante as festas.

Se ele está tentando me fazer chorar ainda mais, então ele conseguiu.

Quem sabia que Charlie, o Grinch, realmente tem um coração?

Depois que andamos entre as árvores e Charlie me faz chocolate quente, como prometido, ele abre a loja e me deixa vagar pelo conteúdo do meu coração. Ele me observa por um tempo, eventualmente ficando

entediado, porque o homem sempre tem que estar fazendo alguma coisa, e eu digo a ele que pode ir ao escritório e trabalhar, se precisar.

O alívio em seu rosto era óbvio e ele parte, me deixando sozinha na loja de festas mais feliz do que eu já estive.

Mordiscando um biscoito gigante que ele me deu com o chocolate quente, aproveito todo o tempo que tenho para explorar todos os cantos e recantos deste lugar, e há muitos cantos e recantos. Realmente quero enlouquecer e comprar tudo, mas sei que sou apenas eu sendo gananciosa e não preciso de todas essas coisas.

Eu tenho que escolher algo com cuidado. Algo que me lembrará deste momento, desta noite inteira. Como tudo começou com a promessa, e como eu me esvaziei como um balão, apenas para ser preenchida com algumas palavras doces e beijos de Charlie.

Sorrindo, pego um ornamento de um Papai Noel à moda antiga. Ele está de pé, com as pernas abertas, uma mão no quadril, a outra mão jogando um saco preto por cima do ombro, uma expressão satisfeita no rosto. Sua roupa é feita de veludo vermelho enfeitado com branco e sua barba é branca, e eu o amo.

Mas isso não está certo.

Então eu encontro. Outro ornamento, mas este é um conjunto de asas de anjo branco que são realmente feitas de pequenas penas. Elas são macias ao toque, fofas e delicadas, e me fazem pensar na minha mãe.

Sim. São essas pequenas asas delicadas.

Segurando o enfeite com cuidado, saio da loja e vou pelo corredor curto em direção ao escritório de Charlie. A porta está parcialmente fechada, mas posso ver a luz brilhando por baixo. A música ainda está tocando - há alto-falantes dentro do prédio também, e a excitação faz meus dedos tremerem enquanto estendo a mão livre e empurro a porta lentamente.

Apenas para encontrar Charlie estendido no sofá, dormindo profundamente.

Eu me inclino contra a porta e o observo, sorrindo para mim mesma. Ele está completamente fora. A gravata se foi, os botões superiores da camisa estão desabotoados e os sapatos foram arrancados. Seus pés

estão pendurados na beira do sofá, e acho que ele não pode estar muito confortável, mas deve estar exausto para adormecer assim.

Ele é tão adorável quando dorme. O rosto dele... aposto que era assim que ele era quando menino. Eu gostaria de poder me aconchegar a ele, mas o sofá é estreito, e preciso me controlar. Quero dizer, nós apenas nos beijamos.

O aconchego será para mais tarde.

Não posso deixar de pensar que ele provavelmente é bom para se aconchegar.

Vou até a mesa dele e coloco o enfeite bem no meio. Pego um bloco de notas Post-it e escrevo uma mensagem rápida.

Este é o ornamento que eu quero. Obrigada Charlie.

Mordiscando a ponta da caneta, eu franzo a testa. Isso parece tão... plano. E como devo assinar?

Amor, Candice?

Isso é rápido demais.

Devo apenas dizer...

Obrigado, Candice?

Isso é muito informal.

Talvez apenas... *Candice* então?

Chato.

Oooh, já sei. Arranco a primeira nota, amasso e a jogo na lata de lixo próxima, depois começo tudo de novo.

Esse ornamento me faz pensar na minha mãe. Obrigado Charlie. Por tudo.

xo,

Candice

Sorrio, retiro o Post-it e o deixo em sua mesa, depois arrumo o enfeite para cobrir parte dele. Vejo a gravata que pertence ao meu pai, há muito esquecida no canto da mesa e a agarro, aninhando-a no bolso do casaco.

Meu carro está estacionado do lado de fora e as chaves ainda estão dentro dele. Decidindo que posso simplesmente ir embora e deixá-lo aqui, vou para o sofá e me inclino, pressionando um beijo suave no topo de sua cabeça. Bem em cima daquele seu cabelo glorioso e bagunçado.

Então eu saio furtivamente, fechando as portas duplas da loja com cuidado, satisfeita quando elas trancam no lugar. Vou para o galpão perto da entrada e abro a caixa de metal, desligando todos os interruptores que ele ligou. As luzes se apagam, assim como a música, exceto pelo conjunto de luzes brancas que sempre devem permanecer acesas.

Há umidade no ar, o nevoeiro gira e eu respiro profundamente, o perfume do Natal ao meu redor. Foi uma noite boa.

Em questão de minutos, estou no carro, o aquecedor funcionando, o sistema de som a todo vapor enquanto canto junto com Mariah Carey '*All I want for Christmas is you'*.

Hmm. Eu acho que talvez essa seja minha nova música tema.

19

— Tenho uma confissão. — Suspiro alegremente enquanto me sento no assento vazio em frente a Sarah. Estamos nos reunindo para o almoço, e parece que faz uma eternidade desde que a vi. — Acho que estou apaixonada.

— Bem, olá para você também. — Diz ela, as sobrancelhas levantadas. — E por quem você está apaixonada?

Outro suspiro feliz me escapa. Passei o máximo de tempo possível com Charlie nos últimos dias, o que não foi suficiente para o meu gosto, mas sei que ele é extremamente ocupado. E sabe o que? Eu também. Eu tenho trabalhado duro nos dois eventos de caridade pelos quais sou semi-responsável, incluindo o evento do conselho de artes, que é no próximo sábado à noite. Também convenci Charlie a me acompanhar ao Natal da Flauta há alguns dias, e ele relutantemente concordou em ir.

E então tive o melhor momento de todos os tempos, porque é realmente muito divertido, então leve isso, meus amigos.

— Candice, me responda. Você está me assustando. — Sarah diz, batendo com o punho suavemente sobre a mesa entre nós.

Estamos nos reunindo para almoçar no Sweet Dreams, e eu esperava que Stella estivesse aqui, para que também soubesse que estou apaixonada, mas, infelizmente, não a vejo atrás do balcão.

— É por Charlie, boba. — Eu rio, olhando para a longa fila de pessoas ansiosas para pedir sua comida. O Sweet Dreams está muito cheio, como de costume. — Você já almoçou?

— Estou esperando eles chamarem meu nome. E, felizmente, pedi uma coisa para você também. — Sarah diz, sorrindo para mim.

— Ah, você não precisava fazer isso. — Ela não é a mais doce? Jared realmente pedirá que ela se case com ele em breve.

— Conversar sobre o almoço é chato. Vamos ao que interessa. — Sarah se inclina sobre a mesa, com a voz baixa. — Então você está realmente dizendo que está apaixonada por Charlie? Isso aconteceu... rápido.

— Eu não estou *realmente* apaixonada por ele. — Eu digo, embora possa estar mentindo. — Eu estou apenas... massivamente na dele. Ele é tão divertido e tão atencioso.

Sarah está carrancuda. — Divertido? Atencioso? Tem certeza de que esse é o mesmo cara que você falou uns dias atrás?

Eu aceno, de repente percebendo que há uma xícara de café para viagem na minha frente, e eu trago para os meus lábios, tomando um golinho. Ah. Gengibre. — Eu sei o que Eleanor disse sobre ele. E eu sei o que disse sobre ele também. Mas, Sarah, ele é realmente tão doce.

— Doce como seu irmão?

— Jared não é doce. — Eu faço uma careta, imaginando Jared agindo como Charlie quando está comigo.

Ai credo.

— Ele é sim. Quando ele está comigo. Acho que o seu Sr. Rabugento é da mesma maneira. — Sarah sorri, parecendo satisfeita consigo mesma.

Sr. Rabugento. Essa é boa.

Eu lanço todas as maravilhosas qualidades de Charlie, e como ele foi incrível para mim no último sábado à noite, e como este fim de semana é o evento do conselho de artes e provavelmente testará nosso novo e delicado relacionamento, mas estou pronta para o desafio.

— Jared e eu vamos, é claro. — O sorriso de Sarah é sorrateiro. — Mal posso esperar para conhecermos o seu novo amor.

— Oh, Deus. — Eu gemo, balançando a cabeça. — Eu não quero que Jared o encontre ainda.

— Por que não? Eles provavelmente vão se dar muito bem. — diz Sarah. — Eles são muito... parecidos.

O problema? Não quero que Charlie enlouqueça, pensando que o que está acontecendo entre nós é sério e está acontecendo rápido demais. Embora pareça sério e como se estivesse acontecendo rápido demais, não estou chateada com isso.

De modo nenhum.

Charlie pode estar, no entanto, se ele tiver conhecimento.

Lembra como eu disse que gosto de Charlie sem noção? Eu acho que ele pode estar agora. Ele está apenas indo para o passeio, se divertindo, ao que parece.

Enquanto estou aqui escaneando o Pinterest à noite antes de dormir, me perguntando se seria legal ou ridículo ter nosso casamento na fazenda de árvores no próximo Natal.

Sim, claramente estou totalmente apressada.

— Charlie não vai fugir se ele perceber que sua família vai estar lá, vai? — Sarah pergunta quando eu não disse nada.

— Não, ele não faria isso. Além disso, toda a família Sullivan estará lá, menos sua irmã mais nova. Eles estão fornecendo um monte de árvores lindas para nossas decorações de entrada. — Eu digo.

— Ooh, agora isso parece sério. Então você vai conhecer o resto da família dele? Você está nervosa? — Sarah pergunta.

— Eu não estava, mas agora estou. — Tomo outro gole, depois ouço um dos baristas chamar o nome de Sarah. — Eu vou pegar nossa comida.

Depois de me acomodar e de comermos nossos sanduíches, pergunto a Sarah: — Você realmente acha que pode ser sério que eu esteja conhecendo a família dele no sábado à noite?

— Ele já mencionou isso para você?

Concordo, mastigando uma batata frita caseira. Estou tão feliz que eles não nos dão muitas no prato. Eu comeria cada uma. É como se eu não pudesse parar. — Eu conheci a mãe dele, mas não o irmão, pai ou irmãs. Ele disse que gostariam de me conhecer.

— Significa que ele está falando sobre você com eles. — Ela aponta para mim com uma batata. — Esse é um bom sinal.

— Você realmente pensa assim? — Quanto mais eu me pergunto, mais nervosa fico. Isso não é bom. Eu preciso ficar calma e legal. Merda, eu vou estar tão ocupada naquela noite, certificando-me de que tudo corra bem, que não sei se terei a sorte de ter uma pausa para o banheiro, muito menos conversar com a família de Charlie.

— Definitivamente. — Ela coloca o sanduíche na mesa. — Vocês... — Ela levanta as sobrancelhas para cima e para baixo repetidamente.

— Não, não, não. — Eu balanço minha cabeça com veemência, envergonhada. — Eu não estou pronta para isso.

— Mas supostamente você está apaixonada por ele?

— Eu posso estar meio apaixonada e não ter feito sexo com ele ainda. — Digo a ela, parecendo uma donzela.

— Claro, mas você tem que testar o carro antes de fazer a compra. — Ela ri, certamente com o olhar chocado no meu rosto. — Eu ouvi essa frase de *Sex and the City*. Está preso no meu cérebro desde então.

— Quero dizer, é claro que acabarei testando o carro, mas agora estou perfeitamente feliz em admirá-lo à distância. — Digo.

— Significa que vocês dois nem se beijaram ainda? — Agora Sarah parece positivamente chocada.

— Sim, é claro que beijamos. — Minhas bochechas estão quentes. Não estou acostumada a conversar sobre isso com ninguém, e elas são tão abertas uma com a outra no grupo de amigas. — Ele é muito bom nisso também.

— Ah, é?

Eu concordo. Enfio meu sanduíche na boca para não dizer mais nada que possa me envergonhar ainda mais.

Conversamos um pouco, a tal ponto que me preocupo com Sarah chegar atrasada ao trabalho e, quando ela finalmente sai, permaneço sentada, puxando meu telefone da bolsa para que eu possa verificar se tenho alguma notificação.

Ah, oh. Eu tenho. Tenho vários textos de Joyce, minha parceira no comitê de decoração do nosso próximo evento. Até algumas chamadas perdidas dela também.

Estranho.

Abrindo meu telefone, deslizo sobre seus textos, minha ansiedade aumentando com cada um que eu leio.

Por favor me ligue.

Me liga.

Ou mande uma mensagem de volta.

Assim que você receber esta mensagem.

Candice.

CANDICE!

É imperativo que você me ligue imediatamente.

MEU DEUS CANDICE, ONDE VOCÊ ESTÁ?

Não me incomodo em ouvir o correio de voz que ela me deixou quinze minutos atrás. Eu a chamo do jeito certo, odiando o pânico que faz meu peito apertar.

— Oh graças a Deus, Candice, você está aí! Temos uma emergência! — Ela diz, sua voz aguda e um pouco estridente.

— O que há de errado? — Se for algo pequeno, eu posso me perder. Os textos da mulher quase me deram um ataque cardíaco.

— O lugar em que faremos a festa no sábado à noite?

— Sim?

— Nós não podemos fazer lá.

Eu respiro fundo. — Por que não?

— Inundou ontem à noite. Quase tudo está destruído, e levará semanas para que eles limpem tudo e substituam o tapete, alguns dos móveis. A mulher que administra o local ficou tão perturbada que pediu desculpas quando me avisou que precisavam cancelar. — Explica Joyce.

— Eles tiveram que cancelar todo mundo? — Oh meu Deus, onde vamos fazer essa festa? Todos os outros lugares estão reservados durante toda a temporada. E tenho certeza de que as organizações que estavam usando as instalações que reservamos um ano atrás estão caçando, assim como estaremos.

Ou seja, nossas chances não parecem tão boas.

— Claro. Candice, o salão está completamente inutilizável, assim como os outros salões que eles alugam. Estive olhando a lista telefônica, fazendo algumas ligações, mas todo mundo diz que está reservado.

Eu amo que ela esteja usando a lista telefônica. Eu não sabia que eles ainda faziam isso. — Todos estão lotados porque todo mundo fez

seus depósitos há muito tempo. Esta é a época mais movimentada do ano. — Explico, como se ela não tivesse ideia. Mas eu sei que ela também sabe disso.

Eu estou apenas... porcaria. Não sei o que vamos fazer.

— Eu sei! Eu só estava esperando um cancelamento de última hora em algum lugar. Poderia acontecer.

— Talvez. — Minha voz está cheia de dúvida.

— Eu apenas... eu não posso acreditar que estamos tendo que lidar com isso. Fale sobre um desastre. Você acha que teremos que cancelar o evento? — Pergunta Joyce.

— Não. — Eu balanço minha cabeça, percebendo rapidamente que ela não pode me ver fazer isso. — De jeito nenhum estamos cancelando. Podemos conseguir algo.

— Espero que sim. — Mas a dúvida na voz de Joyce é clara. Ela não acha que podemos fazer isso. Eu preciso provar a ela, a todos, que podemos definitivamente fazer isso.

— Eu acho que tenho um plano. — Digo a ela.

Eu estou mentindo. Não tenho um plano. Mas estou tentando tranquilizá-la antes que ela se perca. E se ela se perder, eu definitivamente estou *me* perdendo.

— Você tem? Oh querida, isso é um alívio. Posso deixá-lo em suas mãos então?

— Absolutamente. — Pareço muito mais confiante do que me sinto. — Vou encontrar um local até o final do dia. — Estremecendo, percebo que isso é em menos de quatro horas, se estamos nos referindo ao horário de trabalho. — Ou talvez até amanhã. Sim, me dê até amanhã de manhã.

— Amanhã é terça-feira, Candice. A festa é sábado à noite. — Ela me lembra, sua voz agora cheia de ainda mais dúvidas.

— Eu sei. — Digo. — Eu tenho isso.

— Maravilhoso. Eu sei que posso contar com você, Candice. Você sempre sabe o que está fazendo, o que deseja. E você sempre se certifica e vai atrás disso com tudo o que tem. — Diz Joyce.

Ah, suas palavras são tão doces.

Mas não posso ficar com elogios doces agora. Eu tenho coisas para fazer e porcaria para lidar.

— Certifique-se de me manter informada e, assim que ouvir algo sobre um novo local, diga-me. — Continua Joyce. — Podemos então começar a espalhar a notícia e deixar todos saberem.

— Eu vou mantê-la informada.

Termino a ligação, deixando o pânico encher meu peito completamente, a ponto de parecer que pode explodir com pressão. Eu não posso fazer isso. Eu não vou ser capaz de encontrar algo no tempo, e então nós *realmente* vamos ter que cancelar o evento, e ele vai acabar antes mesmo de começar.

Não posso deixar isso acontecer. Mas o que mais eu posso fazer?

Eu decido alcançar aqueles que estão mais próximos de mim.

Primeiro eu ligo para o meu pai. Surpreendentemente, ele atende no primeiro toque. — Papai! Eu preciso de um favor.

— Não, eu não posso ajudá-la agora.

Começo a rir, apesar da minha crescente ansiedade. Essa resposta é tão parecido com Charles, é estranho. — Você nem ouviu o que tenho a dizer ainda.

— Eu sei que não vou poder ajudá-la, querida. Eu pensei que era melhor se te dissesse imediatamente.

Ignorando-o, início a minha explicação, mas quando termino, percebo que ele estava certo. Ele não pode me ajudar. Atualmente, ele está fora da cidade participando de inúmeras reuniões. Eu tive sorte o suficiente em pegá-lo durante o almoço.

Ligo para Mitzi, que conhece mais senhoras da sociedade do que eu. Ela disse que iria direto ao assunto e faria algumas ligações, mas tenho a sensação de que ela não chegará a lugar algum.

Jared é o próximo, e depois que ele termina de latir para mim - ele odeia quando eu o interrompo no trabalho, mas sempre atende minhas ligações, então a culpa é dele - ele me diz que não conhece

ninguém com acesso a uma sala gigante que pode acomodar mais de quinhentos convidados.

Sarah é meu último recurso, e ela atende o telefone, o que me surpreende, considerando que está no trabalho e não parece que sua chefe os permita usar seus telefones ao longo do dia.

— Deixe-me perguntar a Caroline. — Diz Sarah quando eu termino minha explicação.

— O que você quer dizer com Caroline?

— Lembra do namorado dela? A família de Alex é dona do Wilder Hotel Corp. A localização de Pebble Beach poderia ter algo disponível. — Diz ela.

— Você está falando sério? — Eu praticamente grito no meu telefone. — Oh meu Deus, por favor, pergunte a ela agora! Depressa!

— Está bem. Eu ligo para você em um minuto. — Ela termina a ligação antes que possa dizer outra palavra.

Mas ela me liga de volta em menos de dez minutos com más notícias.

— Sinto muito, Candice. Eles estão cheios. Reservado durante o resto da temporada de férias. Caroline disse que Alex disse que eles têm uma pequena sala de conferências que pode acomodar apenas cinquenta pessoas, e é isso. E está disponível neste sábado à tarde, dá uma às cinco. — Explica Sarah.

A decepção me enche, e eu deito minha cabeça na mesa, minha testa pressionada contra a madeira enquanto fecho meus olhos. — Porra. — Eu sussurro.

— Candice, você acabou de xingar? — Sarah parece chocada.

— Sim, na verdade eu fiz, e vou começar a xingar muito mais se não conseguir descobrir onde fazer essa festa estúpida. — Ergo a cabeça e olho ao redor do café. Está começando a esvaziar, a maioria da multidão do almoço se foi, e percebo que preciso parar de fazer um espetáculo. As pessoas podem começar a perceber.

— Escute, eu tenho que voltar ao trabalho, mas não se preocupe. Você fará isso funcionar. Vou perguntar a minha chefe se ela sabe de algum lugar aberto. — Diz Sarah.

— Muito obrigado, Sarah. Agradeço por perguntar por aí.

Terminamos a ligação e olho para todos que ainda estão no café. A maioria deles parece feliz. Alguns deles até têm sorrisos no rosto. É um dia ensolarado e brilhante, apesar de estar terrivelmente frio, e há música tocando nos alto-falantes. Taylor Swift assassinando a música 'Last Christmas'.

George Michael cantou muito melhor. Uma música tão triste.

Mas eu me recuso a ficar triste. Este ano, este Natal, será o melhor de todos os tempos.

Tem que ser.



CHARLIE

Estou na loja atrás do balcão, conversando com minha irmã quando sinto uma mudança no ar. Olhando para cima, olho em volta, todos os cabelos na parte de trás do meu pescoço em pé.

E é quando eu a vejo. *Candice*.

Ela acabou de atravessar as portas, vestindo um casaco preto com um lenço xadrez vermelho, branco e verde em volta do pescoço, e ela está mais triste do que eu já a vi.

Mais triste do que na noite de sábado passado, quando aquele imbecil do ex-namorado dela a fez se sentir uma merda. Dou uma olhada em seu rosto, como seus ombros caem como se ela estivesse completamente derrotada, e me afasto do balcão no meio da conversa com Victoria, indo em direção a Candice como se não pudesse me conter.

— Ei. — Eu gentilmente agarro seu cotovelo, e ela se vira, alívio gravado em seu rosto quando me vê. — Você está bem?

— Não. Não estou. — Ela balança a cabeça e se joga em mim, pressionando o rosto no meu peito. — Foi um dia terrível. — Diz ela, suas palavras abafadas contra a minha camisa de flanela.

Eu seguro a parte de trás de sua cabeça, alisando seus cabelos. — Diga-me o que aconteceu.

— Eu apenas... eu não sei o que fazer. O prédio inundou e não há outro lugar para a festa. Está tudo arruinado e vou parecer um fracasso. — Ela agarra meus ombros com as duas mãos, agarrando-se a mim.

Não tenho ideia do que ela está falando. Ela não está fazendo muito sentido. — Quer ir para o meu escritório e falar sobre isso? — Eu murmuro em seus cabelos.

Ela levanta a cabeça para longe de mim, assentindo e fungando, como se estivesse à beira de chorar. E essa é a última coisa que quero ver. Suas lágrimas quase me destroem.

Estamos indo para o meu escritório quando Victoria fica na nossa frente, parando nosso progresso. Ela está sorrindo amplamente, parecendo meio esquisita, na verdade, e a curiosidade em seu olhar consciente é óbvia.

Minha irmãzinha quer que eu a apresente a Candice.

— Charlie, quem é sua amiga? — Victoria pisca para mim, uma imagem de pura inocência. Confie em mim, é pura besteira.

Eu decido manter isso curto. — Victoria, essa é Candice. Candice, esta é minha irmã. — Eu envio a Vic um olhar, esperando que ela possa ler '*Agora não é hora de apresentações e conversa fiada pelos próximos dez minutos'.* Minha garota está sofrendo e precisa descarregar todos os seus problemas em mim.

Espere um minuto.

Acabei de chamar Candice de *minha garota?* Talvez eu esteja me adiantando.

— Oh meu Deus. — Candice diz, sorrindo tão largo que eu juro que ela pode se machucar. — É *tão* bom finalmente conhecê-la.

Ela abraça Victoria com força, e agora é minha irmã que me olha por cima do ombro de Candice. Algo que diz: *qual é o negócio dessa garota?*

Eu digo de volta para ela, *seja legal.*

— Vocês se parecem. — Candice diz, uma vez que ela libera Victoria, seu olhar vai de mim para Vic algumas vezes. — Seus olhos não são verdes, no entanto. — Diz ela à minha irmã.

— Isso é porque eles são castanhos. — Victoria ri. — Ele é o único de todos nós com os olhos verdes.

— Não diga isso a Russ. Ele vai negar. — Digo brincando, fazendo Victoria rir mais e começar uma história sobre nosso irmão mais novo. Ele é um pé no saco, mas sempre aquele com as melhores histórias.

Candice aperta as mãos na frente do peito quando Victoria termina de falar, o olhar expectante em seu rosto muito bonito, mesmo que eu secretamente pense que ela está fazendo um grande negócio do nada. — Estou tão feliz por conhecê-la, Victoria. Eu estava ansiosa para passarmos mais tempo juntas na festa no sábado à noite, mas agora que isso não vai acontecer, precisamos nos reunir de outro modo.

E assim, o humor de Candice muda de feliz para triste. — Que festa? — Victoria pergunta. — A angariação de fundos do conselho de artes?

Candice assente. — Nós vamos ter que cancelar. O prédio onde deveria ser a festa, está inundado desde a noite passada. Está completamente inutilizável. E não há mais nada disponível nesta época do ano. Você sabe como é.

Então era disso que ela estava falando. A inundação, a festa. Tudo faz sentido agora.

— Oh não, isso é terrível. A festa de Natal anual não é uma das maiores arrecadadoras de fundos do ano? — Victoria agora também está triste. Eu não sabia que a festa do conselho de artes era um grande negócio.

— Sim, é. Também estou no conselho, encarregada do comitê de decoração. Sua família iria fornecer árvores para o evento. Ficaria tão legal as árvores alinhadas dos dois lados da entrada, como se você estivesse entrando em uma floresta. — Candice balança a cabeça. — Acho que isso não vai acontecer, afinal. Preciso contar para sua mãe, Charles.

As sobrancelhas de Victoria se erguem com o uso de *Charles* por Candice. Não deixo mais ninguém me chamar assim. Nem mesmo minha avó, e eu amo essa mulher mais do que qualquer outra pessoa no mundo.

— Eu vou informá-la. — Tranquilizo Candice, agarrando seu cotovelo mais uma vez para que eu possa guiá-la para longe de Victoria e pelo corredor até o meu escritório. — Voltaremos em alguns minutos, Vic.

— Foi um prazer conhecê-la. — Diz Candice, sempre tão educada.

Victoria nos assiste ir embora, um olhar atordoado em seu rosto, e eu me pergunto o porquê. Mas não posso me preocupar com minha irmã agora. Eu preciso ajudar Candice. Deixá-la falar, me dizer exatamente o que aconteceu e ver se eu posso ajudá-la.

Mas estamos no meu escritório, sozinhos por apenas alguns minutos, antes que a porta se abra e Victoria entre, acomodando-se na beira da minha mesa e encarando Candice.

— Acho que sei como podemos ajudá-la. — Diz ela, me olhando rapidamente por cima do ombro antes de voltar sua atenção para Candice.

— O que você quer dizer? — Há um brilho nos olhos de Candice que eu não gosto. Isso significa que ela está tão perto de se perder, e ela apenas começou a me dizer como ninguém que ela conhece pode encontrar um lugar para fazer essa festa antes de Victoria entrar.

— Eu sei onde você pode dar sua festa neste sábado à noite. — Victoria hesita por apenas um momento antes de anunciar: — Aqui!

— O que? *Verdade*? — Candice grita ao mesmo tempo em que digo: — Absolutamente não.

Ambas estão olhando para mim agora.

— O que? É uma péssima ideia. — Digo, tentando ao máximo ignorar o olhar magoado no rosto de Candice, mas vamos lá. — Nós estamos administrando um negócio aqui, Vic. Sábado será um dos nossos dias mais movimentados.

— Você sempre diz que é um dos dias mais movimentados. — Aponta Candice.

— Sim, sempre. — Victoria concorda.

Ótimo. Agora as duas estão se juntando contra mim.

— Escute, sejamos razoáveis. Não vai funcionar. — Eu digo, tentando manter a calma. Não preciso entrar no modo rabugento. Estou tentando ser melhor com Candice e, embora queira ajudá-la, isso parece um pesadelo. — Quando teremos tempo para organizar? E a instalação só interferirá com nossos clientes por aqui procurando suas árvores, suas grinaldas, comprando porcaria na loja. Só temos alguns sábados até o dia de Natal. Não podemos perder nem uma hora.

— Você não será o responsável pela montagem, Charles. Eu tenho uma equipe que poderia entrar e fazer isso. E na verdade, dificilmente precisaremos fazer alguma coisa, considerando que já é tão festivo aqui. As luzes, as árvores, a música. — Candice sorri, e posso dizer que ela está tentando conter sua excitação pela maneira como sua bunda está balançando na cadeira. — É a solução perfeita, Victoria! Eu concordo totalmente.

O olhar expectante em seus rostos me faz sentir mal pelo que estou prestes a dizer, mas tenho que dizer de qualquer maneira. — Não faz sentido para nós fazer isso, Candice. Sinto muito, quero ajudar você e o conselho de artes, mas não podemos ter a festa aqui. — Mantenho minha

voz calma, adiciono um sorriso sombrio ao final da minha declaração, mas isso realmente não importa.

Há fogo nos olhos de Candice. Mais do que isso, há decepção. Tanto que eu tenho que desviar o olhar dela. Victoria é sábia o suficiente para sair do meu escritório sem outra palavra, deixando Candice e eu em paz.

— Você não quer me ajudar.

— Não é que eu não queira, não posso. Esse é o meu negócio. A temporada de Natal representa quase oitenta por cento do nosso lucro bruto durante todo o ano. Se não ganharmos agora, estamos ferrados.

— Então, o seu negócio sempre vem em primeiro lugar. — Ela bufa, o brilho reaparece em seus olhos.

— Tem que ser. Não é apenas meu negócio, é da minha família também. Temos que cuidar um do outro e colocar esse negócio em primeiro lugar. Acima de tudo.

— Até uma causa de caridade? Sem esse evento, o conselho de artes perderá uma parte considerável de seu dinheiro para arrecadar fundos. Perdê-lo causará sérios danos ao futuro da caridade. — Explica ela.

Eu sei que o que ela diz faz sentido, mas ter o evento aqui sem rodeios não faz sentido. Não para mim.

— Essa é exatamente a oportunidade que sua mãe estava procurando para divulgar o nome Sullivan e informar a comunidade que vocês desejam oferecer seu apoio. Qual a melhor maneira do que sediar o evento no seu local de trabalho?

Ela é boa, eu vou dar isso a ela. Não é de se admirar por que se voluntaria para tantas instituições de caridade. Ela me deixou meio convencido de que é uma boa ideia fazer a festa aqui, afinal.

— Posso pensar sobre isso? — Recosto na cadeira, contemplando-a.

— É claro. — Ela sorri, triunfo preenchendo seu olhar.

Pequena sorrateira, pensando que já tinha me convencido.

— A que horas a festa deveria começar?

— Começa às sete e termina às onze. — Ela descansa as mãos no colo, sua expressão calma. Como se estivesse pronta para entrar em negociações profundas comigo.

— Quantas pessoas?

— No ano passado, tivemos cerca de quatrocentos presentes. Este ano, esperamos quinhentos.

Jesus. Isso é muita gente.

— A loja teria que ser fechada. — Eu acaricio meu queixo, puxo meu lábio inferior. Faço muito isso quando penso. — Não podemos tê-los circulando pela mercadoria.

— Claro que não. — Ela ainda está calma. Não pula na cadeira como costuma fazer.

— Onde você arrumaria tudo?

— Podemos ir lá fora para eu te mostrar?

Eu franzo a testa. — Você quer fazer lá fora?

— Onde mais o teríamos, Charles? Lá fora faz mais sentido. Mas eu tenho um plano. — Ela se levanta. — Vamos. Vamos lá fora e eu mostro a você.



CANDICE

Eu me recuso a ficar animada. Eu preciso manter a calma. A lógica. Se eu disser demais ou fazer sugestões exageradas, Charlie encerrará meus planos. Não o conheço há muito tempo, mas acho que comecei a descobri-lo um pouco.

Estamos do lado de fora e estou apontando para onde acho pode ser a festa. Ele acena com a cabeça para tudo o que eu digo, até faz alguns comentários e oferece alguns conselhos. Minha maior preocupação é a comida. Não servimos uma refeição completa no evento; nós nunca fazemos isso. Temos uma grande variedade de aperitivos quentes e frios, um bar completo e sempre há uma sobremesa especial apresentada durante a última hora para encerrar a noite, é uma tradição que não quero quebrar, porque as tradições são importantes.

Especialmente durante a temporada de férias.

Pode ser difícil fazer isso sem uma cozinha ou, pelo menos, algum tipo de posto de abastecimento onde os funcionários possam preparar a comida.

Mas acho que podemos fazer funcionar.

— Esta é a ideia mais insana de todos os tempos. — Charlie está parado no meio da área gramada, onde eu quero que tudo aconteça. A loja fica atrás dele, o galpão do caixa fica à direita, perto do campo de árvores, e o galpão fica à nossa esquerda, mais perto da entrada.

É como um quadrado, e com a maneira como as luzes se cruzam sobre nós, penduradas nos postes que cobrem toda a área, e algumas árvores vivas gigantes por perto que claramente não estão à venda, considerando seu tamanho, é o local perfeito.

— Poderia funcionar, e você sabe disso.

Ele repousa as mãos nos quadris, examinando a terra como o fazendeiro que é. A brisa bagunça seu cabelo, ele tem uma mecha ao longo de sua mandíbula, e está tão bonito que me deixa sem fôlego.

— Nós temos apenas cinco dias para fazermos que isso aconteça. — Ele diz, e eu amo que diga *nós*. — E hoje está praticamente acabado.

— Você ficaria surpreso com o que eu posso fazer em quatro dias. — Digo com muito mais confiança do que sinto.

Ele sorri, na verdade ele está rindo. E é a coisa mais sexy que já vi. — Eu vi você em ação, Gaines. Eu sei o que você pode fazer com algumas horas, e é impressionante pra caralho.

Eu nem me importo que ele tenha usado um palavrão tão forte. Estou sorrindo radiante de orelha a orelha pelo elogio dele.

— Ouvi dizer que haverá uma festa aqui! — Nós dois nos viramos para ver Isabel vindo em nossa direção, Victoria seguindo atrás.

Charlie geme, e eu não posso deixar de sorrir.

O homem agora está completamente em menor número. Pobre coitado.

— Vic ligou para você? — Charlie pergunta para sua mãe quando ela se aproxima dele, dando-lhe um rápido beijo na bochecha.

— Claro que sim. — Isabel responde. — E quando ela me disse o que Candice quer que façamos, eu sabia que era uma ideia maravilhosa.

— É uma péssima ideia. — Diz ele irritado, e eu quase quero rir. Ele é tão fofo quando está ranzinza.

— Nós vamos fazer isso funcionar. — Isabel se vira para mim, seu olhar avaliando. Como se ela pudesse ver através de mim. Ela sabe que eu tenho sentimentos por seu filho? Será que ela vai pensar que eu sou louca por me apaixonar por ele tão rapidamente?

Talvez.

Mas essa é a chance que eu vou ter.

— O que você acha? — Isabel me pergunta. — Você pode fazer isso acontecer e ficar fora do caminho de Charlie?

Ele faz um barulho, como um rosnado, mas eu não me viro para olha-lo.

— Acho que podemos, mas não quero fazer isso se Charlie não estiver a bordo. Não quero interferir nos seus negócios. — Digo solenemente, juntando as mãos. — Quero que isso beneficie o conselho de artes e a fazenda de árvores Sullivan.

— Charlie. O que você acha? — Isabel pergunta a ele.

Ele respira fundo, exalando lentamente, e eu finalmente arrisco um olhar para ele para descobrir que já está me olhando. Seus olhos têm um brilho neles, não o familiar diabólico desta vez. Há algo mais lá. Uma emoção desconhecida em suas profundezas verdes.

— Vamos em frente e faça. — Ele finalmente diz.

As palavras mal saem da boca dele e eu já estou correndo em sua direção, pulando em seus braços. É claro que ele me pega, e eu sorrio para ele, formigando da cabeça aos pés quando sinto aquelas grandes mãos dele agarrando minha bunda com firmeza. — Obrigado, obrigado, obrigado. — Eu sussurro.

Pouco antes de beijá-lo.

Duas horas depois e estamos sentados no escritório de Charlie, com música tocando ao fundo - mais músicas de Natal, embora todas sejam modernas hoje à noite - e eu estou enrolada no sofá, desenhando diagramas em um bloco de desenho antigo que ele encontrou no fundo de uma das gavetas da mesa, enquanto ele trabalha no laptop.

É tão tranquilo em seu escritório. Quente e aconchegante, nós dois trabalhando silenciosamente, mas o silêncio não é desconfortável. A fazenda e a loja fecharam há uma hora e Victoria e todo o resto dos funcionários já se foram há muito tempo.

Somos apenas eu e Charlie.

Batendo minha caneta contra a borda do bloco de desenho, penso no que aconteceu antes e como basicamente me joguei em Charlie bem na frente de sua irmã e sua mãe. Isabel nunca disse nada sobre eu beijar seu filho, graças a Deus. Embora eu tenha visto o olhar consciente em seu rosto quando Charlie finalmente me soltou, me colocando de pé com cuidado, suas bochechas um pouco coradas, como se estivesse envergonhado.

Um suspiro me escapa. Puxa, ele é tão fofo. Eu o assisto agora. Sua cabeça inclinou-se sobre o laptop, o brilho da tela destacando os ângulos agudos de seu rosto. Seus cabelos caem sobre a testa e, a cada poucos segundos, ele os afasta dos olhos.

O homem precisa seriamente de um corte de cabelo.

Eu já desenhei um monte de ideias diferentes, e todas elas poderiam funcionar. Então vou parar pela noite. Joyce vai encontrar Isabel e eu aqui amanhã de manhã, e vamos planejar onde queremos que tudo fique. Os membros do conselho de artes devem nos encontrar aqui às dez e, quando tivermos a aprovação deles, o que acho que teremos, podemos lançar nosso plano de ataque.

Será um grande esforço realizar esta festa. Reorganizando tudo, tentando fazê-lo funcionar, ficar fora do caminho de Charlie, fora do caminho de todos os funcionários da fazenda. Vai ser uma loucura. Vai ser caótico.

Vai valer a pena.

Minha mente está à deriva, e penso no beijo que compartilhamos anteriormente. Embora tenha sido rápido, todo esse momento está marcado no meu cérebro para sempre. Não pude conter minha felicidade com sua resposta e me joguei nele. Vendo seu rosto bonito, seu sorriso, a facilidade com que ele me pegou nos braços, eu *sabia* que tinha que beijá-lo.

Honestamente? Eu gostaria de estar beijando-o agora.

— Você está me olhando, Gaines. — Ele murmura, seu olhar colado na tela do computador.

— Estou? — Sento-me ereta e estico os braços acima da cabeça. Agora olhe para quem está olhando. Diretamente no meu peito. — Desculpe.

— Você não parece muito arrependida. — Seu olhar trava com o meu enquanto ele fecha o laptop.

— Isso é porque eu não estou. — Eu dou de ombros. — Além disso, você estava olhando também.

— Não posso evitar. Você é bonita. — O simples elogio faz meu coração inchar.

— Você também. — Levanto e vou até a mesa, contornando-a para ficar ao lado de sua cadeira. Ele se vira para me encarar, suas pernas longas são chutadas, todo seu comportamento relaxado, seu olhar aquecido enquanto ele me absorve.

Devo dizer que gosto muito de Charlie relaxado.

— Você não deve chamar um homem de bonito. — Diz ele, inclinando a cabeça. — Você pode dar a ele um complexo.

— Duvido que esteja ferindo sua masculinidade frágil. — Provoco. Ele não é muito mandão. Ele nunca realmente tentou me dizer o que fazer, apesar de ser muito bom em me evitar quando quer.

No momento, acho que ele não quer.

Charlie estende a mão e agarra a minha, entrelaçando nossos dedos. — Eu gosto de ter você no meu escritório.

Eu levanto minhas sobrancelhas. — Você gosta?

Ele concorda. — Eu pensei que poderia falar demais, mas você não falou.

Rindo, eu aperto sua mão. — Essa é minha pior e melhor característica.

— O que? Que você fala muito?

Eu concordo.

— Isso me deixa um pouco louco às vezes. — Ele admite.

— De um jeito ruim?

Uh oh.

— Às vezes, especialmente quando nos conhecemos. Porém, na maioria das vezes, de um jeito bom. — Ele puxa minha mão, me puxando para mais perto, e abre mais as pernas para que eu fique entre elas. — Você praticamente me deixa louco o tempo todo.

Pressiono meus lábios, me perguntando o que ele quer que eu faça a seguir. Eu meio que quero subir no colo dele. Envolver minhas pernas e braços em volta dele. Beijá-lo por um tempo. Talvez fazer algumas outras coisas. Essa cadeira de mesa poderia nos aguentar?

Estou disposta a testar se ele estiver.

— Venha aqui. — Ele murmura, como se pudesse ler minha mente. Ele se senta um pouco mais reto e eu o contemplo por um momento antes de decidir ir em frente.

Subo na cadeira com ele, passando os braços em volta do seu pescoço, meu rosto logo acima do dele, pois estou com os joelhos em ambos os lados de seus quadris. A cadeira de couro preto é grande e confortável, mas não vou durar muito assim.

Charlie envolve seus braços em volta da minha cintura, seus dedos deslizando sob o meu jeans, tocando a pele nua das minhas costas. Eu tremo no primeiro contato. Seus dedos são tão quentes, como uma marca.

— Você está tentando entrar nas minhas calças, Charles? — Eu levanto minhas sobrancelhas em questão.

Um lado de sua boca se levanta, ele parece muito satisfeito consigo mesmo enquanto acaricia minha pele, logo acima da cintura da minha calcinha. — Talvez.

— Tudo o que você precisa fazer é pedir. — Eu sussurro pouco antes de mergulhar minha cabeça, minha boca fazendo breve contato com a dele antes de me afastar. — Obrigado por dizer sim esta tarde. Para a festa.

— Eu não tive escolha. Estava cercado por três mulheres fortes, determinadas a conseguir o que querem. — Ele diz no momento em que pressiona o rosto no meu pescoço, a boca na minha pele.

Eu fecho meus olhos, tremendo com o primeiro toque de seus lábios úmidos. Eu amo que ele pense que sou forte. Ninguém nunca me chamou assim antes. Geralmente sou apenas Candice útil. Candice boba. Candice feliz.

Mas é como se Charlie me visse por quem eu realmente sou, e que eu posso até fazê-lo...

Orgulhoso.

Suas mãos estão vagando, e sua boca está abrindo uma trilha de calor ao longo da minha garganta. Eu enterro meus dedos em seus cabelos grossos e macios, agarrando-o a mim.

— Você poderia ter dito não. — Digo, uma expiração trêmula me escapando quando ele morde o local onde meu pescoço encontra meu ombro. — Eu pensei que você diria.

— Descobri algo esta tarde. — Ele se afasta para que nossos olhares se encontrem.

— O que você descobriu?

— Que eu tenho dificuldade em resistir a você. — Ele me beija antes que eu possa responder, e me afogo em seu gosto. Seus lábios se movem sobre os meus, nossas línguas emaranhadas, pequenos sussurros e suspiros escapando de nós dois.

Isso é tão bom. Quase bom demais para ser verdade. O que está acontecendo agora entre nós, deveria me assustar.

No entanto, não assusta. De modo nenhum. Eu me sinto segura em seus braços. O jeito que ele me beija, como se eu fosse bonita, como se ele realmente me quisesse...

É o sentimento mais inebriante do mundo.

22

Você pensou que eu lhe daria todas as informações sobre o que aconteceu no escritório de Charlie, hein? Bem, desculpe decepcionar, mas nós apenas nos beijamos. Embora tenhamos nos beijado por muito, *muito* tempo. Até mais, desde que minha boca estava meio dolorida.

Você já beijou alguém tanto que seus lábios doeram depois? Eu nunca tinha antes, mas tenho que dizer, é uma sensação deliciosa.

Vale a pena, com certeza.

Nós também podemos ter nos tocado um pouco. Mãos aqui e ali. Em toda parte. Embora Charlie nunca tenha entrado nas minhas calças, nem perto.

Nenhuma parte do corpo exposta. Eu sei, eu sei. Também não posso acreditar. Eu tinha certeza de que algo iria acontecer.

Mas está tudo bem. Quando esta festa terminar, pretendo deixá-lo entrar nas minhas calças - calcinha - sempre que ele quiser.

Espero que ele queira muitas vezes.

23

CHARLIE

É sábado. Dia da festa de angariação de fundos, e juro por Deus, sinto que estou prestes a perder a cabeça. Nada está normal no meu dia. Nada, e eu descobri que desde que conheci Candice, sou uma pessoa que realmente depende de uma rotina diária.

Ela entrou na minha vida e arruinou minha rotina completamente.

No entanto, por algum motivo, apesar do caos e das pessoas extras sob os pés e do som irritante e repetitivo de um martelo tocando nos meus ouvidos - que diabos eles estão martelando, afinal? - estou feliz. No momento, estou assobiando enquanto trabalho, como o maldito elfo daquele filme da Disney.

Quem sou eu agora?

Decidindo que era melhor me manter fora do caminho - Deus sabe o que eu diria se estivesse lá fora, tentando ajudá-los - estou trabalhando no caixa hoje. Sim, estou pegando o dinheiro das pessoas, direcionando-as para onde ir, ouvindo as reclamações dos clientes e chamando os funcionários no rádio para coordenar a coleta de árvores nas fileiras.

Eu não trabalho no estande do caixa há anos e você sabe o que? É meio divertido. Mantém o tempo se movendo rapidamente e nunca há um momento de tédio.

Além disso, estar no edifício do caixa significa que você está no centro direto da ação. Eu posso ver como tudo acontece. E significa, que eu posso assistir Candice o dia todo.

Ela nunca, nunca para de se mover. Ou conversar. Ela está dizendo a todos o que fazer, exatamente do jeito que ela quer que eles façam, mas eles nunca ficam com raiva ou discutem. Ela é uma faladora doce. Ela pode convencê-los de que sua ideia é realmente deles, e estão perfeitamente felizes em executá-la acreditando que conseguiram o que queriam.

É meio quente, como ela pode ser comandante.

Estou terminando um cliente quando vejo Candice ao fundo com um megafone vermelho e branco na mão.

Que diabos?

Ela clica e depois começa a usá-lo. Isso é horrível. O microfone no megafone chia com retorno e o volume aumenta tão alto que sua voz fica distorcida. Os clientes ainda estão circulando e, quando ela está gritando, eles estremecem.

Eu também estou estremecendo. Porque esse megafone é uma merda. É uma porcaria muito ruim.

A tal ponto que saio do caixa, mesmo que haja pessoas na fila prontas para fazer o pagamento. Eu não ligo. Eu não aguento mais. Vou até Candice e fico na sua frente. Ela para de gritar, os olhos arregalados enquanto olha para mim, ainda segurando o megafone na boca. Estendendo a mão, encontro o interruptor e o desligo.

Problema resolvido.

Candice abaixa o megafone para o lado dela, franzindo a testa para mim com tanta força que ela está colocando aquelas pequenas rugas entre as sobrancelhas como ela faz. — Por que você fez isso?

— Para salvar minha sanidade e a de todos os outros. — Digo a ela antes de me inclinar e pressionar um beijo suave em seus lábios carnudos. — Eu posso aguentar até certo ponto, Gaines.

Ela sorri, com os olhos nebulosos. Eu tenho que admitir que o beijo foi um toque legal. — Desculpe. Eu pensei que poderia ajudá-los a me ouvir melhor.

— Mais como se o som da sua voz distorcida me faz querer sufocar alguém. Deixar o megafone salvará uma vida, Candice. — Digo a ela, minha voz muito séria, embora eu possa realmente me sentir sorrindo. — Tenho certeza que você concorda que é uma boa ideia.

Ela ri. Aponta o dedo para o céu e eu olho para cima para encontrar visco pendurado na corda das luzes acima. Antes que eu possa agir, ela me beija novamente, seus lábios persistentes. Estou prestes a alcançá-la e agarrá-la quando ela se afasta com um sorriso travesso e depois corre.

Eu a observo partir, pensando em como terminamos todas as noites nesta semana emaranhados juntos no sofá do escritório, mas na verdade ainda não fizemos a ação.

Mas eu quero. Eu quero muito, muito mesmo.

Só não no sofá do meu escritório. Eu preciso levá-la para minha casa uma noite. Não podemos ir à dela, já que ela ainda mora com os pais...

— Você gosta dela.

Eu me assusto com o som da voz da minha mãe e lentamente me viro para encará-la. — Quanto disso você viu? — Eu pergunto cautelosamente.

— Oh, eu vi e ouvi tudo, Charlie. — Ela cruza os braços, me estudando. — O que exatamente está acontecendo entre vocês dois?

Estou tentado a dizer absolutamente nada a ela. Essa é minha primeira alternativa quando se trata de relacionamentos em potencial. Negar, negar, negar.

Muito ocupado era a minha desculpa de sempre. *Não* é o *suficiente* o que eu disse a meus pais algumas vezes, o que os satisfez. Eu sou exigente desde criança. Primeiro com a comida - eu cresci com isso - e depois com as mulheres. Não quero deixar ninguém entrar na minha vida. Coloco paredes quando necessário e, com a maioria das pessoas que conheço, são sempre necessárias. Eu costumava me esconder em nosso pequeno quintal quando era criança, apenas querendo um momento para mim mesmo. Um pouco de paz e sossego, longe de todo o barulho e caos que minha família traz.

Não tive muita paz e sossego. Alguém sempre me encontrava no quintal, fosse um dos meus irmãos, um dos meus pais, um amigo que acabara de chegar, quem quer que fosse. Você não pode escapar, crescendo com minha família, e não com o trabalho que temos juntos. Estou constantemente cercado por pessoas. A menos que eu esteja no Oregon cuidando das propriedades que temos lá ou que esteja sozinho no meu apartamento. Ambas as ocorrências raras.

Mas então Candice entrou na minha vida, e mesmo que eu tentasse resistir a ela, não adiantou. Depois de um tempo, não quis resistir. Eu gosto de tê-la por perto.

Esse sentimento fica mais forte a cada dia.

— É exatamente o que você disse. — Eu finalmente digo para minha mãe com um encolher de ombros. Como se não fosse grande coisa. No fundo, eu sei que isso é um grande negócio. — Eu gosto dela, e tenho certeza que ela também gosta de mim.

Considerando a maneira entusiasmada que ela cai nos meus braços todas as noites quando finalmente estamos sozinhos, eu diria que ela definitivamente gosta de mim.

— Ela é a garota mais doce. Eu a adoro. — Mamãe diz, manobrando para que ela fique de pé ao meu lado. — Você tem minha aprovação.

— Puxa, obrigado, mãe. Eu estava preocupado com isso. — Digo sarcasticamente, fazendo-a rir.

— Você não deveria estar no caixa? — Ela pergunta, me dando um olhar torto.

Olho por cima do ombro para ver um dos outros funcionários que trabalha comigo no estande cuidando do posto que eu abandonei. — Estou coberto.

— Sorte sua, você ser o chefe. — Diz ela.

Assistimos Candice por um tempo em seu elemento, nós dois quietos. Será que eu vou me cansar de olhar para Candice? Do jeito que estou me sentindo agora, não consigo imaginar não querer ver o que ela pode fazer a seguir. Ela é muito expressiva. Ela fala com as mãos, é alta, mas não de um jeito ruim, e todas as suas emoções passam pelo rosto.

Seria tão fácil me apaixonar por ela.

Eu exalo profundamente com a realização e me lembro de desacelerar o inferno. Ainda não é necessário incluir a palavra A.

Temos tempo de sobra.

— Mas eu me sinto mal. — Mamãe finalmente diz, quebrando o silêncio.

— Sobre o quê? — Eu me viro e olho para ela.

— Eu menti para ela. Naquele dia em que ela caiu e teve a concussão? Naquele café no centro de Carmel? Depois que ela caiu, ela admitiu para mim que não conseguia se lembrar da nossa conversa antes de desmaiar. E eu... contei uma pequena mentira branca.

Eu franzo a testa. — O que exatamente você disse?

— Eu disse que ela concordou em levá-lo a todos esses eventos, Charlie, mas ela não o fez. Ela me disse que não. Eu entrei em pânico,

como acontece às vezes, e me fiz de tola completamente. A tal ponto que ela provavelmente pensou que eu estava agindo um pouco louca, e talvez eu estivesse. Mas, novamente, ela não se lembra. — Ela balança a cabeça, fazendo um ruído de zombaria.

Minha mente está cambaleando. E minha mãe está divagando. — Você *mentiu* para ela? Ela não queria fazer isso?

— Não, ela não queria. Ela recusou. Foi minha culpa, querido. Não teve nada a ver com você. Tinha acabado de sair da consulta com o meu médico, onde eles me deram toda a clareza sobre o câncer de mama, e eu estava um desastre emocional. — Mamãe suspira. — Quando ela disse que não conseguia se lembrar da nossa conversa, eu decidi seguir em frente.

Eu me viro para olhar para ela, tentando manter minha raiva sob controle. Não que eu esteja com raiva, mas caramba. Por que ela teve que fazer isso? Com a mulher que realmente estou começando a me importar. — Não acredito que você mentiu para ela.

— Foi uma decisão do momento, em que me arrependo totalmente.

Eu vejo o arrependimento escrito em todo o rosto dela. Ainda não desculpa o que ela fez.

— E agora você me fez sentir como um mentiroso também. — Acrescento, enviando-lhe um olhar aguçado.

— Você não disse isso a ela, eu disse. — Ela aponta para o peito. — Você não tinha nada com isso.

— Sim, até você me contar o seu segredo e torná-lo meu também. — Descanso as mãos nos quadris, vendo Candice conversar com sua colega de comitê de decoração, Joyce. A mulher mais velha está segurando uma prancheta como se sua vida dependesse disso. — Eu tenho que dizer a verdade.

— Oh, Charlie. — Mamãe estica a mão para descansar a mão no meu ombro. — E se isso for um erro?

— É um erro que estou disposto a cometer. — Temos que ser sinceros um com o outro. De jeito nenhum posso esconder isso de Candice. Gostaria de saber a verdade se fosse eu.

Se fosse o contrário, eu ficaria chateado por ter sido enganado assim. — Você é mais corajoso que eu. — Mamãe aperta meu ombro. — Sinto muito, Charlie.

Não digo nada e, eventualmente, ela se afasta. Vou superar minha raiva com minha mãe, mas quando eu contar a Candice o que aconteceu, ela vai superar? Ou ela vai ficar brava?

Não estou ansioso para ter essa conversa. E eu não posso fazer isso agora. Ela está muito ocupada, muito consumida com a festa de hoje à noite. Não posso distraí-la com notícias como essa.

Será que ela vai perceber que eu não tenho nada a ver com a mentira de minha mãe? Espero que ela veja que eu não estava tentando enganá-la. Tudo o que aconteceu entre nós desde que nos conhecemos foi muito natural. Nada forçado, nada falso. Eu gosto dela, ela gosta de mim, e nós vamos tentar.

Tudo muito simples, mas minha mãe apenas tornou as coisas muito mais complicadas com sua confissão.

24

CANDICE

— Oh meu deus, você está absolutamente linda.

Eu me viro para encontrar Sarah parada na porta do meu quarto, com a boca aberta enquanto ela olha para mim. — Sério Candice, esse vestido é incrível! Charlie vai morrer quando te ver. — Ela diz enquanto entra no cômodo.

Eu fui capaz de me esgueirar e ir para casa para que eu pudesse tomar banho e me preparar para esta noite. Quase tudo estava no lugar quando saí da fazenda de árvores. Muitos voluntários estavam lá, prontos para arrumar tudo assim que o lugar fosse fechado e liberado. Colocamos o que podíamos enquanto a fazenda de árvore ainda estava aberta, mas havia muito o que fazer depois de fechar.

— Você realmente acha que estou bem? — Eu me afasto do espelho de corpo inteiro que eu estava em pé na frente de Sarah, puxando a barra da minha saia. — É meio curto.

— Não é muito curto. — Sarah para na minha frente, agarrando meus ombros e me virando para que minhas costas estejam voltadas para ela. — Você está toda coberta na frente e completamente exposta nas costas. Tão sexy!

— Muito sexy? — Olho por cima do ombro, vislumbrando a parte de trás do vestido no reflexo do espelho. O decote mergulha todo o caminho pelas minhas costas. Eu não posso usar um sutiã neste vestido, mas ele se encaixa o suficiente para que meus seios não estejam indo a lugar algum. — Eu deveria ser uma senhora respeitável do conselho de artes.

— Você está muito respeitável. Todas as fotos que aparecerão serão de você de pé assim, com seu lindo vestido vermelho de lantejoulas. — Diz Sarah com segurança.

É verdade. De frente, esse vestido não é nada escandaloso. Mas é definitivamente projetado para se destacar. O tecido é completamente coberto por lantejoulas vermelhas escuras, com mangas de três quartos e um corpete que vai até o meu pescoço. A saia me bate no meio da coxa, e o vestido abraça todas as curvas que tenho.

Na verdade, eu não sabia que tinha tantas curvas.

— Você está linda também. — O vestido de Sarah é um cetim verde profundo com um cinto preto fino em volta da cintura e uma saia larga. — Eu amo a cor.

— Nós somos as cores do Natal. — Sarah nos inclina, então estamos paradas uma ao lado da outra na frente do espelho. — Precisamos tirar muitas fotos hoje à noite!

— Vamos tirar algumas agora, antes que eu precise ir. — Estou dirigindo sozinha para a fazenda, pois quero chegar cedo. Sarah e Jared estão juntos com nosso pai e Mitzi.

Sarah tira o telefone do bolso, sorrindo. — Adoro quando um vestido tem bolsos.

— Estou com ciúmes. — Digo a ela.

Nós posamos para algumas fotos no meu quarto, depois descemos para a sala de estar, onde posamos em frente à árvore de Natal gigante - falsa - dos meus pais. As cores do tema deste ano são ouro e vermelho, o cenário perfeito para nossos vestidos vibrantes.

— Eu tenho que ir. — Digo depois de verificar a hora no meu telefone. — Eu preciso chegar lá e garantir que tudo esteja indo bem.

— Eu tenho certeza que está. — Sarah me envolve em um abraço apertado. — Vai ser fabuloso, eu apenas sei.

— Espero que sim. — Digo enquanto me afasto dela. — Estou nervosa.

— Não fique! Vai ficar tudo bem.

Mais fácil falar do que fazer. Meu estômago revirou e virou todo o caminho até lá, e não comi nada. Estou meio contente com isso, considerando que posso estar me sentindo nervosa e enjoada.

Eu chego ao terreno das árvores e vejo que está iluminado ainda mais do que o habitual, e tantas pessoas zumbem que parece que a festa já começou. Estaciono meu carro e caminho em direção à frente do estacionamento, andando com cuidado nos meus saltos pretos e certificando-me de não pisar em nenhum buraco.

— Aí está você! Oh, você não está bonita? — Joyce me cumprimenta primeiro, já vestida de preto formal, seu cabelo loiro prateado puxado para trás em um coque baixo. — Eu amo essa cor em você.

Eu tenho meu casaco preto por cima do vestido vermelho. Eu meio que quero surpreender Charlie com isso, mas o fato de meu casaco estar desabotoado e as lantejoulas chamativas o torna super óbvio, então...

Sim. Não sou capaz de realmente esconder isso.

— Obrigada. Você está ótima também. — Sorrio para ela e depois olho em volta, meus olhos se arregalando enquanto absorvo tudo. — Está tão bonito!

— Não é? — Joyce está sorrindo e eu percebo que ela ainda está segurando sua amada prancheta. — Bastava um monte de luzes por toda parte. Este lugar fala por si.

— Está cheio do espírito natalino. — A música está tocando nos alto-falantes, as músicas de festas de piano jazz e Joyce está certa - há luzes em *todos os lugares.* Parece que algumas árvores foram trazidas para mais perto da entrada e estão amarradas com pequenas luzes brancas também. Assim como eu imaginava quando me encontrei com Joyce e Isabel na Starbucks no mês passado.

— É mesmo. — Joyce concorda. — E todo mundo é tão legal aqui. Você sabia que muitos funcionários da fazenda ficaram e nos ajudaram a terminar a instalação? Todo mundo é tão útil aqui. — Adoro ouvir isso. Isso significa que Charlie é um bom chefe que dirige uma equipe atenciosa.

— Isso é maravilhoso.

— Precisamos escrever um cartão de agradecimento a todos por nos ajudar. — Diz Joyce. — Tenho certeza de que poderíamos encontrar alguns cartões bonitos na Noteworthy.

— Minha amiga Caroline trabalha lá. — Ela lida com todos os convites de casamento e cartões de save the date na papelaria de Carmel.

— Talvez ela possa nos dar um desconto. — Joyce pisca. — Você deveria andar por aí e conferir tudo. Preciso ir encontrar meu marido, ele ligou e me disse que acabou de entrar no estacionamento.

Eu a assisto ir, então começo a dar a volta. Há uma estação de comida bem em frente à loja, e eu sei que a empresa de refeições mantém seus suprimentos dentro do salão, fora da loja. Nós achamos que era onde mais teria espaço.

Existem dois bares montados, um onde você passa primeiro logo que entra e outro perto da cabana do caixa. Nas fileiras reais onde estão as árvores vivas, vejo mais do que alguns com luzes multicoloridas. Lá em cima, grinaldas estão penduradas nas luzes brancas, e há um recorte de Rudolph com uma lâmpada vermelha brilhante no nariz. O rosto está cortado, junto com o Papai Noel em pé ao lado dele, e espero que nossos convidados que comparecerem hoje à noite tirem fotos de si mesmos e as publiquem em suas mídias sociais.

Ei, nós temos que espalhar a palavra sobre o conselho de artes local da maneira que pudermos. Estou reajustando o sinal festivo que Joyce fez para receber todos os nossos convidados quando ouço um assovio baixo vindo de trás de mim.

Lentamente me viro para encontrar Charlie parado lá, seu olhar apreciativo me absorvendo. E eu retribuo o favor porque, oh meu Deus, ele está bonito.

Ele está vestindo um terno preto – o paletó e tudo o que vem com ele. Uma camisa branca por baixo, juntamente com uma gravata vermelha escura que consegue combinar com o meu vestido - eu posso ter tido uma mão nisso. Ele está sorrindo para mim, seu lindo rosto barbeado e seu cabelo...

— Você cortou o cabelo! — Corro em direção a ele, estendendo a mão para poder passar meus dedos pela frente. — Está tão curto.

Estou fazendo beicinho. Seu cabelo é sua característica favorita além daqueles lindos olhos verdes. Embora realmente, se estou sendo sincera, também posso dizer que amo como ele é paciente comigo. Ele é respeitoso. Engraçado. Ele é um bom chefe - ele sabe como administrar seus negócios e gerenciar seu pessoal para que realmente gostem dele.

Quando o conheci, não achei que ele fosse nenhuma dessas coisas. Eu o considerava rude, abrasivo e resistente a mudanças. Agora percebo que ele apenas gosta de sua rotina. Ele é um desses caras.

E eu não o mudaria por nada no mundo.

— Na verdade, não. Eu mantive um pouco longo em cima. Só para você. — Seus braços se esgueiram por baixo do meu casaco para contornar minha cintura, suas mãos fazendo contato com minhas costas expostas. — Que porra você está vestindo?

Sua escolha de palavras pode parecer que ele está com raiva, mas não está. Eu acho que o choquei. Seus dedos acariciam minha pele exposta e tremo em seus braços, dando um tapinha em seu peito.

— Cuidado com o seu linguajar, Charles. Estamos em um evento de caridade.

— Não, sério. O que você tem embaixo desse casaco, Gaines? — Ele levanta as sobrancelhas, sua expressão pura curiosidade.

Meus lábios tremem e eu não posso deixar de sorrir. — Você não gostaria de saber.

— Sim, na verdade eu *adoraria* saber. — Ele levanta as sobrancelhas, os lábios curvados no sorriso mais fraco. — Então por que você não me mostra?

Virando, apresento minhas costas para ele. — Me ajude a tirar o casaco e você verá.

Ele cuidadosamente tira meu casaco de cima de mim, outro daqueles assovios baixos escapando dele quando meu vestido é revelado em toda a sua glória. — Droga, mulher, acho que você está tentando me matar.

Rindo, eu me viro para encará-lo mais uma vez, balançando a cabeça. — Não é grande coisa. Estou praticamente coberta.

— Certo. Mas, novamente, você não está. — Ele desliza o braço livre em volta de mim, a palma da mão pressionada contra a minha pele, os dedos espalhados nas minhas costas. — Eu gosto disso.

— Você gosta? — Inclino minha cabeça para trás para receber seu beijo. — Fico feliz.

— O vestido combina com você como uma luva. — A mão dele se move, correndo pelo meu lado, ao longo do mergulho da minha cintura e do contorno dos meus quadris.

— É ruim? — Eu franzo a testa, olhando para mim mesma. — É demais?

— É perfeito. — Ele beija a ponta do meu nariz. — Gosto de você. Está perfeita.

Eu me aqueço sob suas palavras, em seu tom reverente, e quão doce ele está sendo. Eu poderia me acostumar com esse tipo de tratamento.

Eu talvez queira que isso nunca pare.

— ...também queremos agradecer a Charles Sullivan e sua família por nos permitir realizar nosso evento hoje à noite em sua bela fazenda de árvores. — A presidente do Conselho de Artes da Península de Monterey está fazendo um discurso, agradecendo a todos, honrando aqueles que fizeram contribuições importantes com dinheiro ou tempo, ou uma combinação de ambos. — Senhor Sullivan, sua generosidade é muito apreciada, especialmente por oferecer este local maravilhoso para a nossa festa hoje à noite no último minuto após o infeliz incidente em nosso local original. Ouvi dizer que seus funcionários foram muito úteis na configuração, e nós apreciamos isso.

Estou em pé com o resto do conselho atrás da presidente enquanto ela fala, e eu gostaria de poder pendurar o braço nele e dizer como ele é maravilhoso, mas não posso.

Então eu torço e grito por ele.

Charlie acena para a presidente enquanto ela fala com ele, seu olhar deslizando para o meu, e eu lhe sorrio, levantando minhas mãos para que possa me ver batendo palmas para ele com entusiasmo. Seus olhos praticamente ardem quando ele me olha, e eu posso sentir meu rosto ficar quente.

A maneira como esse homem olha para mim me faz querer fugir com ele e fazer coisas malcriadas.

— E, finalmente, gostaria de oferecer um agradecimento especial a alguém que é próximo e querido do conselho de artes. Essa pessoa supera todos os anos seu apoio à nossa organização. Ela não apenas doa dinheiro, mas também doa muito do seu tempo. Ela é voluntária em eventos especiais, está no nosso conselho e está sempre liderando o caminho, formando os comitês necessários e apresentando grandes ideias. Ela também tem esse jeito de nos convencer a fazer coisas que nem sempre planejamos, mas acabam sendo incrivelmente benéficas para a causa. — A presidente, que se chama Sue e é adorável, se vira para olhar diretamente para...

Mim.

— Candice, por favor, venha aqui.

Atordoada, vou até onde ela está, piscando contra o brilho das luzes brilhantes sobre nós. Eu não posso acreditar que todas as coisas legais que ela estava dizendo eram sobre mim.

— Todo mundo, essa é Candice Gaines. Ela tem sido voluntária no conselho de artes nos últimos cinco anos, desde que ainda era adolescente e está no conselho há dois anos. — Sue desliza o braço em volta de mim, me dando uma pequena sacudida. — Nós não sabemos o que faríamos sem a sua ajuda, Candice. Às vezes, parece que a única razão pela qual ainda estamos por aí é por causa de sua dedicação.

— Aw. — Eu a abraço, lutando contra as lágrimas que querem vir. Todo mundo está batendo palmas, ouço alguém assoviar alto, e sei que é Charlie.

Quando os aplausos cessam e Sue diz a todos para aproveitar o resto da festa - e que a sobremesa está chegando em breve - deixo o grupo do conselho e vou até Charlie. Ele está de pé na frente do caixa, esperando por mim. As mãos dele estão nos bolsos e a gravata está solta. Seu cabelo está um pouco bagunçado e eu acho que é por passar as mãos por ele o tempo todo. É um pouco de mau hábito que ele tem.

De qualquer forma, ele está excepcionalmente bonito neste momento, e quando me vê, seus olhos se iluminam e ele sorri. Ele está o mais feliz que já vi.

Eu sei que estou muito feliz agora.

— Olhe para você, finalmente obtendo todo o reconhecimento que merece. — Diz ele quando me aproximo.

Sorrio e olho por um segundo, me sentindo tímida. — Não é um grande negócio.

— É um grande negócio. — Ele me envolve em seus braços no momento em que chego perto o suficiente.

— Estou tão orgulhoso de você, Gaines.

Antes que eu possa dizer qualquer coisa, ele está me beijando. E, oh, minha palavra, sinto a necessidade de descansar minha mão em cima da minha cabeça, porque sinto que pode explodir. Não é que ele fique instantaneamente profundo com muita língua, é o *jeito que* ele está me beijando. Calorosamente.

Como se ele estivesse feliz por mim. Orgulhoso.

Como se ele realmente se importasse.

Está...

Maravilhoso.

Eu quebro o beijo primeiro, pegando ar. Ele sorri para mim, seus dedos flutuando na minha bochecha, e eu sei que nunca vou esquecer o jeito que ele está olhando para mim. Agora, neste exato momento. Como se eu fosse a única coisa que importa para ele.

— Você também foi reconhecido. — Eu lembro quando finalmente recupero o fôlego. — Você nos resgatou a tempo.

— Eu nem queria fazer isso. — Diz ele com uma risada.

— Porque sua resposta automática é sempre não. — Começo a rir e me inclino para ele, um pequeno gemido me escapando quando ele desliza os dedos pelo centro das minhas costas nuas. — Isso é bom. — Murmuro.

— Você está usando sutiã por baixo disso? — Ele levanta uma sobrancelha.

Lentamente, balanço a cabeça. — Não posso, já que o vestido está com as costas toda aberta.

— Eu percebi isso. — Lá se vai a coisa ardente em que ele é tão bom novamente. — Você quer ir para minha casa quando isso acabar?

Sim! Sim! Sim! Sim! É o que eu quero dizer. Mas, em vez disso, eu jogo legal. Inclino minha cabeça. Contemplando-o por um segundo. — Claro. — Oh, eu pareço tão casual. Bom para mim. — Mas eu ainda não conheci seu irmão.

O famoso Russell Sullivan Jr. é o único Sullivan que eu não conheci. Quando perguntei a Charlie por que ele não recebeu o nome de seu pai, ele disse que se esquivou de uma bala, o que eu achei engraçado. O pai de Charlie é tão legal e, claro, acho que é o mundo de sua mãe. Apresentei Charlie a meu irmão e Sarah - meu pai e Mitzi também estavam lá. Todos eles conversaram por um bom tempo, o que me deixou nervosa, porque tive que deixá-los para cuidar de outro assunto, mas eu não deveria ter me preocupado.

Charlie encantou cada um deles.

— Ele está por perto. — Charlie me segura, embora ele ainda esteja com a mão apoiada nas minhas costas. — Quer que eu vá encontrá-lo?

— Em um minuto. — Eu me aconchego perto dele, assistindo tudo o que está acontecendo ao nosso redor. Há tantas pessoas aqui, e a música está tocando e todo mundo está conversando, bebendo e rindo. É maravilhoso.

Eu nunca me senti tão contente.

— Aí estão vocês. — Reconheço a voz de Isabel, e nós dois nos viramos para assistir enquanto ela caminha até nós. — Candice, esta foi uma festa incrível.

— Obrigada. — Eu sorrio para ela. — E obrigada por nos permitir fazê-la aqui. Por me ajudar a convencer Charlie.

Isabel ri. — Claro. — Ela fica sóbria imediatamente. — Espero que vocês dois tenham tido a chance de discutir o que Charlie e eu fizemos. Sobre você.

Eu franzo a testa. — Do que você está falando?

Charlie fica completamente rígido. — Mãe. Agora não.

— Você não contou a ela? — Isabel balança a cabeça e dá alguns passos trêmulos em nossa direção. Ela está embriagada? — Oh, Charlie. Você tem que ser honesto com ela.

O medo faz meu coração parecer que caiu nos dedos dos pés. — Honesto sobre o que?

— Eu vou te contar mais tarde. — Ele desliza o braço em volta dos meus ombros, mas eu me afasto de seu toque, virando para que possa olhar para ele e ver a culpa se espalhar pelo seu rosto.

— Diga-me agora, Charlie. Por favor. — Estou com medo. Do que eles estão falando?

— O dia em que você desmaiou no Sweet Dreams... — Isabel começa inspirando profundamente antes de começar a falar novamente. — Eu menti para você.

Balanço a cabeça. — Sobre o que?

— Você não concordou em ajudar meu Charlie. Foi por isso que nos encontramos, para que você pudesse me dizer não. Você não queria ter nada a ver com o meu plano. Eu tentei convencê-la a nos ajudar. Eu tentei de tudo, mesmo mencionar o meu susto de câncer. — Ela faz uma pausa. — Não estou orgulhosa desse momento.

A memória volta instantaneamente. De mim e Isabel conversando no café, como ela me seguiu para fora e como estava louca. O que ela estava dizendo.

Os resultados chegaram e, em vez de me falar por telefone, eles queriam falar comigo. Cara a cara. Isso nunca é bom, certo? Eles originalmente pensaram que eu poderia ter câncer.

— E você não queria nada comigo. Não que eu possa te culpar. Eu estava agindo... um pouco desequilibrada. — Diz Isabel.

Por isso desmaiei. Foi a palavra *câncer* que fez isso comigo. Eu não reajo bem a essa palavra. Tem muitas lembranças ligadas a ela, e cada uma delas é ruim, lembrando-me de minha mãe.

— Então, quando você me disse que não conseguia se lembrar por que nos encontramos, eu... fingi um pouco. Disse que você concordou em ajudar Charlie e em apresentá-lo a pessoas com conexões, e você acreditou em mim. Você fez dele e de nossa família sua causa número um da temporada. — Isabel sorri, apertando as mãos na frente dela. — E agora olhe para você também. Vocês estão juntos de verdade e não é a coisa mais doce?

Eu olho para Isabel, incrédula, enquanto suas palavras penetram. Ela *mentiu.*

E Charlie sabia o tempo todo?

— Então você o vendeu para mim como se ele fosse algum tipo de caso de caridade? — Pergunto a Isabel.

Ela pisca para mim, chocada com minhas palavras, tenho certeza, mas caramba. Apenas ouça ela. O que ela está dizendo é...

Horrível.

Eu pensei que gostava de Isabel, mas não tenho tanta certeza depois de ouvir isso. E Charlie?

Eu arrisco um olhar para ele, vejo a culpa e a miséria nublando seus lindos olhos verdes. — Você sabia disso?

— Cand...

— Você sabia e não me contou? — Não importa que eu o interrompa. Ele *sabia.*

E ele não fez nada. Apenas me deixou acreditar que eu estava ajudando-o a sair pela bondade do meu coração quando sua mãe realmente me enganou.

Significando que *ele* me enganou.

— As pessoas aproveitam meu espírito generoso o tempo todo. — Digo a ambos, levantando meu queixo, levantando-me o mais reta que posso. Eu preciso parecer forte para me sentir capaz de fazer esse pequeno discurso.

Estou tão perto de desmoronar.

— Mas vocês levaram isso longe demais. Especialmente você, Isabel. Eu pensei que você era melhor do que isso. — Meu olhar encontra o de Charlie, e eu engulo o nó repentino na minha garganta. Só olhar para ele está partindo meu coração. — Eu pensei que você era melhor do que isso também.

Antes que ele possa dizer qualquer coisa, antes que ele possa se defender ou a mãe ou as ações deles, eu me viro.

E vou embora.

25
CHARLIE

Não vejo Candice há uma semana e isso está me matando lentamente.

Sim, sim, eu estive ocupado no trabalho. Está realmente movimentado, com toda a publicidade que recebemos por ter o evento de arrecadação de fundos na fazenda. Temos a exposição das estações de notícias de TV locais, o jornal, alguns blogueiros locais e toneladas de fotos em todos os lugares. É como se todo mundo soubesse das nossas propriedades de árvores na cidade, mas todos meio que se esqueceram da fazenda.

Bem, eles não se esqueceram agora. O lugar está cheio de pessoas, todos os dias. À medida que relaxamos e nos aproximamos do Natal, torna-se ainda mais intenso. Elas não estão apenas comprando árvores, estão comprando presentes, decorações, o que você quiser, elas estão procurando.

E elas estão procurando na loja de Victoria. Ela está ficando sem estoque e está quase louca com isso. Estou feliz por ela. Estou feliz por nós, pelos nossos negócios. Mas eu também estou...

Porra, miserável.

Sinto muita falta de Candice. Eu sofro com a necessidade de vê-la. Eu também estou com raiva da minha mãe. E não a vi muito, depois que ela jogou a bomba da verdade sobre Candice e a mandou fugindo pela noite.

Eu a persegui, mas quando a alcancei, ela já estava em seu carro, saindo do estacionamento como um morcego saindo do inferno. Ela nem sequer olhou para mim. Embora talvez ela também não tenha me visto.

Inferno, eu não sei.

Tudo o que sei é que sinto falta dela e estraguei tudo. Acabou. Nós terminamos.

É um dia ensolarado, embora faça frio, e estou do lado de fora do galpão da entrada, tentando descobrir por que um conjunto de luzes não acende, apesar do disjuntor estar ligado. Estou trabalhando com Jonesie, nossas cabeças inclinadas sobre o painel elétrico enquanto continuamos

apertando os interruptores, quando juro que ouço alguém dizer meu nome.

Levantando olho em volta, mas não vejo nenhum rosto familiar, então retomo o que estou fazendo, Jonesie e eu ficamos ainda mais irritados um com o outro, já que não podemos descobrir o que esta acontecendo.

— Você é um homem difícil de encontrar. — Viro-me para ver uma mulher parada lá, me olhando. Ela é linda. Mais alta que Candice, com olhos castanhos claros e cabelos castanhos dourados e uma constituição esbelta. Se ela quisesse, poderia tentar me levar em uma briga.

— Posso ajudá-la? — Eu não a reconheço, mas por algum motivo estranho, ela me faz pensar em Candice.

— Eu ouvi que você gosta de café com leite de gengibre.

Meu olhar vai para a xícara de café de papel que ela está segurando. — Onde você ouviu isso?

— Eu sou sua fabricante de café com leite de gengibre. — Ela oferece o copo para mim. — E isso é para você.

Espere um minuto. A pessoa que faz o café com leite era uma das amigas de Candice, o que significa que eu tenho que perguntar... — Você o envenenou?

Ela ri e balança a cabeça. — Não, mas talvez eu devesse? Você deixou Candice muito triste.

Pego o copo dela e trago para minha boca, tomando um gole rápido. Porra, essa merda é boa. — Não sei por que você está dando isso para mim, mas obrigado.

— Seja bem-vindo. Eu sou Stella, a propósito. E trouxe o café para você na esperança de convencê-lo a falar comigo por alguns minutos. Ouvi dizer que você está mal-humorado, então queria fazer uma oferta de paz.

Eu franzo a testa. — Quem disse que estou mal-humorado? — Jonesie bufa atrás de mim, mas eu o ignoro.

— Candice.

— Você está falando sobre Dolores? — Jonesie pergunta.

Estou prestes a corrigi-lo quando me lembro que esse é o nome que Candice deu para me enganar para vê-la. A primeira vez que ela esteve aqui na fazenda.

Deus, dói lembrar daquele momento. Eu fui um idiota total, ela foi completamente adorável, e de alguma forma me convenceu a ir com ela para a iluminação da árvore.

— Sim, Dolores. Também conhecida como Candice. — Digo a ele.

— Ela é uma graça. Parecia ter seu caminho em você. — Jonesie diz, alheio ao olhar mortal que estou dando a ele no momento. — Eu gosto do espírito dela.

Eu também.

— Ela é um ser humano maravilhoso. — Diz Stella, enviando-me um olhar aguçado. Tomo meu café com leite e fico quieto.

— Ela te fez bem, chefe. Deixou você menos ranzinza. — Acrescenta Jonesie.

— Você não tem algo que precisa fazer? — Eu o envio um grunhido de frustração.

— Eu pensei que você queria que eu trabalhasse nisso. — Ele acena com a mão para caixa do disjuntor, sua expressão confusa.

— Volte em quinze. Acho que Victoria precisa da sua ajuda para mover alguma coisa. — Digo a ele, enviando-o pelo caminho.

Eu gosto muito de Isaac Jones, mas ele tem ouvidos e boca. Ou seja, ele ouve bem de perto e gosta de conversar.

Muito.

— Por que você está evitando-a? — Stella pergunta no momento em que Jonesie está fora do alcance da voz.

— Eu não estou... — Eu começo, mas Stella balança a cabeça, me cortando.

— Besteira. Você não ligou, você não enviou uma mensagem. Ela está arrasada. *Quebrada*. — Stella está me apunhalando no coração com cada palavra que diz. — Você sabe por que ela se mantém tão ocupada durante as férias, certo? Então ela não precisa enfrentar as memórias de sua mãe

perdida todos os anos. Ainda é doloroso para ela, mesmo depois de todo esse tempo. Ela preenche suas horas com trabalho voluntário e comitês de decoração e cargos no conselho, para manter a mente ocupada e se concentra em dar aos outros no Natal.

Eu achei que era isso. Depois daquela noite, quando a trouxe para cá e nos beijamos em seu carro pela primeira vez, eu sabia que ela ainda sofria pela perda de sua mãe.

Sabendo que ela está sofrendo ainda, me faz sofrer também. E saber que sou parcialmente responsável por sua dor?

Isso a torna dez vezes pior.

— Tudo o que ela quer, é fazer as outras pessoas felizes. E sua felicidade a torna feliz. Bem, adivinhe, filho da puta? Você começou a fazê-la feliz, ela estava na lua sobre você, *Charles.* — Ela cospe meu nome e eu literalmente dou um passo para trás. — E então essa merda com você e sua mãe mentindo para ela aconteceu, e agora ela está enrolada em uma bola em sua cama em seu quarto neste exato momento. Ela não vai parar de assistir esses filmes de Natal da Hallmark, pensando que eles vão fazer tudo melhor, mas eles não vão. É horrível.

— O que eu tenho que fazer para corrigir isso? — Pergunto quando há uma pausa na nossa conversa unilateral.

— O que você acha que deveria fazer? — Stella levanta as sobrancelhas.

— Eu queria ir até ela, mas... — Paro de falar, percepção me atingindo. Esse é meu jeito. Isto é o que eu normalmente faço. Eu desligo as pessoas. Eu escolhi me concentrar no meu trabalho, me mantendo ocupado, para não ter que sentir a dor de perder Candice. E enquanto isso é uma coisa de merda e eu sou uma pessoa de merda por fazer isso, talvez seja uma coisa positiva que eu reconheça minhas falhas?

Eu explico tudo isso para Stella, sem deixar de fora um detalhe, e sua expressão se torna menos severa a cada palavra que digo, o que considero um bom sinal.

— Eu só tenho uma pergunta. — Diz ela quando eu termino de falar.

— Vá em frente.

— Você mentiu para ela? Sobre o que sua mãe fez com ela?

— Não. — Eu balanço minha cabeça. — Eu só descobri um pouco antes de Candice. E ela estava tão estressada com a festa do conselho que não queria sobrecarregá-la com isso. Eu planejava contar a ela alguns dias depois da festa, quando tudo se acalmasse.

Stella assente uma vez, parecendo satisfeita com a minha resposta. — Eu tenho mais uma pergunta.

— O quê? — Eu pergunto fracamente.

— Por que diabos sua mãe fez isso?

Eu tenho tentado descobrir isso sozinho. — Eu acho que às vezes minha mãe... toma decisões precipitadas que acabam mordendo sua bunda.

— Parece que foi você quem levou uma mordida na bunda, graças à decisão de sua mãe. — Stella diz com uma pequena fungada.

— Verdade. — Era como a noite da arrecadação de fundos, ela estava querendo se desculpar com Candice, mas tudo saiu errado. Além disso, ela estava um pouco bêbada. Sei que não é uma desculpa, mas não sei mais como explicar.

Estou começando a pensar que preciso colocar ainda mais limites com minha mãe. Não que nosso relacionamento esteja arruinado por causa disso, mas não posso tê-la se intrometendo nos meus negócios e essencialmente tentando destruir quaisquer relacionamentos que eu possa ter.

Pelo que sei, ela já pode ter destruído.

— Você deveria ir até ela. — Diz Stella em voz baixa. — Explique o que aconteceu. Ela vai ouvir você.

— Você tem certeza?

— Sim, tenho certeza. — Ela caminha até mim e enfia o dedo indicador na minha cara. — Não estrague tudo, Charles.



CANDICE

Eu não sei se posso assistir outro filme doce de Natal.

Eles são todos maravilhosos, e todos terminam do mesmo jeito - declarações de amor verdadeiro e um beijo doce, como Stella se referiu a ele naquele momento em que eu alegava que minha vida havia se transformado em um filme da Hallmark.

Por um tempo, pareceu um. Ajudei a família de Charlie a uma a divulgar a fazenda de árvores de Natal e nós continuávamos passando um tempo lá. Quero dizer, quão grande foi isso?

Mas agora ele não fala comigo e eu tenho medo que ele tenha sido desonesto e nosso relacionamento acabou. Minha vida agora se transformou em um filme desastroso.

Bem, talvez não. Acho que precisaríamos de uma ex-namorada com raiva aparecesse e me perseguisse. E que me quisesse morta.

Não, obrigada.

Suspirando, pego meu cobertor favorito e o coloco em volta dos meus pés. Estou sentada na sala sozinha, e o sol está quase se pondo, seus últimos raios lançando uma luz dourada através da janela gigante que dá para o oceano e obscurecendo a tela da TV. Então coloquei o filme em pausa e esperei.

Meus pais saíram da cidade no final de semana para Tahoe para passar um tempo com os amigos. Todos as minhas amigas estão trabalhando, já que estão no varejo e, olá, é a época mais movimentada do ano. Eleanor está fazendo penteados elaborados para festas de fim de ano, então até a minha romântica favorita está ocupada demais para vir comer pizza e assistir a outro filme.

É sábado e eu deveria estar no desfile do barco iluminado pelo porto hoje à noite, mas esqueça. Não tenho com quem ir. Isso nunca me parou antes, mas fui arruinada.

Arruinada por Charlie.

Verifico o guia na minha TV, mas não há mais nada.

Acho que são mais filmes açucarados para mim. Há uma estreia hoje à noite, então dedos cruzados, para que seja bom.

Estou pensando em pedir uma pizza, embora não esteja com tanta fome, quando vejo um carro estacionando na entrada de automóveis. Sento e fico olhando pela janela, mas não consigo distinguir que tipo de carro é ou quem pode ser.

O estranho é que nosso portão está fechado e eu não deixei ninguém entrar. Esses não são meus pais, porque eles estacionam na garagem. Todas as minhas amigas estão ocupadas, e eu sei que meus irmãos não apareceriam magicamente porque esse não é o estilo deles. Eles gostam de me avisar da presença deles.

Então quem poderia ser?

Ainda bem que ainda não acendi a lâmpada, paro a TV novamente e me arrasto até a janela, tentando ver quem é. Meu coração dá um pulo quando vejo que é um caminhão gigante estacionado em nossa entrada circular, e quando vejo aquele corpo familiar sair dele e bater à porta, meu coração parece estar na minha garganta.

É o Charlie.

Eu fecho minhas mãos em punhos, desejando poder dar um soco nele. Por que ele está aqui? O que ele poderia ter a dizer? Não quero ouvir as desculpas dele. Eu o superei.

Por outro lado, estou tão feliz que ele esteja aqui. Estou desesperada para ouvir o que tem a dizer e quero tanto ele de volta na minha vida que faria quase qualquer coisa.

A campainha toca e meu pulso dispara. Eu vou até a porta, destranco todas as fechaduras e a abro para encontrá-lo em pé na minha porta, e oh cara, ele parece bem. Soprado pelo vento e cansado, seu jeans sujo e sua camisa de flanela aberta na gola, revelando a camiseta branca que ele está vestindo por baixo. Ele está com suas botas de trabalho desajeitadas e o cheiro de pinheiro se apega a ele, como sempre.

Meu coração dói só de olhar para ele.

— Sinto muito. — Essas são as primeiras palavras que saem da boca dele. — Eu sou um idiota por não ligar ou mandar uma mensagem.

Eu apenas... elevei aquelas paredes como sempre faço e tentei o meu melhor para esquecer você.

Ai. Isso machuca.

— Mas não posso te esquecer, Candice. Não importa o quanto eu tente. E sei que não nos vemos há tanto tempo, e não mereço outra chance contigo, mas se você puder me deixar explicar tudo para...

— Entre. — Abro a porta e seu queixo parece pronto para bater no chão. — Depressa, está frio aí fora.

Ele entra e eu fecho e tranco a porta, inclinando-me por um momento para me recompor. As mesmas palavras continuam correndo pela minha cabeça.

Ele está aqui, ele está aqui, ele está aqui!

Eu não posso ficar muito animada com isso, no entanto. Ainda não.

— Você quer algo para beber? — Eu pergunto enquanto caminhamos pelo vestíbulo. — Um copo de água ou algo assim?

— Não. — Ele me pega pelo braço, seus dedos se curvando ao redor da dobra do meu cotovelo. — Eu só quero falar com você, Candice. E dizer como me sinto.

Nós olhamos nos olhos um do outro e eu me perco por um momento. Há uma intensidade em seu olhar hoje à noite, uma que eu nunca vi antes. Ele parece determinado.

Determinado a me reconquistar?

Sento no sofá e ele escolhe a cadeira em frente a ele. Eu acendo a lâmpada, iluminando a sala com luz, e ele nem olha em volta ou verifica a árvore que agora brilha na frente da janela - obrigado, cronômetros automáticos, por ligar e desligar a árvore. O foco de Charlie está totalmente em mim.

— Minha mãe me disse que mentiu para você sobre me ajudar apenas algumas horas antes de lhe contar. — Ele começa indo direto ao ponto. — Eu ia te contar depois da festa. Eu sei que você estava estressada com o planejamento e a reorganização.

— Eu estava. — Eu limpo minha garganta, odiando o quão áspera minha voz soa. Mas estou emocionada agora. Apenas tê-lo aqui é... muito.

— A maneira como minha mãe se aproximou, me arrastou. E eu também sinto muito por isso. Me desculpe, eu te evitei. Eu sei que deveria ter vindo até você antes. Esse grande problema poderia ter sido resolvido com uma conversa simples, eu entendo. — Ele abaixa a cabeça, olhando para o chão por um momento antes de olhar de volta para mim. — É isso que eu faço quando se trata de relacionamentos.

Eu franzo a testa. — O que você quer dizer? O que você faz?

— Eu entro em pânico. Me preocupo com uma mulher querendo muito do meu tempo, então a afasto. O fato é que eu gosto de passar todo o meu tempo com você. — Seus lábios se curvam nesse sorriso quase inexistente, e vê-lo me deixa sem fôlego. — Eu não queria te afastar. Mas depois do que aconteceu naquela noite e você sair, eu caí imediatamente nos meus velhos hábitos.

Eu entendo isso. Charlie é um homem que vive na rotina. Afastei-o de sua agenda, e isso o assustou a princípio. E então, quando eu fugi dele, ele voltou à sua rotina.

— Então você não mentiu para mim, mantendo o que sua mãe fez de mim? — Eu pergunto, querendo uma resposta firme.

— Não. De jeito nenhum. Ela fez isso... ela estava tentando me ajudar, e toda a família, realmente. Acho que ela se sente péssima com isso.

— Você não falou com ela sobre isso?

— Eu não conversei com ela. Estou muito chateado.

— Oh Charlie, é Natal. E ela é sua mãe. — Enquanto estou chateada com o que a mãe de Charlie fez e não entendo bem os motivos de Isabel, ainda acho que ele precisa procurá-la.

Eu daria qualquer coisa para falar com minha mãe apenas mais uma vez, mesmo se estivéssemos brigando.

— Eu a perdoarei eventualmente. Eu apenas só, não sei quando. — Ele balança a cabeça, fechando a olhos quando cai de volta na cadeira. — Não quero perder você, e se eu perder, ela é parcialmente culpada.

Isabel Sullivan e eu vamos resolver isso. Suas ações me confundem, e sinto que ela pode ser uma daquelas mães controladoras, o que é aterrorizante, mas acho que Charlie vale a pena.

Eu sei que Charlie vale a pena.

Sem pensar, vou até ele, ajoelhando-me na frente dele para poder descansar as mãos em suas coxas. — Você não me perdeu.

Seus olhos se abrem e ele olha para mim, as sobrancelhas abaixadas como se estivesse confuso. — Eu não perdi?

Lentamente, balanço a cabeça, amando a sensação sólida dele sob minhas mãos. — Não. Eu ainda sou sua se você me quiser.

— Se eu quero você? — Ele ri e, em seguida, a próxima coisa que sei é que está me abraçando e me puxando para seu colo, me segurando tão perto que quase não consigo respirar. — Deus, Candice, eu senti tanto a sua falta.

— Eu também senti sua falta. — Eu pressiono minha bochecha na dele, respirando seu perfume delicioso. — Não podemos fazer isso de novo.

— O que?

— Fugir dos nossos problemas e afastar as pessoas. — Beijo sua bochecha uma vez. Então, novamente, meus lábios se demorando em sua pele áspera. — É bobo.

— Hey. — Ele se afasta de mim e segura meu rosto com as mãos grandes, seu olhar sério quando encontra o meu. — Você não é boba. Você sabe disso, certo?

Concordo, pressionando meus lábios para não chorar. Porque ele vai me fazer chorar agora. Eu posso sentir isso.

— Você é inteligente e generosa, e você é uma luz tão brilhante, Candice. As pessoas querem estar perto de você o tempo todo porque é muito legal, e você apenas faz as pessoas se sentirem bem, sabia? — Ele se inclina e me beija, o beijo mais doce e gentil que já experimentei.

Direto de um filme da Hallmark, eu juro.

— Quando te vejo, não posso deixar de sorrir. Toda maldita hora. — Ele sussurra nos meus lábios antes de me beijar novamente. — Eu nunca quero perder isso. Perder você.

— Eu também não quero te perder. — Deslizo meus braços em volta do pescoço dele, enterrando meus dedos em seus cabelos macios. — Eu quero que você seja meu presente de Natal.

— Sério? — Ele me beija novamente, este com um pouco de língua, e eu não posso deixar de tremer.

— Sim. Tudo que eu quero no Natal é você.

Outro beijo longo e viciante depois, é quando ele quebra o beijo, e está franzindo a testa para mim. — Esse não é o nome de uma música?

Eu rio. — Sim, é. Uma das minhas favoritas.

— Realmente? Acho que vou precisar que você me faça uma lista de reprodução dos seus favoritos para que eu possa reproduzi-los nos alto-falantes da fazenda.

Meu coração aperta e eu ofego. — Você faria isso por mim?

Ele estende a mão e toca o canto da minha boca. — Eu faria qualquer coisa para ver esse seu sorriso, Gaines.

Oh meu Deus, eu sou seriamente a garota mais sortuda de *todos os tempos.*

Feliz Natal para mim.



CHARLIE

VÉSPERA DE NATAL

— Você está seriamente me fazendo entrar em sua casa com os olhos cobertos?

Desligo o motor do caminhão. — Sim. Espera aí, eu vou te guiar.

Eu pulo para fora do caminhão e corro em torno dele para o lado do passageiro, abrindo a porta e vendo Candice olhando para mim. Não que eu possa vê-la olhando, já que há uma gravata preta enrolada em sua cabeça para cobrir os olhos.

Mas posso sentir esse brilho atravessando o tecido. Minha garota está irritada.

Cuidadosamente, eu a conduzo para fora do caminhão, usando qualquer desculpa que possa encontrar para tocá-la em todos os lugares. Ela afasta minhas mãos quando chego perto de um lugar próximo e pessoal, e tudo o que posso fazer é rir.

Acho que não ri tanto a vida inteira até Candice entrar nela. Ela me faz tão feliz.

— Que surpresa você tem para mim, afinal? — Ela pergunta enquanto eu a conduzo da garagem para a lavanderia e depois para a cozinha.

Estamos no meu apartamento, e seu presente surpresa de Natal está esperando por ela na minha sala de estar. Eu tive Victoria para me ajudar a configurá-lo hoje cedo, levando-a para longe da loja, que ela ficou feliz pelo intervalo. Stella e Sarah também me ajudaram, fornecendo alguns itens aos quais, de outra forma, eu não teria acesso.

São mulheres legais e boas amigas para Candice. Eu gosto de saber que ela tem um grupo de apoio tão sólido. Todas as velhinhas com quem ela frequenta suas várias instituições de caridade também a amam. Todo mundo ama Candice.

Tenho certeza de que estou a caminho de amá-la.

— Não estou dizendo uma palavra. Você verá em um minuto. — Eu finalmente digo, deslizando meu braço em volta da cintura dela e levando-a para a sala de estar. Aperto o interruptor na parede e a árvore especial que eu trouxe antes acende, lançando a sala inteira em um brilho etéreo.

— OK. Espere. — Eu solto meu abraço dela e desfaço o nó, a gravata caindo dos olhos dela. — Surpresa.

Ela pisca uma vez. Duas vezes. Então se vira para mim. — O que é isso?

— Uma árvore especial. Só para você. — Digo suavemente.

Seus flocos brancos - de verdade, é claro, nós Sullivans não fazemos árvores falsas - e há tantas luzes malditas, Jonesie e eu quase nos matamos quando as prendemos nos galhos hoje de manhã.

Há pelo menos trinta ornamentos de asas de anjo pendurados nela. O mesmo ornamento que ela pediu naquela noite, eu disse que ela poderia escolher qualquer coisa e seria dela. Também há flocos de neve iridescentes que brilham quando as luzes os atingem e uma variedade de ornamentos com moldura prata.

Lentamente, ela caminha até lá, os lábios entreabertos, aqueles olhos castanhos aveludados arregalados. Ela estende a mão e toca um galho, inclinando a cabeça para olhar o ornamento pendurado ali. Um suspiro a deixa e ela cobre a boca com os dedos.

— Onde você achou isso? — Ela aponta para o enfeite prata com a foto dentro.

— Sarah conseguiu isso com Jared.

É uma foto de Candice e seus irmãos, Jared e Kevin, e sua mãe.

— Isso foi tirado no Natal. — Ela puxa o enfeite do galho, segurando-o com as mãos cuidadosamente enquanto olha para a imagem. — Uau, eu pareço muito com ela.

— Você parece. — Ela é a imagem exata de sua mãe. Aproximo-me da árvore, parando ao lado dela.

— Você fez tudo isso por mim? — Ela acena com a mão para a árvore, seus olhos brilhando com lágrimas e, pela primeira vez, suas lágrimas não machucam meu coração.

Assentindo, aponto para outro ornamento que contém outra foto. — Há mais fotos, Gaines. Você precisa vê-las.

Tantas fotos. Eu as imprimi em preto e branco, para não atrapalhar meu esquema de cores - esse conselho foi de minha irmã - e Sarah e Jared me deram tantas. Há fotos de sua mãe sozinha, quando jovem, quando se casou com seu pai, quando teve seus bebês. Fotos de família de uma mulher que foi levada muito cedo, cuja memória tem sido dolorosa para Candice suportar.

— Ela amaria tanto você, Candice. — Eu digo baixinho enquanto ela chora sobre as fotos. — Ela ficaria orgulhosa de você também, assim como todos nós.

— Sinto falta dela. — Diz ela em um soluço. Ela balança a cabeça, lágrimas caindo por suas bochechas. — É difícil pensar nela, e como ela não está aqui.

— Você precisa pensar nela, especialmente nesta época do ano. Mantenha as tradições e a memória dela vivas, não apenas para você, mas para seus irmãos e seu pai, e um dia para seus filhos. — Estou me arriscando com esse presente. Não quero magoá-la ou irritá-la, como se estivesse forçando-a a pensar em sua mãe.

Mas acho que ela precisa disso. Para ajudá-la a se lembrar. Para ajudá-la a lidar. Por fim, fazê-la sorrir quando pensar em sua mãe, em vez de guardar as lembranças e fingir que elas não existem.

Sento na cadeira mais próxima da árvore, enquanto ela olha para cada foto, demorando-se em algumas e contando histórias. Ela ri entre lágrimas, chora um pouco mais e, quando olha para cada foto e diz tudo o que tem a dizer, finalmente chega a mim e se acomoda no meu colo, apoiando a cabeça no meu peito enquanto olhamos a bela árvore.

— Você cheira como uma floresta. — Diz ela.

— Eu sei. — Eu beijo sua testa. — Você gostou do seu presente?

Ela levanta a cabeça para olhar para mim. — Eu amei. É difícil ver todas essas fotos, mas sinto que ficará mais fácil com o tempo.

— Você pode pendurar esses enfeites todos os anos em sua memória. E contar suas histórias todos os anos também. — Eu passo a mão sobre o cabelo dela, colocando-o atrás da orelha. — Ela precisa ser compartilhada, você não acha? Não esquecida.

As lágrimas começam novamente e ela assente, depois se inclina para pressionar sua boca contra a minha.

— Eu acho que poderia me apaixonar por você, Charles. — Ela sussurra.

— Eu tenho certeza que também poderia me apaixonar por você, Gaines. — Eu sussurro de volta.

Ela se afasta, um sorriso curvando seus lábios exuberantes. — Eu recebo uma árvore grátis todos os anos agora?

Droga, me dói um pouco dizer isso, mas... — Sim. Certo.

Ela começa a rir. — Você odiou dizer isso, não é?

— Você já me conhece tão bem. — Eu admito com uma risada. — Mas você precisa entender uma coisa sobre esses flocos. Eles não são baratos.

— Mas eu valho a pena, certo? — Ela bate os cílios para mim.

— Sim, vale a pena. — Eu a encontro em meus braços. — Feliz Natal, Candice.

— Feliz Natal, Charlie.

Fim